

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

ELDER JOSÉ FÉLIX

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória – 30/06/2016.



A PARTICIPAÇÃO E O DISCURSO DOS EVANGÉLICOS FRENTE ÀS
MANIFESTAÇÕES DE 2013

Faculdade Unida de Vitória

Vitória
2016

ELDER JOSÉ FÉLIX

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória – 30/06/2016.

A PARTICIPAÇÃO E O DISCURSO DOS EVANGÉLICOS FRENTE ÀS
MANIFESTAÇÕES DE 2013



Trabalho Final de Mestrado
Profissional para obtenção do
grau de Mestre em Ciências
das Religiões, da Faculdade
Unida de Vitória.

Programa de Pós-Graduação
Linha de Pesquisa:
Análise do Discurso Religioso.

Orientador: Dr. Wanderley Pereira da Rosa

Vitória
2016

Félix, Elder José

A participação e o discurso dos evangélicos frente às manifestações de 2013 / Elder José Felix. -Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2016.

ix, 111 f. ; 31 cm.

Orientador: Wanderley Pereira da Rosa

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2016.

Referências bibliográficas: f. 108-111

1. Ciência da religião. 2. Discurso religioso. 3. Manifestações sociais. 4. Evangélicos do Brasil. 5. Participação da igreja. - Tese.
I. Elder José Felix. II. Faculdade Unida de Vitória, 2016. III. Título.

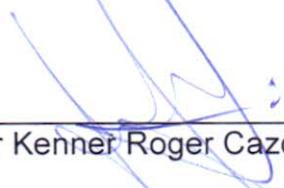
ELDER JOSÉ FELIX

A PARTICIPAÇÃO E O DISCURSO DOS EVANGÉLICOS FRENTE ÀS
MANIFESTAÇÕES DE 2013

Dissertação para obtenção do grau de
Mestre em Ciências das Religiões no
Programa de Mestrado Profissional em
Ciências das Religiões da Faculdade Unida
de Vitória.



Doutor Wanderley Pereira da Rosa – UNIDA (presidente)



Doutor Kenner Roger Cazotto Terra – UNIDA



Doutor Julio Cezar de Paula Brotto – UNIDA

AGRADECIMENTOS

Já dizia o grande poeta Fernando Pessoa: “Tudo vale a pena, se a alma não for pequena!”

Quero parafrasear esse poeta e dizer: E como vale a pena! A caminhada foi árdua, mas a alegria de alcançar mais um degrau... A sensação de dever cumprido... Nada disso tem preço!

Neste momento, queria transcender o universo mágico das palavras e encontrar uma forma singular de agradecer aos que caminharam comigo. Como não há palavras suficientes para traduzir imensa gratidão, limito-me a dizer:

Deus, obrigado por estar comigo sempre... por ter me concedido o privilégio de existir e de estar vivendo mais uma etapa importante na minha vida!

Família, a cada um de vocês que me proporcionou tranquilidade e segurança, que me cobriu de afeto em todos os momentos, fazendo-me sentir que não há obstáculos insuperáveis... Meu eterno carinho e gratidão!

Sileia, namorada linda e tão querida, agradeço-lhe pela paciência, pelo carinho e, principalmente, por sempre ter entendido a minha ausência quando foram necessárias longas horas ou muitos dias de pesquisa e estudo...

À Faculdade Unida de Vitória, agradeço pela acolhida na instituição, sempre proporcionando a todos um ambiente tranquilo e aconchegante...

Meus sinceros agradecimentos a todos os colaboradores e professores que, tão atenciosos e solícitos, foram de fundamental importância para que tudo ocorresse em harmonia e para que os objetivos fossem alcançados...

À professora Sílvia Damasceno, agradeço pelo encorajamento e por ter trilhado comigo o projeto inicial desta pesquisa...

Ao professor e orientador Wanderley Pereira da Rosa, obrigado pela cordialidade e pela sensatez em todo o processo de criação do trabalho.

À professora e revisora Kátia, agradeço pelo trabalho de revisão do texto.

Aos amigos colegas e aos colegas amigos, que por diversas vezes proferiram palavras de ânimo e não me deixaram desistir, valeu por tudo!

A todos vocês, dedico esta vitória!



“Todas as vitórias ocultam uma abdicação”.
Simone de Beauvoir

RESUMO

Na presente pesquisa serão abordadas, como ponto de partida, as principais manifestações brasileiras, de modo específico as de 2013, tendo como cenário principal as ruas das grandes capitais. Num segundo momento será feita uma análise sobre a participação e o discurso da Igreja Evangélica frente às manifestações. O objetivo maior é refletir e questionar o papel dessa instituição da qual se evidencia a inércia e a omissão diante dos problemas sociais. A fim de um melhor entendimento e de um resultado satisfatório, foi apresentado, inicialmente, um breve histórico das manifestações populares, nas quais os manifestantes exigiram, em 1983, as eleições diretas para a escolha do Presidente da República e, em 1992, o impeachment do então presidente Fernando Collor de Mello. Uma abordagem mais detalhada foi feita sobre as manifestações ocorridas em junho de 2013, conhecidas como “Manifestações dos 20 centavos”. Pôde-se observar que as ruas foram o palco. As redes sociais foram o principal instrumento de comunicação entre os milhões de manifestantes que foram para as ruas. A polícia marcou presença, embora tenha, em alguns momentos, deixado a desejar. Os jovens foram personagens principais e alcançaram, na maioria das vezes, os resultados almejados. De posse de todas as informações necessárias acerca desses movimentos, procurou-se, em seguida, entender quem são os verdadeiros evangélicos do Brasil: a sua origem, a sua crença, a forma como ocorre a conversão, o seu modo de entender o mundo e sua relação com Jesus Cristo e com a Bíblia Sagrada. Por último, partiu-se em busca do entendimento da participação da Igreja Evangélica frente às manifestações, analisando seu discurso e suas ações. Através do discurso de alguns dos seus líderes, pôde-se perceber que sua contribuição continua sendo mais espiritual do que social. Eles defendem que a oração resolve mais do que a ação. Também defendem os protestos pacíficos e repudiam qualquer tipo de violência. Foi possível perceber que a igreja vive, atualmente, um contexto cristão em que se pensa mais no plano espiritual, esquecendo-se de que seus fiéis são indivíduos inseridos na sociedade e que, conseqüentemente, sofrem com as injustiças e com as crises socioeconômicas terrenas. Em outras palavras, evidenciou-se a inércia, a falta de envolvimento e de participação ativa da Igreja Evangélica frente aos problemas sociais brasileiros.

Palavras-chave: Manifestações sociais; Evangélicos do Brasil; Participação da igreja.

ABSTRACT

In this research will be addressed, as a starting point, the main Brazilian manifestations, specifically the 2013, with the main scenario the streets of big cities. In a second step will be an analysis of the participation and speech of the evangelical church opposite to these demonstrations. The main objective is to reflect and question the role of this institution which is evident inertia and failure to act in the face of social problems. In order to a better understanding and a satisfactory result was presented, initially, a brief history of demonstrations in which protesters demanded, in 1983, direct elections to choose the President of the Republic and, in 1992, the impeachment of President Fernando Collor de Mello. A more detailed approach was made on the demonstrations that took place in June 2013, known as "Manifestations of 20 cents." It can be seen that the streets were the stage. Social networks were the main communication tool among the millions of protesters who took to the streets. The police was present, although, at times, left something to be desired. Young people were the main characters and achieved, in most cases, the desired results. Possession of all necessary information about these movements, we tried to then understand who the true evangelicals in Brazil: its origin, its belief, how the conversion occurs, your way of understanding the world and their relationship with Jesus Christ and the Holy Bible. Finally, he left in search of understanding of the role of evangelical church opposite the demonstrations, analyzing their speech and their actions. Through the speech of some of its leaders, it was possible to realize that their contribution is still more spiritual than social. They argue that prayer solves more than the action. Also they advocate peaceful protest and reject any kind of violence. It was possible to see that the church now living a Christian context in which they only think in the spirit, forgetting that the faithful are individuals inserted in society and, consequently, suffer from injustice and earthly socioeconomic crises. In other words, inertia was evidenced the lack of involvement and active participation of the evangelical church front of the Brazilian social problems.

Keywords: social manifestations; Evangelicals in Brazil; Participation of the church.

Sumário

INTRODUÇÃO	10
1 BREVE HISTÓRICO DO CONTEXTO DAS MANIFESTAÇÕES POPULARES NO BRASIL EM 2013.....	12
1.1 Fatores políticos e econômicos ensejadores das manifestações populares no Brasil	14
1.1.1 As Diretas Já	14
1.1.2 O impeachment do Presidente Collor.....	15
1.1.3. As manifestações de junho de 2013	17
1.2 O espaço urbano como principal cenário para as manifestações	20
1.3 Um olhar mais profundo sobre as manifestações de 2013	23
1.3.1 O uso das redes sociais	27
1.3.2 Confronto com a Ordem.....	30
1.3.3 A reação dos jovens.....	32
1.3.4 A carnavalização política nas ruas	32
1.3.5 A violência	33
1.4 Recursos utilizados pelo poder público para apaziguamento das manifestações	35
2 QUEM SÃO OS EVANGÉLICOS NO BRASIL	49
2.1 A origem.....	51
2.2 Afinal... Protestantes, Crentes ou Evangélicos?.....	58
2.3 Ethos protestante	60
2.4 O que define a conversão	68
2.5 O culto.....	71
3 A REALIDADE DA PARTICIPAÇÃO DA IGREJA EVANGÉLICA BRASILEIRA FRENTE ÀS MANIFESTAÇÕES POPULARES EM 2013	76
3.1 A visão dos tradicionais renovados e pentecostais	76
3.2 A visão dos protestantes históricos	85

3.3 Prioridades do trabalho da igreja evangélica frente aos anseios sociais ...	92
3.4. Análise sobre a participação dos evangélicos frente as manifestações de 2013	101
CONCLUSÃO.....	105
REFERÊNCIAS.....	108



INTRODUÇÃO

Diante do quadro de insatisfação do cidadão brasileiro frente a tantos problemas sociais, econômicos e políticos, um dos assuntos mais discutidos vem sendo a luta de um povo que busca respeito e melhores condições de vida, dentro de uma sociedade que privilegia uma minoria¹. Assim, as principais capitais brasileiras vêm sendo, nos últimos anos, um importante palco de manifestações populares, em prol dos mais variados assuntos e em luta por diversas causas.

Assim sendo, propôs-se, na presente pesquisa, um levantamento das principais manifestações ocorridas nos últimos anos, com ênfase na de 2013, por ter sido considerada uma das maiores² da história brasileira nos últimos anos. Embora seja voltado um olhar especial para essas manifestações e para o importante papel popular nas diversas conquistas, que foram resultado das lutas de milhões de pessoas que saíram às ruas em busca de seus direitos, o foco principal volta-se para uma reflexão acerca do discurso e, mais do que isso, do posicionamento dos evangélicos frente a essas manifestações. Afinal, qual é a postura da Igreja Evangélica Brasileira, seguimento religioso que a pesquisa propõe trabalhar, frente às manifestações populares de junho de 2013? Que caminhos ela deveria trilhar dentro do contexto inserido?

As manifestações fazem parte de uma narrativa global. Na política, ocorre um colapso. Parece que os cidadãos foram esquecidos por seus representantes, tornando-se personagens dentro do cenário brasileiro, com diversas reivindicações. Na oportunidade, tais personagens são reinventadas nas diversas formas de manifestações, na repulsa às velhas práticas, nas caras pintadas e nos gritos constantes por justiça.

Na história do Brasil, isso é algo inédito e muito complexo que mobilizou vários poderes da nação e também as mais importantes autoridades religiosas

¹ VOZES SILENCIADAS – *mídia e protestos*: a cobertura das manifestações de junho de 2013 nos jornais O Estado de São Paulo, Folha de São Paulo e O Globo. São Paulo: Intervezes – Coletivo Brasil de Comunicação Social, 2014, p. 11. Disponível em: <<http://www.youblisher.com/p/1075769-Vozes-Silenciadas-Midia-e-Protestos/>>. Acesso em: 20 dez. 2015.

² VOZES SILENCIADAS, 2014, p. 11.

do país. Com esse quadro, algumas igrejas cristãs têm apresentado e representado seus fiéis, com um discurso que agrada a alguns, somente.

Nesta pesquisa, como já citado, voltar-se-á um olhar, de modo especial, para os fiéis pertencentes a quaisquer das igrejas que compõem o cenário religioso cristão evangélico no Brasil, que participaram dos movimentos sociais de protesto em redes, ganhando as ruas e marcando presença, mesmo que tal atitude tenha ocorrido por uma escolha “particular”, sem nenhuma articulação com as igrejas.

Todos os dramas e dramaturgias apresentados na rua, que ficaram sendo palco de manifestações, darão uma interpretação, um significado para a leitura que será feita. Globalmente, o povo foi esquecido e desrespeitado, enquanto a política criava sua autonomia e esquecia os direitos do cidadão.

Para Max Weber, sociólogo da religião, o papel da igreja não tem ligação apenas celestial, mas também terrena, passando a promover um ressignificado e sendo um agente particular na sociedade. Daí a importância de se entender a sua participação em momentos tão especiais para a história do país³.

A Igreja, como instituição, possui e gera valores culturais, morais e éticos em uma sociedade, evocando uma construção de identidade no âmbito individual ou coletivo. Diante disso, escolheu-se o presente tema propondo-se, também, buscar uma melhor percepção acadêmica no tocante à participação das igrejas evangélicas brasileiras no contexto em questão.

A reflexão abordará uma proposta voltada para uma possível inércia e a omissão da igreja frente às manifestações. O objetivo é compreender por que, nos espaços públicos, quando surgem problemas sociais, econômicos e políticos, a igreja age de forma mais conservadora e se torna tão somente uma expectadora.

Pretende-se descobrir, a priori, os motivos do pouco envolvimento de tal instituição frente às questões sociais. Partindo desse entendimento, pretende-se propor um reposicionamento da igreja e fazer valer sua natureza institucional, entendendo, num primeiro momento, a importância de se posicionar como uma participante aliada a práxis, aos valores e aos princípios que inspiram.

³ WEBER, Max. *Sociologia das religiões*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2006, p. 27.

1 BREVE HISTÓRICO DO CONTEXTO DAS MANIFESTAÇÕES POPULARES NO BRASIL EM 2013

Conforme Manuel Castells, Rudá Ricci, Arley Patrick e outros estudiosos citados na construção desta pesquisa, analisam os movimentos iniciados nas redes sociais, o espaço urbano, especificamente a rua, vem se apresentando como um cenário de fundamental importância para as manifestações populares no Brasil. Tais manifestações são consequências da frustração de uma população insatisfeita pela forma como a nação brasileira é governada e pela falta de recursos nos serviços públicos como: sistema de saúde precário; transporte público insuficiente, caro e em péssimas condições; educação de má qualidade e muitas outras causas. Tais insatisfações geram diversos sentimentos nos cidadãos, podendo ser esses resumidos em uma única palavra: indignação.

Partindo do fato de as manifestações estarem se tornando uma constante na luta pelos direitos, será analisada mais detalhadamente, neste capítulo, uma das maiores mobilizações populares ocorridas no Brasil: A manifestação de junho de 2013, também conhecida como “Manifestação dos 20 centavos”, que chegou a contar com mais de 84% de adesão popular. Tal manifestação foi considerada uma das maiores do país desde as manifestações pelo *impeachment* do ex-presidente Fernando Collor de Mello, ocorridas em 1992⁴.

A fim de um melhor entendimento sobre alguns aspectos dessas manifestações, o presente capítulo foi dividido em cinco tópicos:

I. Fatores políticos e econômicos ensejadores das manifestações populares no Brasil.

II. O espaço urbano como principal cenário para as manifestações.

III. Um olhar mais profundo sobre as manifestações de 2013.

IV. Evidências das manifestações.

Para isso, foram aqui apontados vários autores que se voltaram para estudos sobre a manifestação de junho de 2013, merecendo especial destaque Manuel Castells, um pesquisador de movimentos em Redes Sociais,

⁴ RICCI, Rudá; ARLEY, Patrick. *Nas ruas: a outra política que emergiu em junho de 2013*. Belo Horizonte: Editora Letramento, 2014, p. 41.

considerado referência para a maioria dos autores que trabalham com esse tema. Também vale destacar Rudá Ricci, um estudioso do tema que desenvolveu um grupo de pesquisas na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC MG – e, além disso, esteve presente nas manifestações ocorridas em Belo Horizonte.

Conforme apontado, no primeiro tópico estudar-se-ão os fatores políticos e econômicos ensejadores das manifestações populares no Brasil. Tal escolha objetiva mostrar que, desde há algumas décadas, o povo brasileiro vem expressando sua indignação por meio desses movimentos. Contudo, vale ressaltar que o evento em questão possui características singulares, uma vez que não segue uma liderança e tem caráter apartidário, diferente de outras manifestações ocorridas no país em que parte da população foi às ruas em prol de uma única reivindicação.

Já no segundo tópico a discussão voltar-se-á para o espaço urbano, especificamente a rua, como cenário para as manifestações. Apresenta-se como objetivo principal entender por que a população escolhe a rua para ser palco de exposição de suas indignações e qual é o mecanismo utilizado pelos participantes com a pretensão em obter expressivos resultados. Também serão abordadas outras reflexões consideradas de fundamental relevância para esta pesquisa como: a necessidade de agir em rede; a inexistência de uma liderança específica e as consequências disso para o movimento; e a forma de evitar o uso da violência, uma vez que se trata de uma ação na qual o público envolvido é bastante numeroso e diferenciado.

De forma mais detalhada, no terceiro tópico serão abordadas as manifestações ocorridas em 2013. Aproveitar-se-á para levantar as causas e os resultados das mesmas, fazendo-se, ainda, um apanhado sobre os recursos utilizados pelo poder público, que desencadeia o apaziguamento das manifestações. Uma das principais questões abordadas volta-se para o fato de que, sendo o país regido dentro do princípio da democracia, isso proporciona ao cidadão o direito de expressar suas ideias. Todavia, pode-se dizer que essa expressão foi feita de diversas formas? É o que se pretende discutir.

Para concluir o primeiro capítulo, o último tópico aponta as evidências das Manifestações de 2013, bem como o ponto de partida, suas características e a importância do papel dos manifestantes e do Estado.

1.1 Fatores políticos e econômicos ensejadores das manifestações populares no Brasil

As mobilizações sociais não foram algo puramente do povo brasileiro, iniciando-se em junho de 2010, no Egito e ocorrendo, também, em toda Primavera Árabe, com os Indignados na Espanha e Occupy nos Estados Unidos, em 2011, sendo essas consideradas de maior repercussão mundial, gerando maior impacto. No geral, todas se organizaram da mesma forma, por meio das redes sociais virtuais, usando o Facebook, o Youtube e o Twitter como mecanismos de comunicação eficiente para construção e organização do evento⁵.

Dignas de serem consideradas um marco na história do Brasil, as manifestações brasileiras ocorridas em junho de 2013 foram organizadas por jovens que, em sua maioria, possuíam de 20 a 30 anos ou talvez um pouco mais⁶. Segundo Marcos Nobre, esse protesto possuía algo em comum com outros grandes eventos de redemocratização no país, como as Diretas Já, o movimento pelo Impeachment de Collor e os protestos ocorridos na Copa do Mundo de 2014: todos giraram em torno de uma insatisfação popular, embora cada um tivesse um ícone para demarcação do movimento. Ainda segundo o autor, por trás de cada manifestação sempre havia várias outras razões a serem debatidas, sempre necessitando de mudanças urgentes. A luta almejava melhorias que pudessem atender, de forma proficiente, à demanda da época⁷.

A fim de um melhor entendimento acerca das principais manifestações brasileiras, será feito, a seguir, um breve aparato sobre as “Diretas Já” e o “Impeachment de Collor”. Sobre as manifestações de junho de 2013, será dada uma atenção maior, por ser esse o foco da presente pesquisa.

1.1.1 As Diretas Já

Consoante Ricardo Kotscho, o movimento “das Diretas Já”, um dos de maior participação popular na história brasileira, iniciou-se em 1983, durante o

⁵ RICCI, Rudá; ARLEY, 2014, p. 81.

⁶ RICCI, Rudá; ARLEY, 2014, p. 82.

⁷ NOBRE, Marcos. *Choque de democracia: razões da revolta*. São Paulo: Editora Schwarcz S.A. Ensaio, 2013, p. 31.

governo de João Batista Figueiredo. Esse movimento apoiava a emenda do então deputado Dante de Oliveira, que propunha eleições diretas para a escolha do Presidente da República. Contudo, mais do que evocar o voto direto para presidente, vislumbrava também uma mudança democrática em todos os âmbitos da sociedade. Lutava-se por mudanças econômicas e sociais, desejavam-se menos desigualdades. Era a população indo às ruas para lutar pelo fim do Regime Militar⁸.

Vale destacar duas manifestações que marcaram a campanha: um comício ocorrido em 10 de abril de 1984, no Rio de Janeiro, e uma passeata ocorrida em 16 de abril do mesmo ano, saindo da Praça da Sé, na capital paulista, até o Vale do Anhangabaú, na qual mais de um milhão e meio de pessoas gritavam: “Diretas já!” Foi também em abril de 1984 que a votação à Emenda Constitucional das eleições diretas foi realizada. Contudo, não foi aprovada, pois eram necessários dois terços dos votos dos deputados, o que não ocorreu. Apesar da rejeição à Emenda, o movimento teve grande relevância na redemocratização do Brasil e culminou com a volta do poder Civil, em 1985, com a aprovação de uma nova Constituição, em 1988, e com a realização das eleições diretas para presidente da República, em 1989⁹.

1.1.2 O impeachment do Presidente Collor

A luta pelo Impeachment do presidente Collor, na concepção de Brasília Sallum Júnior, não se baseou apenas na indignação de um povo pela recessão econômica ou pela problemática da inflação, que não se estabilizava, causa principal de redemocratização até 1994¹⁰. Além disso, o povo brasileiro ansiava por viver uma Constituição que transcendesse o papel, sendo um grande motivo que o próprio presidente Fernando Collor utilizou para subir ao poder, defende Nobre¹¹.

⁸ KOTSCHO, Ricardo. *Explode um novo Brasil* – diário da campanha das diretas. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984, p. 5.

⁹ KOTSCHO, 1984, p. 6.

¹⁰ SALLUM JR, Brasília. *O Impeachment de Fernando Collor: sociologia de uma crise*. São Paulo: Editora 34, 2015, p. 41.

¹¹ NOBRE, 2013, p. 3.

Após 29 anos de eleição indireta, em 1989 foi eleito o presidente Fernando Collor de Mello, cuja campanha eleitoral foi pautada na redução do papel do Estado. Muito rápido, o então presidente mostrava a que veio: nos 15 primeiros dias de mandato ele lançou o “Plano Collor”, um pacote econômico que bloqueou o dinheiro depositado em cadernetas de poupança e em contas correntes de pessoas físicas e jurídicas. Houve, ainda, uma reforma administrativa, foram promovidas as primeiras privatizações, o mercado brasileiro foi aberto às importações, os preços foram congelados e os salários prefixados. Vale lembrar que, embora o “Plano Collor” tenha reduzido a inflação, ele causou a maior recessão da história brasileira, resultando no aumento de desemprego e nas quebras de várias empresas¹².

E de ‘um jeito todo Collor’, o país continuava sendo governado até o terceiro ano de mandato, quando veio à tona um esquema de corrupção e tráfico de influência, denunciado no dia 13 de maio de 1992, por Pedro Collor de Mello, irmão do presidente¹³.

De posse da denúncia, em junho do mesmo ano, o Congresso Nacional instalou uma Comissão Parlamentar de Inquérito, a fim de investigar se procedia a acusação. O relatório final da Comissão, aprovado por dezesseis votos a cinco, constatou a denúncia e outros problemas a mais. Mesmo antes de os trabalhos da Comissão terem sido concluídos, a população brasileira, em agosto de 1992, já saía às ruas e pedia o impeachment de Collor. Os principais protagonistas foram os jovens, que pintaram no rosto o “Fora Collor” e o “Impeachment já”, configurando, assim, o movimento dos “Caras-pintadas”¹⁴.

No dia 29 de setembro de 1992, em votação aberta, a maioria dos deputados – 441 a favor e apenas 33 contra – votou pela abertura do processo de Impeachment de Collor, que foi instaurado no dia 2 de outubro de 1992. Sob forte pressão e com o intuito de evitar o impeachment, no dia 29 de setembro, antes de ser instaurado o processo, Collor renunciou ao cargo. Contudo, mesmo assim o processo foi aberto e no dia 30 de dezembro de 1992, Collor foi condenado à perda do mandato e à inelegibilidade por oito anos¹⁵.

¹² NOBRE, 2013, p. 4.

¹³ NOBRE, 2013, p. 5.

¹⁴ NOBRE, 2013, p. 7.

¹⁵ NOBRE, 2013, p. 8-9.

Essa foi mais uma manifestação que apresentou os resultados almeçados pelo povo.

1.1.3. As manifestações de junho de 2013

As manifestações de junho de 2013, foco desta pesquisa, têm como ponto de partida a Copa do Mundo de 2014 e os gastos de dinheiro público. Contudo, possuem, também, várias outras frustrações e uma de maior destaque é o aumento da tarifa de ônibus, que passou de R\$3,00 para R\$3,20, considerado pela população um abuso, uma vez que o serviço prestado é ineficiente e de má qualidade¹⁶. Isso resultou no Movimento Passe Livre (MPL), em São Paulo, e motivou outras cidades brasileiras a participar também do protesto, que se iniciou, oficialmente, em 6 de junho de 2013¹⁷. É possível perceber que as manifestações

São movimentos que se formaram e que funcionam de maneira apartidária, mantendo autonomia e independência em relação a governos. São movimentos horizontais, que recusam a ideia da concentração da representação em uma liderança individual. A violenta repressão policial aos protestos que iniciaram pelo país desencadeou uma onda ainda maior de mobilização, tanto em defesa do direito constitucional de manifestação como contra a atuação da polícia em geral. E uma série de reivindicações veio se juntar às iniciais¹⁸.

No dia 3 de junho, o Movimento Passe Livre (MPL) conduziu uma manifestação em uma periferia de São Paulo. Três dias depois, a manifestação se estendeu à região central paulista com a aglomeração de mais de duas mil pessoas, surgindo nesse encontro o 1º Protesto do *Anonymous* mascarados, baseado em Guy Fawkes¹⁹. Nesse dia, 06 de junho de 2013, um grupo de jovens, liderado pelo MPL, reuniu-se na Avenida Paulista objetivando contestar o aumento da tarifa das passagens urbanas. O que esses jovens sequer imaginavam é que esse seria o marco do maior acontecimento de protestos no

¹⁶ NOBRE, 2013, p. 4.

¹⁷ VOZES SILENCIADAS, 2014, p. 11.

¹⁸ NOBRE, 2013, p. 4.

¹⁹ Guy Fawkes: um dos símbolos da ideia *anonymous* (que age no anonimato), o herói do filme "V de Vingança", baseado num personagem real, um rebelde vingativo antimonarquista.

¹¹ FIGUEIREDO, Rubens (Org.). *Junho de 2013: a sociedade enfrenta o Estado*. São Paulo: Summus, 2014, p. 8.

país nos últimos anos, desde o movimento “Fora Collor”, em 1992. Outro momento que merece destaque foi a manifestação ocorrida em 20 de junho, quando mais de um milhão de pessoas foram para as ruas, em setenta e cinco cidades. Numa tentativa de conter esses jovens, a presidente do Brasil, Dilma Rousseff, prepara o “pacote de medidas para a juventude”, através do qual promete reforço do Programa Ciência sem Fronteiras, ampliação do acesso à universidade, reforço de programas sociais, dentre outras medidas²⁰.

A partir do dia 10 de junho, outras cidades brasileiras aderiram ao protesto, não tendo como motivo apenas o aumento das passagens de ônibus, mas também a condição precária do transporte público. Na segunda semana de protesto, o dia 13 de junho foi marcado por uma diversidade de temas a serem defendidos, como: a Copa das Confederações, a questão da corrupção no País e outras questões de diversas naturezas. Essa fase de protesto terminou no dia 20, sendo esse dia considerado inquestionável porque ocorreram os maiores protestos em termos de volume de manifestantes, com ações simultâneas em diversas cidades, somando milhões de pessoas nas ruas brasileiras²¹.

Embora haja registros de que as manifestações ocorreram até o final do mês de junho, no dia 21 se iniciou a fase de desmobilização, através da qual se pôde observar um considerável declínio do número de manifestantes. Em outras palavras, a motivação inicial não foi sustentada até o final, o que pode ser explicado pelo fato de que “a luta foi tomada pela difusão de pauta e, quando o aumento da tarifa foi revogado - principalmente em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro-, a agitação permaneceu órfã e a dispersão da bandeira se apoderou do processo”²².

Os jovens manifestantes se utilizaram, inicialmente, de cartazes improvisados nas ruas como forma de reivindicar as necessidades da população e, posteriormente, rejeitando a mídia em massa e a liderança política o movimento, partiram para as mídias sociais como facebook, twitter, whatsapp, entre outras. Esses foram os instrumentos agenciadores desses

²⁰ VOZES SILENCIADAS, 2014, p. 12.

²⁰ VOZES SILENCIADAS, 2014, p. 12.

eventos, escolhidos por se tratarem de uma divulgação rápida e de disseminação de informações em tempo hábil²³.

Durante as manifestações, em algumas capitais de estados brasileiros- como Rio de Janeiro, Goiânia, Natal e São Paulo- houve o confronto de manifestantes e da polícia militar. No dia 10 de junho, as manifestações em São Paulo evidenciavam um crescente grau de violência entre militares e manifestantes. Já na região central do Rio de Janeiro, a polícia militar prendeu trinta e um manifestantes, conforme Rudá Ricci e Patrick Arley²⁴.

Contudo, esses movimentos, como apontados anteriormente, tornaram-se movimentos ocupantes de um espaço urbano físico, mesmo sendo iniciados nas redes sociais da internet, sendo essas redes uma importante ferramenta para divulgação. Em outras palavras, ocorreu uma interação dos movimentos do espaço da internet com o espaço das ruas. Configuram-se aqui os movimentos *on* e *off-line* nos protestos de 2013, acontecimentos que mantinham uma face nas ruas e a outra nas mídias sociais, como acima citado, sem liderança legitimada pelos protestantes, compondo linhas heterogêneas. A união das ruas e das mídias constituiu uma mesma rede, na qual teceram reivindicações tematizadas, conseguindo, a partir de então, cobertura intensa pelas mídias de massa: Televisão, Jornais e Revistas²⁵.

Essas informações produziram grande visibilidade, constituindo o que Manuel Castells chama de *mass self communication* - comunicação produzida individualmente, mas aderida em grande escala pelas conexões das mídias digitais²⁶. Esse entrelaçamento de transmissões vertical e horizontal é considerado uma cultura de convergência, uma interação midiática, sendo mais cultural e cognitivo do que tecnológico²⁷. É possível perceber que:

²³ SILVA, Regina Helena Alves (Org.). *Ruas e redes: dinâmicas dos protestos*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015, p. 19.

²⁴ RICCI, Rudá; ARLEY, Patrick. *Nas ruas: a outra política que emergiu em junho de 2013*. Belo Horizonte: Editora Letramento, 2014, p. 19.

²⁵ D'ANDRÉA, Carlos; ZILLER, Joana. *Imagens violentas nas manifestações de 2013*. In: SILVA, Regina Helena Alves da. *Ruas e redes: dinâmicas dos protestos BR*. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2015, p.19.

²⁶ CASTELLS, Manuel. *Redes de Indignação e Esperança: Movimentos Sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2013, p. 13.

²⁷ ALZAMORRA, Geane; ARCE, Tacyana; UTSCHE, Raquel. *Acontecimentos agenciados em rede: Os eventos do Facebook no dispositivo protesto*. In SILVA, Regina Helena Alves da. *Ruas e redes: dinâmicas dos protestos BR*. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2015, p. 43.

A dinâmica sócio-comunicacional do dispositivo protesto relaciona-se ao uso concomitante de múltiplas plataformas midiáticas para registrar, armazenar e colocar em circulação relatos circunstanciais das manifestações. Tal dinâmica revela, em curvas de visibilidade e de enunciação, a heterogeneidade das linhas que o atravessam. Por causa disso as manifestações brasileiras de junho de 2013 não podem ser rigorosamente compreendidas como formas de resistência a uma situação específica, pois dizem respeito a certa insatisfação difusa na sociedade²⁸.

1.2 O espaço urbano como principal cenário para as manifestações

Quando o assunto é espaço urbano, vale ressaltar a cidade de São Paulo, considerada a mais desenvolvida do Brasil²⁹. Além de apresentar um grande número de indústrias voltadas para todos os setores, a referida cidade tem um número considerável de trabalhadores oriundos de todas as regiões brasileiras, sendo considerada, segundo dados do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - a cidade mais populosa do Brasil e uma das mais populosas do mundo (11.821.876 habitantes, de acordo com estimativas lançadas pelo IBGE em 2013), segundo Marco Prates. E não é só isso: São Paulo também recebe destaque por ser uma espécie de palco para as manifestações populares. Nos maiores eventos, o maior número de participantes é da cidade paulista³⁰.

O foco aqui será as manifestações de junho de 2013, para as quais se tem como referencial a cidade paulista, palco em que foi demonstrada a insatisfação de uma boa parcela do povo brasileiro, conforme Maria da Glória Gohn. As referidas manifestações serão aqui apontadas em três momentos distintos, embora talvez seja mais condizente caracterizá-las em três situações distintas³¹:

Primeiramente, de forma tímida, iniciaram-se as manifestações em São Paulo, tendo como principal motivo a luta pelo passe livre. Considerando o objetivo, esse movimento foi chamado de MPL (Movimento Passe Livre), entendido como ato de estudantes, a princípio demonstrado pela mídia com um

²⁸ ALZAMORRA; ARCE; UTSCH, 2015, p. 42.

²⁹ PRATES, Marco. *As 300 cidades mais populosas do Brasil em 2013*. 09 set./2013. Disponível em: <<http://www.revistaexameabril.com.br/>>. Acesso em: 20 dez. 2015.

³⁰ PRATES, 2015.

³¹ GOHN, Maria da Glória. *Manifestações de junho de 2013 no Brasil e praças dos indignados no mundo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p. 22.

fundo de reprovação, sendo noticiado como vandalismo. Manifestantes, a fim de demonstrar que não eram pessoas ruins e de expor o porquê de estar nisso, saíram com cartazes nos quais afirmavam que não eram bandidos, que estavam somente assumindo seus papéis de cidadãos brasileiros e reivindicando seus direitos. Com o intuito da não proliferação dos movimentos, foram geradas, por parte de alguns dirigentes, informações de teor criminal como forma de colocar em dúvida a seriedade e descaracterizar as reivindicações, a fim de que as pessoas não abraçassem a causa. Assim, o objetivo era caracterizar a desqualificação e o descaso³².

O segundo momento foi marcado pela violência, consequência da ação da polícia militar em resposta à revolta popular, e pelo susto devido ao movimento de massa. O dia 13 de junho, denominado quarto ato contra o aumento das tarifas, foi registrado com grande violência por parte da polícia militar, cujo desfecho foi dezenas de feridos e 192 detenções. A partir desse fato, imagens foram divulgadas pela rede *on* e *off-line*, o que provocou mudanças e gerou uma nova visão da opinião pública frente às manifestações: milhares de pessoas que apenas assistiam ao movimento aderiram a ele e foram para as ruas, abraçando a causa. Foram tematizados eventos gerenciados por vários grupos, dentre eles o combate à corrupção, organizados por Facebook, Twitter e WhatsApp. Como exemplos podem ser citados: “Movimento Contra a Corrupção”, “Quero o Fim da Corrupção” e “A Verdade Nua & Crua”³³.

No dia 17 de junho, milhares de pessoas saíram às ruas de várias capitais e ocuparam vários espaços públicos: o Palácio dos Bandeirantes, sede do Governo Paulista; o Congresso Nacional, em Brasília; a Assembleia Legislativa, no Rio de Janeiro; o Largo da Batata, no Pará. Os acontecimentos ficaram cada vez mais intensos e passaram a ser diários, criando intensidade e mobilizando toda a imprensa escrita, falada, televisionada e *online*³⁴.

O terceiro momento foi marcado pela vitória na demanda básica. Tornou-se evidente a ampliação dos protestos englobando outros questionamentos. No dia 19 de junho, o governo do estado e o prefeito de São

³² GOHN, 2014, p. 22.

³³ GOHN, 2014, p. 23.

³⁴ GOHN, 2014, p. 23.

Paulo anunciaram a revogação do aumento das tarifas de ônibus. Nesse período, a Copa das Confederações tornara-se grande palco dos protestos, focalizados por todo o Brasil. Tendo seu objetivo alcançado, o Movimento Passe Livre anuncia, no dia 21 de junho, que não haveria mais convocações para manifestações. Contudo, grupos alheios a petições iniciais começaram atos de depredações e o governo federal passou a formular propostas diariamente, como tentativa de acalmar e atender aos manifestantes, além de tentar eliminar a rejeição popular ao governo em exercício. Assim, a presidente anunciou, em cadeia nacional televisiva, que os líderes das manifestações seriam recebidos e prometeu uma série de medidas que visavam a melhorias dos serviços públicos. Ela ainda anunciou que se reuniria com os governadores e com os prefeitos, a fim de discutir mudanças e melhorias³⁵.

De forma prática, esses movimentos em redes desenvolveram políticas de ação afirmativa e foram aceitos através das intervenções nas instituições, tendo como alvo principal estabelecer diversidade e igualdade. Também promoveram políticas de combate à discriminação de todas as ordens na sociedade: social, racial, religiosa e econômica³⁶.

De junho a outubro de 2013, vivemos no Brasil o período de manifestações popular mais importante e mais contundente no sentido de pensarmos um processo de radicalização democrática, desde o fim da ditadura militar. As manifestações levaram às redes (virtuais e não) e para ruas diversas expressões de descontentamento com as nossas instituições. Um potente levante da multidão, que mobilizou milhões de pessoas das mais diversas origens e com as diversas reivindicações. Foram várias manifestações, quase diariamente, em várias cidades, com cartazes, faixas, cantos e palavras de ordem, que faziam denúncias diversas: contra a corrupção, contra projetos de emendas à Constituição e outras propostas do legislativo, contra governantes, contra a polícia, contra os gastos para a Copa do Mundo, contra o racismo e a violência à população negra, contra a homofobia, contra os péssimos serviços públicos, contra o preço das tarifas de transporte público, e algumas propostas: passe livre, mais verbas para educação e saúde, escolas e estádios no “padrão FIFA”, reforma política, desmilitarização da polícia³⁷.

³⁵ GOHN, 2014, p. 24.

³⁶ NASCIMENTO, Alexandre do. *Ações afirmativas e jornadas de junho: Tudo a ver!* In: CAVA, Bruno. *amanhã vai ser maior: o levante da multidão no ano que não terminou*. São Paulo: Annablume, 2014, p. 101.

³⁷ NASCIMENTO, 2014, p. 101.

Embora os movimentos tenham se iniciado nas redes sociais, foram nas ruas que o Brasil sentiu a verdadeira força das manifestações. Em vários estados brasileiros, distribuindo-se em pontos estratégicos, milhares e milhares de pessoas se reuniram e gritaram aos governantes a sua indignação. Inegável a importância das redes sociais e da mídia. Contudo, nenhum lugar foi tão marcante quanto às ruas, principal palco dos manifestantes. Foram delas que partiram os gritos; foram nelas que desfilaram com diversos cartazes, contendo variados pedidos. Era a voz do povo pedindo justiça.

1.3 Um olhar mais profundo sobre as manifestações de 2013

Ao se voltar para as manifestações, mais especificamente para seus objetivos e consequências diversas, vale ressaltar a composição universitária, que constitui uma população diferente da relacionada à política de afirmação, visando pontos diferenciados devido às experiências com a pobreza e a repressão dos direitos. A busca é por uma vida digna e pela autovalorização contra a exclusão social. Objetiva-se combater a discriminação, obtendo, assim, reconhecimento de identidades, e recompor social e racialmente as instituições, construindo o bem comum. Percebe-se, então, um sentimento coletivo que acredita na possibilidade de promover mudanças objetivas para melhorar os serviços públicos e as condições de vida nas cidades³⁸.

Foram encontradas algumas análises feitas por profissionais da mídia, merecendo destaque a de Arnaldo Jabor que, no dia 12 de junho de 2013, nomeou o movimento como “evento dos filhos da classe média” e afirmou que ali não havia pobres que precisassem dos R\$ 0,20 relacionados à tarifa. Ele também afirmou que havia uma “ausência de causa” e que o povo não sabia por que lutar, quando havia tantos motivos nobres³⁹. Numa primeira avaliação, Jabor demonstrou não ter conhecimento da realidade dos manifestantes, uma vez que a grande massa era estudantes pertencentes à classe C, inclusive beneficiados pelos programas de inclusão que surgiram no governo Lula, como o Prouni (Programa Universidade para Todos), o Reuni (Reestruturação e

³⁸ NASCIMENTO, 2014, p. 101.

³⁹ NASCIMENTO, 2014, p. 101-102.

Expansão das Universidades Federais Brasileiras), o Sisu (Sistema de Seleção Unificada) e o ENEM (Exame Nacional de Ensino Médio). Contudo, após entender melhor o movimento, Arnaldo Jabor se retratou, pediu desculpas pelo que dissera sobre o movimento e assumiu que, para ele, o movimento expandiu-se com uma força política original e, “por não ter rumo e objetivo certo à priori”, tornou-se maior que o movimento dos caras pintadas, uma das maiores manifestações brasileira dos últimos anos, quando os jovens saíram às ruas pedindo o impeachment de Fernando Collor⁴⁰.

Para Celso Fernandes Campilongo, pesquisador de Filosofia e Teoria Geral do Direito na Universidade de São Paulo, os movimentos sociais, a partir da teoria dos sistemas, passam a ser uma paradoxal tentativa de falar da sociedade, na sociedade e contra a sociedade. Assim sendo, foi necessário estabelecer uma conexão entre o que acontecia dentro e fora do movimento. Conforme sua reflexão, os movimentos sociais possuem características incomuns em qualquer lugar que aconteçam, podendo ser assim enumeradas⁴¹:

- A origem dos movimentos tem como premissa a maneira como utilizam recursos sociais escassos, podendo ser questões econômicas, sociais e até sexuais.
- Os movimentos sociais não observam apenas a questão econômica, mas denunciam a discriminação e as desigualdades censitárias. À medida que o governo tenta solucionar os conflitos, os mesmos se intensificaram: dos sujeitos contra o sistema “global” de denominação dos grupos culturais, locais, étnicos e profissionais, e também contra questões ambientais, de saúde, etc.
- Os movimentos sociais protestam a forma de organização e as decisões que são politicamente tomadas e que lhes afetam.
- As necessidades da sociedade atual são diferenciadas. Ela se organiza em diversas formas (política, econômica, social, religiosa). Essas organizações tornaram-se reféns nas manifestações e, em cada uma dessas, haverá protestos específicos.
- Os movimentos sociais criam autonomia não institucionalizada em relação às organizações. Além disso, não são representantes políticos convencionais pelo fato de não possuírem vínculo com qualquer tipo de organização formal.
- Os movimentos sociais não têm unidade de pensamento, nem coesão interna e não possuem uma única forma de agir. Sua unidade não decorre de um bem comum. O que há de unidade é a bandeira do movimento (que foi citado no início do artigo). Os conflitos surgem

⁴⁰ NASCIMENTO, 2014, p. 101-102.

⁴¹ CAMPILONGO, Celso Fernandes. Interpretação do direito e os movimentos sociais. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013, p.13.

pelo sentimento de injustiça e pela percepção de carência eminente⁴².

As manifestações ocorridas em junho de 2013 são, conforme defendido por Nobre⁴³, partidárias e ocorreram através da propaganda boca a boca, das mensagens de texto, dos telefonemas e das redes sociais. Não são afeitas a partidos ou a organizações específicas, mas sim ao sistema. Os movimentos de 1984 (Diretas Já) foram organizados pela oposição ao regime (partidos, sindicatos sociais). Já os de 1992 (Impeachment do presidente Collor) foram liderados pela União Nacional dos Estudantes⁴⁴.

Ainda na concepção desse autor, as manifestações de 2013 tiveram uma repercussão tão rápida que dentro de pouco tempo a Presidente Dilma Rousseff convocou uma reunião com 27 governadores e com 26 prefeitos de capitais para anunciar propostas relativas às demandas dos protestos (transporte, saúde, educação, responsabilidade fiscal, reforma política). O mais expressivo desses pacotes foi a necessidade de emergente política. Foi possível perceber também que⁴⁵:

As revoltas de junho deixaram atônitas figuras de todos os partidos, que não conseguiram nem entender o que se passava nem agir no tempo certo. Os exemplos se espalharam pelo país, em todos os níveis de governo. Mas talvez o emblema seja o caso de São Paulo, onde o governador Alckmin (PSDB) e o prefeito Haddad (PT) agiram o tempo todo em coordenação, unidos até no momento de anunciar a decisão de revogar o reajuste das passagens. Os dois partidos que, supostamente, são adversários por excelência⁴⁶.

Em março de 2013, segundo Ricci, houve uma manifestação em Porto Alegre, pela redução da tarefa de transporte público, apresentando um resultado satisfatório. Em junho, houve aumento das tarifas em várias regiões do país e em todas elas houve manifestações. Os manifestantes saíam de casa em protesto por alguma questão a ser defendida – no caso em questão, os jovens reivindicavam a diminuição das tarifas de ônibus público - e, ao chegarem à multidão, continuavam no propósito inicial, mas também aderiam a outras ideias defendidas. Em 2005, diversos coletivos compuseram o

⁴² CAMPILONGO, 2013, p. 16.

⁴³ NOBRE, 2013, p. 4-5.

⁴⁴ NOBRE, 2013, p. 4-5.

⁴⁵ NOBRE, 2013, p. 5.

⁴⁶ NOBRE, 2013, p. 5.

Movimento Passe Livre (MPL), na cidade catarinense de Porto Alegre, durante o Fórum Social Mundial. O objetivo dessa união era a liberação do passe livre estudantil em várias cidades brasileiras⁴⁷.

A primeira manifestação contra o aumento no preço das passagens de ônibus aconteceu em 2005, na capital baiana, e ficou conhecida como “Revolta do Buzu”. No ano seguinte, Florianópolis liderou a Campanha pelo Passe Livre e conseguiu a revogação do aumento nos preços das passagens de ônibus. A essa manifestação foi atribuído o nome de “Revolta da Catraca”⁴⁸.

Durante o 3º Encontro Nacional do Movimento Passe Livre, em Guararema/São Paulo, foram apresentados princípios perceptíveis às manifestações de junho de 2013. Esses princípios eram: horizontalidade, autonomia e independência⁴⁹.

Em março de 2013, com pequenas manifestações, Porto Alegre obteve a diminuição das passagens de ônibus público. Apoiados nessa vitória, estudantes paulistas reagiram contra a elevação dos preços das tarifas da pacata cidade de Pirituba, bloqueando vias de acesso à cidade e destruindo catracas de ônibus. Em face dessas atitudes, as manifestações adquiriram mais seguidores nas regiões paulistas de Jaguaré, Lapa, D. Pedro, Grajaú e M'Boi⁵⁰.

No dia 3 de junho, o Movimento Passe Livre conduziu uma manifestação em uma periferia de São Paulo. Três dias depois, a manifestação se estendeu à região central paulista com a aglomeração de mais de duas mil pessoas. Em algumas capitais de estados brasileiros como Rio de Janeiro, Goiânia, Natal e São Paulo, durante as manifestações houve o confronto de manifestantes e a polícia militar. No dia 10 de junho, as manifestações em São Paulo evidenciavam um crescente grau de violência entre militares e manifestantes. Na região central do Rio de Janeiro, a polícia militar prendeu 31 manifestantes⁵¹.

A cada dia, as manifestações se tornavam maiores, com mais participantes, chegando a ficar incontroláveis. Prova disso foram os

⁴⁷ RICCI; ARLEY, 2014, p. 18.

⁴⁸ RICCI; ARLEY, 2014, p. 18.

⁴⁹ RICCI; ARLEY, 2014, p. 19.

⁵⁰ RICCI; ARLEY, 2014, p. 19.

⁵¹ RICCI; ARLEY, 2014, p. 19.

acontecimentos ocorridos, conforme já mencionados, em 13 de junho, em que as manifestações paulistas atingiram mais de 20.000 participantes, sucedendo nessa manifestação o confronto mais violento entre manifestantes e militares, com a detenção de 234 pessoas. A violência policial incendiou as redes sociais, espalhando o movimento para outras cidades brasileiras. Em Belo Horizonte, houve a concentração com mais de 20.000 manifestantes na Praça 7, no dia 17 de junho. No final de junho de 2013, os atos manifestativos não eram regidos por lideranças e não havia estruturas organizadas⁵². Ricci e Arley caracterizaram as manifestações em cinco aspectos distintos, que estão abaixo explicitados.

1.3.1 O uso das redes sociais

A primeira característica das manifestações de 2013, afirma Ricci, foi o uso das redes sociais, um importante instrumento para os manifestantes. Eram feitos convites para eventos e os mesmos eram confirmados, podendo-se, assim, ter a dimensão de quantas pessoas compareceriam às manifestações de rua⁵³.

Com um grande número de adesões ao evento, bastava observar os cartazes dos manifestantes para ter nitidez do motivo inicial das manifestações: o aumento dos preços das passagens que, no decorrer do movimento, tornara-se um motivo secundário em meio à multidão. Outros motivos foram acrescentados à lista das manifestações como os gastos públicos exorbitantes para a Copa do Mundo de 2014, as ações contra governantes e o grito pelo mau uso do dinheiro público⁵⁴.

Os manifestantes fizeram da internet um trabalho em rede, com uma comunicação ampla e sem lideranças. Essas características sinalizaram a comunicação incompleta e provisória, porém muito rápida, dos aderidos às manifestações.

A fim de que houvesse sucesso nas manifestações, foi preciso uma comunicação eficiente, cuja função foi nortear todo processo e, vale ressaltar, o

⁵² RICCI; ARLEY, 2014, p. 20.

⁵³ RICCI; ARLEY, 2014, p. 20.

⁵⁴ RICCI; ARLEY, 2014, p. 21.

evento em questão teve, de forma inovadora, grande participação dos meios de comunicação, afirma Manuel Castells⁵⁵.

Desde o século XX, a população participa de forma mais ativa, politicamente falando, dos diversos organismos na sociedade. Exemplos disso são os sindicatos e os partidos políticos, tendo como propósito fazer levantar uma bandeira ou reivindicar algo. Em se tratando de protestos, o objetivo é abordar uma insatisfação comum, que atinge a sociedade ou um grupo considerável dessa. A comunicação, um importante instrumento usado pelos manifestantes, assumiu sua forma materializada através de boletins, jornais, panfletos e todos os tipos de mídias possíveis, garantindo maior divulgação dos acontecimentos e uma acessibilidade mais rápida⁵⁶.

A partir de 1990, com a popularização da internet, a comunicação se tornou um elemento ainda mais forte para ação coletiva. E, no século XXI, ocorreram vários avanços, ficando a informação mais acessível a toda população, tendo como instrumento importantíssimo o uso de aparelhos móveis, destacando-se o surgimento de aplicativos (whatsapp, facebook, twitter) que colaboram para uma maior divulgação dos protestos⁵⁷.

Não se pode dizer que a onda de protestos de 2013 veio apenas das redes sociais, embora não se possa negar que essas tiveram uma grande parcela de contribuição, no sentido de ser um instrumento de divulgação daquilo que a sociedade estava sentindo e reivindicando. Conforme defendido por Castells, esse movimento foi elaborado dentro dessa nova forma de comunicação. Além disso, defende o autor, essa forma de manifestação produz uma nova cultura chamada de cultura da autonomia, tendo como origem as redes sociais, usadas para apoio, e as plataformas, usadas para compartilhamento dos ideais defendidos. É um ambiente propício para comover pessoas isoladas que não pertencem a nenhum grupo envolvido nos protestos, objetivando despertá-las e convencê-las a participar de alguma maneira⁵⁸.

Essa ação coletiva acontece através dos programas interativos e dispensa a ideia de os manifestantes serem identificados através de um ponto

⁵⁵ CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2013, p. 13.

⁵⁶ CASTELLS, 2013, p. 14.

⁵⁷ CASTELLS, 2013, p. 14.

⁵⁸ CASTELLS, 2014, p. 14.

de referência (como sindicatos e associações), estruturando-se através de interesses expressos voltados àquilo que pretendiam⁵⁹.

Os smartphones, um dos veículos de comunicação bastante utilizados, foram muito importantes para registros dos eventos, servindo como uma espécie de agentes vigias, uma vez que tudo que acontecia era filmado e distribuído em tempo real. Isso serviu como atualização dos eventos e também como segurança para as pessoas presentes⁶⁰.

Os meios de comunicação tradicionais (jornal impresso e televisivo) também participaram de forma ativa do processo. No início, apresentaram as manifestações como perturbadoras da sociedade, fazendo reivindicações ao governo para que contivesse a população, como sendo apenas um ato vândalo, e não como algo de direito do cidadão viver. Após esse primeiro momento, mudou-se a forma de apresentar as manifestações, principalmente devido ao tipo de grandes violências realizadas por parte dos policiais militares, atingindo até mesmo os repórteres que cobriam os eventos. Pelo fato de ser evento de cobertura nacional, passaram a considerar os atos de vandalismo como pontos isolados, reconhecendo o direito do cidadão de protestar⁶¹.

As mídias alternativas, assim como nos outros momentos de grandes turbulências no Brasil, sempre estiveram presentes. Isso ocorreu no período da ditadura militar, em 1964, sendo quatro anos de muita censura, em que só podiam ser divulgadas ideias que não contrariassem o pensamento do governo. Surgiu então a imprensa “nanica”, assim chamada devido ao formato pequeno de tabloide. Assim como os nanicos, surgiram mais de 300 periódicos que não conseguiam muito tempo de permanência e sumiam. A função não era apenas de criticar, mas de propor alternativas para o momento⁶².

Nesse período, optava-se por agir no anonimato por questão de segurança, tanto pela gráfica, por quem os jornais eram produzidos e vendidos, como pelos empresários, que os financiavam⁶³. Nas manifestações de junho de 2013, destacou-se a mídia Ninja (Narrativas Independentes, Jornalismo e

⁵⁹ CASTELLS, 2014, p. 15.

⁶⁰ CASTELLS, 2014, p. 15.

⁶¹ CASTELLS, 2014, p. 16.

⁶² CARLOS, Natividade Eliane. *A mídia e as manifestações de junho de 2013: uma análise de produtos midiáticos*. São Paulo, 2015, p. 44. Disponível em: <<http://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2015/04/ELIANA-NATIVIDADE-CARLOS./>>. Acesso em: 10 jul. 2016.

⁶³ CARLOS, 2015, p. 45

Ação), composta de profissionais que se posicionaram de forma crítica contra acontecimentos que são importantes para entendimento do processo, fazendo cobertura em tempo real dos fatos. Como exemplo, pode-se citar aqui a ação da Polícia Militar, seja no sentido de proteger os participantes, seja com o intuito de manter a ordem, nos momentos de possíveis excessos⁶⁴.

A mídia Ninja desenvolveu um discurso contrário ao da mídia tradicional, estando sobre os cuidados do jornalista Bruno Torturra, que atua em um trabalho cultural conhecido como coletivo fora do Eixo, tendo como produtor geral Plabo Capile. Essa mídia chegou aproveitando lacunas deixadas pela mídia tradicional e agiu de forma mais eficiente, conseguindo uma visibilidade e um reconhecimento de maior desataque. Os Ninjas se comprometeram com a cobertura real do evento, conquistando um público que estava cansado das coberturas tendenciosas produzidas no dia a dia⁶⁵.

1.3.2 Confronto com a Ordem

Considerado um ponto de fundamental importância nas manifestações de junho de 2013, vale refletir sobre como ocorreu, no decorrer do movimento, o confronto com a ordem. Os manifestantes demonstravam que eram a favor do equilíbrio de gastos nos serviços públicos e criticavam a política brasileira. As mobilizações de junho contiveram a presença de grupos minoritários, que agiam de modo extremo em suas manifestações, exibindo sua filosofia anti-conservadora⁶⁶. No entendimento de Ricci e Arley, os manifestantes desempenharam as seguintes ações:

Utilizaram as ruas como meio de expressão e protesto; negaram as tradições e a Ordem; sustentaram embates com os emblemas da ordem econômica (atacando bancos e concessionárias de veículos de luxo) e da segurança pública; criaram mecanismos de identidade social paralelas ao instituído; pautaram pela autogestão. Um ideário que se aproximou da lógica organizativa de tantas estruturas libertárias horizontalizadas emergentes no mundo moderno, configuradas até mesmo AIT (Associação Internacional do Trabalho), mas também registradas na estrutura organizativa do Fórum Social Mundial⁶⁷.

⁶⁴ CARLOS, 2015, p. 45

⁶⁵ CARLOS, 2015, p. 47.

⁶⁶ RICCI; ARLEY, 2014, p. 24.

⁶⁷ RICCI; ARLEY, 2014, p. 24-25.

As manifestações estiveram muito próximas dos pensamentos de esquerda e foram de fácil compreensão pelas demandas que sugeriram as solicitações de igualdade no atendimento dos serviços públicos e na direção do controle social. Também as críticas às elites brasileiras soaram como algo digno de ser levado às ruas e à boca do povo manifestante⁶⁸: Contudo, pode-se considerar que não havia fundamento na reação de alguns intelectuais e dirigentes partidários, que compreenderam o caso como de perfil explorado pela direita ou extrema direita, o que foi bem formulado por Marilena Chauí, em uma entrevista concedida à Revista Cult, em agosto de 2013:

O que vejo neste momento é que, como o PSOL e o PSTU não têm representatividade social, pois são minúsculos, o crescimento da manifestação de rua fez com que eles julgassem que poderiam se apropriar dela. Não houve liderança da esquerda, mas uma tentativa, desses partidos, de se apropriar de um movimento de massa que seriam incapazes de realizar. A mesma coisa ocorre com a direita, que não tem força de mobilização, operando sempre por *lobby* e por meio de repressão (...). As mobilizações, por enquanto, estão sem rumo; têm palavras de ordem as mais variadas, mas não um rumo, o que as torna frágeis e apropriáveis pela mídia e pela direita⁶⁹.

Marilena Chauí identifica alguns partidos políticos com pouca representatividade, que não se omitiram de participar se juntando à multidão. Não foi possível perceber liderança da esquerda e nem da direita. Frases de comando foram ditas na multidão, mas sem conexão necessária para se estabelecer um direcionamento para o movimento⁷⁰.

Ainda segundo Chauí, o movimento pode ser classificado como o de uma classe média que ansiava por governo sem mediações institucionais e, no entanto, ditatoriais, sugerindo que se tratava de um discurso negando mediações, partidos e organizações de uma república democrática⁷¹.

A questão posta – contra face da argumentação de Chauí – é se o mundo político não estaria efetivamente distante desta realidade virtual a ponto dos jovens internautas não compreenderem suas movimentações e rituais de negociação entre pares. Em outras palavras, a transposição do mundo do comando instantâneo pelo

⁶⁸ RICCI; ARLEY, 2014, p. 25.

⁶⁹ CHAUI, Marilena. *Pela responsabilidade intelectual e política*. 31 ag./2013, p. 5. Revista Cult. Disponível em: <<http://www.revistacult.uol.com.br/>> Acesso em: 23 nov. 2015.

⁷⁰ CHAUI, 2013, p. 5.

⁷¹ CHAUI, 2013, p. 5

internauta, ao contrário do que sugere Chauí, não geraria a infantilização política, mas a limitação do conceito de representação para, no máximo, a delegada, onde o representante não teria espaços para deliberar sem o consentimento do representado. Cairia por terra, portanto, a representação fiduciária, em confiança, mais ampla e que confere grande liberdade de atuação do representante⁷².

1.3.3 A reação dos jovens

Uma terceira característica que pode ser observada nas manifestações de junho de 2013 foi a alegria dos jovens, expressa na lógica do enxameamento. Esse é um fenômeno dos movimentos em redes no qual os participantes saem às ruas em grande número, sem ter um líder definido, nem causa partidária. Cada participante defende sua causa. Ricci e Arley (2013) definem enxameamento como⁷³:

Fenômenos típicos das redes sociais, mas que não dependem das tecnologias, apoiam-se na interação e conectividade. Como todo enxame, não sabe ao certo como surgiu e por qual motivo se dispersou, mas o fenômeno é reconhecido e é esperado que se repetisse em algum momento futuro. Relaciona-se com a noção de comunidade provisória, fortemente articulada com identidade afetiva e com a convocação horizontalizada⁷⁴.

Faculdade Unida de Vitória

1.3.4 A carnavalização política nas ruas

Um quarto elemento notável nas manifestações foi a carnavalização política nas ruas. Associando os confrontos entre militares e manifestantes, em que sempre terminavam as grandes manifestações com sorrisos maliciosos e emoldurados, como acontece durante o carnaval brasileiro, um evento legalizado na nação, em que seus enredos vez por outra fazem crítica banalizando as autoridades do país, surgindo assim uma nova identidade brasileira⁷⁵.

Havia uma de ações nas manifestações: estudantes ora gritavam exigindo seus direitos, ora cantavam o Hino Nacional; mães com seus filhos nos braços permaneciam ao lado de manifestantes, que lutavam por várias

⁷² RICCI; ARLEY, 2014, p. 29.

⁷³ RICCI; ARLEY, 2014, p. 32-33.

⁷⁴ RICCI; ARLEY, 2014, p. 33.

⁷⁵ RICCI; ARLEY, 2014, p. 33-34.

causas na sociedade como: a questão das drogas, a busca por uma educação pública de qualidade, causas de gênero sexual, entre outras; policiais que tentavam, a qualquer custo, conter os manifestantes. Havia, ainda, pessoas uniformizadas, mascaradas, com cartazes irônicos, uma verdadeira gama de elementos que revelavam a heterogeneidade, um traço cultural brasileiro, elucidam Ricci e Arley, e ainda completam:

Os choques audiovisuais são os mais e mais frequentes, nos viciando em sensações, no exagero e no eminentemente explosivo. Inflar o banal passou a ser uma busca diária para focar a atenção. Ambiente propício para um cenário midiático, espetacular, dinâmico, onde a ordem se transforma num fio de navalha, onde todo campo institucional se equilibra em meio às manifestações incontroláveis das ruas⁷⁶.

Algo que pode ser percebido na cultura brasileira é a falta de constância em reivindicar aquilo que se acredita estar certo. As muitas informações eram passadas com grande dose de conteúdo emocionalista que, ao mesmo tempo em que estimulava a população a participar do evento, também dispersava da necessidade real que os levou para as ruas⁷⁷.

1.3.5 A violência

Embora a violência, quinto elemento das mobilizações de junho de 2013, estivesse presente nas manifestações de rua o tempo todo, foi com o passar do tempo que ela aumentou consideravelmente. Tanto que passou a ser habitual assistir em noticiários embates entre a Polícia Militar e os manifestantes. Destes, alguns se sentiam incomodados com a falta de liderança, enquanto outros reagiam de forma contrária, não deixando espaço para argumentação⁷⁸. Ricci e Arley concluíram, com esses cinco elementos apresentados, que:

As manifestações de junho foram inovação e negação, mas também desilusão e ausência de projeto futuro. A simples presença era demonstração de força e crítica. Sem futuro, nem passado. Sem bandeiras tremulando. Apenas apontavam a utopia daquele momento. O traço niilista abriu passagem para o quebra-quebra⁷⁹.

⁷⁶ RICCI; ARLEY, 2014, p. 35.

⁷⁷ RICCI; ARLEY, 2014, p. 35

⁷⁸ RICCI; ARLEY, 2014, p. 35-36.

⁷⁹ RICCI; ARLEY, 2014, p. 36.

Conforme evidenciado, a organização das manifestações se deu em rede. A internet teve papel fundamental através da sua popularização, consequência da facilidade de acesso pelos cidadãos usuários. As manifestações, pelo fato de serem apartidárias e de estarem livres de qualquer poder constitucional, geraram uma comunicação livre e autônoma⁸⁰.

Vale ressaltar que os únicos meios de comunicação formadores de opiniões pertenciam a uma elite dominante, que manipulava as informações a fim de que permanecessem suas prioridades. Em contrapartida, as prioridades da maioria, cujas demandas sempre são em maior quantidade, não eram sequer consideradas. Diante disso, surgiu a necessidade de o povo agir. Assim, com o objetivo de ser notado e ter sua voz ouvida, vários cidadãos começaram a se organizar através dos movimentos sociais em redes e se apropriar dos espaços públicos. Esses espaços ocupados pelos movimentos em redes possuíam grande relevância para o fortalecimento de tais movimentos. Segundo Castells, existem alguns motivos principais⁸¹:

- Promover a união de um grupo de pessoas, isso acontece através de uma aproximação, possibilitando trabalhar o psicológico onde elimina o medo, principal fator que atrapalha os indivíduos a fazerem parte das redes⁸².
- Ao ocuparem os prédios públicos os quais são de grande importância para sociedade, reivindicam de forma direta as incoerências cometidas pelos poderes⁸³.
- Esses espaços ocupados se transformam em locais para as reuniões do grupo onde passam a fazer as assembleias, onde praticam a democracia deliberativa para os assuntos a serem discutidos⁸⁴.

Um fato recorrente em todas as manifestações é que, assim que essas eram planejadas, a comunicação acontecia de forma rápida pela internet e, quando os manifestantes atacavam prédios públicos, bancos, concessionárias de carro, a insatisfação não se baseava apenas em um motivo: estavam demonstrando uma total indignação a tudo que estava acontecendo no sistema vigente⁸⁵.

⁸⁰ CASTELLS; 2013, p. 14.

⁸¹ CASTELLS; 2013, p. 14.

⁸² CASTELLS, 2013, p. 15.

⁸³ CASTELLS, 2013, p. 14.

⁸⁴ CASTELLS, 2013, p. 16.

⁸⁵ RICCI; ARLEY, 2014, p. 24.

Para a pesquisadora Marilena Chauí, as manifestações causavam preocupações porque não protestavam apenas contra os temas urbanos, mas também contra a política vigente⁸⁶. Diferentes problemas eram abordados e a insatisfação, como transparecia no número de manifestantes que iam para as ruas, era da maioria. Os manifestantes se utilizavam dos discursos com o intuito de manipular emocionalmente a sociedade. Tal como os motivos que os levavam à luta, o discurso não era único, também não havia representantes eleitos. E faziam questão de deixar nas entrelinhas que não possuíam representantes⁸⁷.

1.4 Recursos utilizados pelo poder público para apaziguamento das manifestações

Nas ruas, os manifestantes deixavam transparecer uma expressão de dever cumprido, de quem estava intervindo de forma direta e adequada na política eminente. E, por isso, eles se expressavam de diversas formas, usando não apenas a internet, mas todos os demais meios possíveis para se comunicarem⁸⁸. “Mas nem tudo era festa”. A violência passou a fazer parte das manifestações de 2013. Ela entrou como um componente provocador de pressão que, por sua vez, transformou-se em conflito⁸⁹.

O desencadeamento da violência no protesto, mesmo tendo suas razões, configurou-se em atitudes exageradas dos participantes conscientes das razões pelas quais protestavam. Tais violências foram bem maiores que a maioria das deficiências existentes nas manifestações⁹⁰. O que ocorreu foi que, quando os manifestantes decidiram partir para a violência, a segurança pública foi acionada. E, conseqüentemente, colocaram em risco a sua própria estabilidade. Diante da violência, a segurança pública se posicionou através dos mecanismos de coerção que possuía: bala de borracha, bombas de efeito moral, entre outros. Isso, na análise de alguns, foi o resultado da falta de

⁸⁶ RICCI; ARLEY, 2014, p. 26.

⁸⁷ RICCI; ARLEY, 2014, p. 27.

⁸⁸ RICCI; ARLEY, 2014, p. 32.

⁸⁹ RICCI, ARLEY, 2014, p. 35.

⁹⁰ CASTELLS, 2013, p. 108.

apropriação do benefício concedido, pelo fato de terem o ato interrompido naquele momento, salienta Roberto Schwarz⁹¹.

Faz-se necessário entender que, nos protestos, se ocorrer resistência por parte dos manifestantes para com o Estado, e ocorrendo ameaça em seu poder, o mecanismo de agressão para controle e proteção é acionado de todas as forças de segurança existentes como: polícia militar, exército e guarda nacional. São tomadas todas as precauções possíveis para garantir o controle da situação⁹².

Quando os manifestantes se reuniam, a priori, não eram grupos violentos. Todavia, ao se reunirem nos espaços públicos geravam conflitos e ações de violência quando, por exemplo, depredavam o patrimônio público ou particular para chamar atenção. Em alguns casos, o objetivo era se fazer notar pela mídia formadora de opinião. Essa depredação aos espaços públicos possuía muita ou pouca intensidade, dependendo de quão grave era o que está sendo questionado⁹³. Além disso, é preciso considerar que, em algumas situações, o que ocorria era a ação de vândalos, que sequer sabiam qual era o objetivo da luta. Apenas se aproveitavam da situação para praticar o vandalismo. Dessa forma:

A repressão com diferentes tipos de violência, dependendo do contexto institucional e da intensidade do desafio apresentado pelo movimento é manifestar-se em nome da sociedade como um todo, é fundamental eles sustentarem sua legitimidade pela justaposição de seu caráter pacífico à violência do sistema. De fato, em todos os casos, as imagens da violência policial ampliaram a simpatia dos cidadãos pelo movimento, assim como o reativaram⁹⁴.

Para compreender melhor a questão da violência, vale ressaltar os Black Bloc, um grupo que surgiu na Alemanha, sendo seus componentes protetores do movimento anti-nuclear. Eles eram, também, grandes alvos de repressão policial. Eram pessoas de grupos antifascistas e anarquistas que objetivavam fazer segurança nas diversas direções do grupo, todos se vestiam de roupa preta e usavam máscara no rosto, possuíam uma ação direta e, embora fossem indivíduos independentes, juntos formavam um agrupamento para ação

⁹¹ SCHWARZ, Roberto. *Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brás*. São Paulo: Editora Bomtempo - Carta Maior, 2013, p. 65.

⁹² CASTELLS, 2013, p.76.

⁹³ CASTELLS, 2013, p.164.

⁹⁴ CASTELLS, 2013, p.164.

do momento. Contudo, tal agrupamento se desfazia quando terminavam a ação⁹⁵.

A princípio, agiram dessa forma, mas com o passar do tempo foram se modificando, passando a apresentar uma ideologia consistente. Começaram a agir de forma consciente e organizada contra aquilo que representava o capitalismo, passaram, também, a atacar, danificar e até mesmo a destruir aquilo que representasse o capitalismo como as grandes empresas, os bancos, os símbolos do Estado, sendo essa uma atitude realizada em todas as manifestações que ocorreram ao redor do mundo⁹⁶.

No movimento de protesto chamado Occupy, em 2011, os manifestantes tiveram uma atuação com o objetivo de impedir que tirassem ocupantes de espaços públicos e de praças, representando um ato de humanização em forma de proteção aos acampamentos ameaçados. É possível também notar presença no Norte da África, no Oriente Médio, agindo contra a repressão policial e militar. No Brasil, também os Black Blocs fizeram parte nas manifestações em 2013⁹⁷.

A classe média e alta do Brasil e a mídia tradicional os nomearam os Black Blocs como vândalos e desordeiros por terem uma postura de resistência à repressão. Com medo da atitude do grupo, os dominadores da nação (todos que representam o capitalismo) começaram a dizer nos jornais de grande abrangência que eram diferentes do restante da manifestação, por isso precisavam ser combatidos⁹⁸.

A mídia como forma de enfraquecer os Black Bloc, referia-se a eles como vândalos, a fim de não propagar o grupo e instigar a população a pesquisar sobre a ideologia, sobre sua forma de organização e atuação contidas nas páginas do Facebook intitulado de Black Bloc RJ e Black Bloc Brasil. Através desses mecanismos da internet, eles se organizavam para reunião e decidiam as ações a serem tomadas e, posteriormente, executadas⁹⁹. Seus rostos eram cobertos porque:

⁹⁵ SANTOS, Mariana Corrêa dos. *Corpos em movimento: Black Bloc carioca e representações de resistência*. In: CAVA, Bruno e COCCO, Giuseppe (org.). *Amanhã vai ser maior: o levante da multidão no ao que não terminou*. São Paulo: Annablume, 2014, p.188.

⁹⁶ SANTOS, 2014, p. 188.

⁹⁷ SANTOS, 2014, p. 189.

⁹⁸ SANTOS, 2014, p. 190.

⁹⁹ SANTOS, 2014, p. 191.

É um ato político, pois o estado tende a transformar o rosto em identidade, esmagando as subjetividades construídas por aquele corpo detentor do rosto. Um rosto coberto, ao contrário de corpo coberto, confunde quem tenta conter as potências do corpo produtivo. É o corpo em protesto¹⁰⁰.

A máscara no rosto tem uma ação literal de proteção mediante o uso de mecanismos de coerção utilizados para conter e dispersar a multidão, como as armas de baixa letalidade manipuladas de forma irresponsável, provocando danos irreparáveis. Tal máscara também serviu para fazer com que as outras máscaras caíssem, como a do governo, a da mídia que manipula a grande massa, a dos intelectuais que trabalham com apologia à forma de dominação que envolve todo sistema vigente¹⁰¹.

A participação dos Black Bloc nunca será esquecida nos movimentos de protestos do Brasil, uma vez que esse grupo encorajou a população pobre e desprovida de recursos a sair em busca de novos ideais, a protestar por uma melhoria para viver. É importante ressaltar que eles não defendiam a violência, mas reconheciam que, mesmo em meio à violência, foram capazes de se sentir acolhidos e fortes para escrever a própria história¹⁰².

É fato indiscutível que o assunto sobre segurança pública esteve entrelaçado nos protestos de 2013. Conforme pesquisas anteriores, além da insatisfação com saúde, educação, mobilidade urbana, corrupção e altos gastos com a Copa, foram levantadas bandeiras para reivindicar, também, uma forma de conter o aumento da criminalidade. Temas como latrocínios bárbaros, crimes hediondos e maioridade penal, violência policial e falta de segurança nas manifestações foram levantados via internet. A partir desse passo, um número muito grande de pessoas era atingido e todos entendiam que essa era uma luta de todos, levando-os às ruas para lutar por melhorias nas estratégias políticas e policiais¹⁰³.

¹⁰⁰ SANTOS, 2014, p. 192.

¹⁰¹ SANTOS, 2014, p. 196-197.

¹⁰² SANTOS, 2014, p. 197.

¹⁰³ KAHN, Túlio. *A segurança pública e as manifestações de junho de 2013*. In FIGUEIREDO, Rubens. *Junho de 2013: a sociedade enfrenta o Estado*. São Paulo: Summus editora, 2014, p.115.

A insegurança foi evidenciada pela reprovação popular diante das propostas políticas para as polícias. E uma das bandeiras levantadas pelos que foram às ruas, em diversas capitais brasileiras, pedia o arquivamento da Proposta de Emenda Constitucional 37/2011 (PEC 37). A fim de entender o posicionamento dos manifestantes frente à proposta, faz-se necessário entender que a PEC 37 sugeria a inclusão de um novo parágrafo ao artigo 144 da Constituição Federal, segundo o qual seria incumbida às polícias federal e civil a apuração das infrações penais constantes nos parágrafos 1º e 4º do referido artigo, limitando, assim, o poder de investigação do Ministério Público Federal. Tal proposta foi apontada, pela maioria dos manifestantes e populares sondados nas pesquisas, como perniciososa, pois era acusada de beneficiar criminosos. E também havia a alegação de que, graças ao trabalho do Ministério Público Federal (MPF), no período de 2010 a 2013 foram propostas 15 mil ações penais. Caso tais casos fossem repassados à Polícia Federal, os mesmos poderiam não ser julgados em tempo hábil, acabando prescritos e, por isso, sem julgamento¹⁰⁴.

Diante disso, foi convocada, em junho de 2013, uma manifestação, via facebook, pelo músico Fabian Llado, um dos integrantes do movimento “Dia do basta à corrupção”. O ato ocorreu em vários estados brasileiros e levou às ruas milhares de manifestantes, contando, ainda, com a adesão de procuradores e promotores da Justiça Federal. A proposta foi derrubada, o que configurou uma importante vitória do povo brasileiro¹⁰⁵.

Na percepção social, caso a PEC 37 fosse aprovada, implicaria na piora da qualidade do trabalho, diminuindo, cada vez mais, o rendimento nas investigações, principalmente contra os corruptos¹⁰⁶. Assim é possível perceber que:

[...] mais do que debate sobre os problemas criminais e a ausência de políticas de segurança efetivas, as discussões predominantes, durante as jornadas de junho, foram a respeito da reação policial às manifestações, criticada tanto por excessos quanto por falta de ação. Não é descabido dizer que foi, precisamente, umas dessas reações desastrosas – especificamente a de 13 de junho, em São Paulo, quando a polícia reprimiu, de forma desproporcional, um grupo de

¹⁰⁴ MACIEL, Camila. *Protesto contra a PEC 37 na capital paulista*. 22 jun./2013. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/>> Acesso em: 22 dez. 2015.

¹⁰⁵ MACIEL, 2013.

¹⁰⁶ KAHN, 2014, p. 115.

manifestantes pacíficos que se dirigia à Avenida Paulista – que acabou por transformar um pequeno grupo, organizado em torno da questão da diminuição do preço das passagens, em porta-voz de uma insatisfação generalizada que se alastrou com virulência para mais de 350 cidades do país, levando milhões de pessoas às ruas nos dias subseqüentes. Talvez o movimento estivesse crescido de qualquer modo, mas, no mínimo, a reação policial desequilibrada aumentou a visibilidade e a legitimidade dos manifestantes naquele momento. Depois daquela intervenção, o movimento conquistou simpatia nacional e se espalhou como um rastilho de pólvora¹⁰⁷.

Como fator predominante para as discussões nessa jornada de debates sobre as manifestações de junho, além dos problemas citados anteriormente, destacou-se a reação dos policiais diante das manifestações, criticada tanto pelo excesso quanto por falta de ação. Segundo a opinião dos manifestantes, assim foi a reação da polícia¹⁰⁸:

Gráfico I – Opinião dos manifestantes sobre a atuação da polícia



Gráfico I

Fonte: KAHN, 2014, p. 117.

Como se pode perceber, segundo a maioria das opiniões abordadas, os policiais agiram, sim, com violência. Uma outra parte, também considerável, opinou que houve violência, contudo essa não foi exagerada. Contudo, antes de pontuar erros e acertos das operações policiais, é notório que nenhuma instituição - como os sindicatos, as universidades, os partidos, a imprensa ou o movimento estudantil - conseguiu prever ou captar, antecipadamente, os atos de insatisfação que, provavelmente, não surgiram do nada. Isso não significava

¹⁰⁷ KAHN, 2014, p. 116-117.

¹⁰⁸ KAHN, 2014, p. 117.

a ausência de influência dos partidos e grupos organizados nomeados por MST (Movimento dos sem Terra), CUT (Central única dos Trabalhadores) e UNE (União Nacional dos Estudantes) que estiveram presentes nas manifestações. Contudo, o destaque foi a grande massa de protestantes que saiu às ruas, sem vínculos com agremiações partidárias ou sindicais. Faz-se necessária, ainda, a discussão de que era possível detectar e prever atos e movimentos através da tecnologia e da captação de informações midiáticas, transformando, assim, em grandes mobilizações¹⁰⁹.

Através de uma pesquisa a nível internacional, foram encontrados os serviços de inteligência que conduzem, há décadas, pesquisas de opinião sobre temas de interesse público. O objetivo é avaliar se há riscos e quais são. Estados Unidos e Israel dizem ter computadores e dispositivos capazes de prever explosão de movimentos populares e, o mais admirável é que, além de previsão para movimentos locais, é possível, também, prever movimentos internacionais¹¹⁰.

No desenvolvimento dessas tecnologias, a fonte principal de suplemento foram milhares de divulgações publicadas, diariamente, nos jornais. Através dessas, era possível fazer simulações com quantidade e natureza das notícias, tornando possível prever mobilizações urbanas. Evidencia-se então que, se por um lado a mídia informativa revela os sentimentos da população, por outro lado também evidencia e direciona os mesmos¹¹¹.

Kahn caracteriza o perfil das mobilizações da seguinte forma:

- Maioria de manifestantes de classe média e alta, mais escolarizados (“os pacíficos”), diferente do público com que os policiais costumam lidar.
- Minoria de exaltados, responsáveis por depredações, provocações, confrontos, saques (os “vândalos” ou “baderneiros”). Inclui-se aí a eventual presença de grupos criminosos organizados e de grupos anarquistas.
- Escala das manifestações: não estamos falando de dezenas de torcedores, mas de centenas de milhares de manifestantes.
- Mobilização feita pelas redes e novas formas de comunicação: maior rapidez na convocação e disseminação dos fatos; rápida disseminação de imagens e palavras de ordem.
- Cobertura em tempo real pelos grandes canais de TV e ampla cobertura pelos meios de comunicação. População fotografando e transmitindo imagens ao vivo das ações.

¹⁰⁹ KAHN, 2014, p. 118.

¹¹⁰ KAHN, 2014, p. 118.

¹¹¹ KAHN, 2014, p. 121.

- Demandas múltiplas, das mais objetivas e concretas às mais abstratas e morais.
- Ausência de liderança ou múltiplas lideranças, o que dificultou a negociação.
- Ausência de meios de organização durante as manifestações: sem palcos, sem trajeto definido, sem horário de início e encerramento, sem carros de som, sem megafones etc.
- Rejeição a partidos, sindicatos e entidades representativas em geral¹¹².

Voltando ao comportamento dos policiais, o que se evidencia são diversas críticas apontando erros. Contudo, ao se pensar no tamanho das manifestações, ninguém se lembrou de apontar os acertos que, certamente, ocorreram em número bem maior do que os desacertos. Afinal, foi pequeno o índice de mortes se comparado com o volume gigantesco de manifestantes. Os óbitos apontados foram classificados como mortes causadas por motoristas presos nos engarrafamentos e por queda de viadutos. E, embora tenham sido dezenas de feridos por balas de borracha, não houve nenhuma ocorrência de morte por arma de fogo¹¹³.

Também os policiais interpretaram a ação e concluíram que houve, em alguns casos, atraso na interpretação dos perfis de manifestantes, uma vez que era, em sua maioria, uma classe diferente da que estavam acostumados a lidar. Também foram apontados inúmeros problemas táticos e operacionais: agentes sem tarjeta de identificação, uso de equipamentos com data de validade vencida, falta de comunicação entre comando e tropa, detenção ilegal de manifestantes, uso de armas não letais sem condições de visibilidade, além de outros¹¹⁴.

Enfim, são erros e acertos que apenas mostram, fielmente, a realidade brasileira. Acertos que provêm da coragem e da dignidade de tentar fazer o seu trabalho bem feito. Erros que apontam para um modelo desarticulado institucionalmente, carente de recursos, que carrega dúvidas por participar de uma sociedade engessada, talvez sem o preparo necessário para esse tipo de situação, com policiais mal pagos, sem treinamentos, em que cada um, em sua categoria, não consegue exercer suas funções até mesmo pela carência do poder de proteção e de justiça para a sociedade brasileira. Contudo, não se

¹¹² KAHN, 2014, p. 124.

¹¹³ KAHN, 2014, p. 124.

¹¹⁴ KAHN, 2014, p. 130.

pode negar que houve certo afrouxamento por parte dos policiais brasileiros

115 .

Orientações políticas oscilantes e falta de equipamento adequado atenuam, mas não escondem o fato de que as polícias brasileiras têm forte carência de capacitação, não apenas para conter distúrbios de massa, como para fazer o policiamento ordinário, tanto ostensivo quanto investigativo. Tais carências tornam-se evidentes quando a violência policial deixa de atingir apenas jovens pobres da periferia e passa a assolar a classe média branca nas principais avenidas do país¹¹⁶.

A preservação da integridade física dos manifestantes deveria ser sempre uma preocupação. Segundo modelo inglês de ação policial, os manifestantes depredam o bem público e os policiais, passivamente, assistem. Em seguida, localizam os autores através de vídeos, responsabilizando-os e condenando-os ao pagamento dos estragos feitos ao patrimônio público¹¹⁷. Pode-se dizer que o Brasil está longe de chegar a esse nível de civilidade.

Ainda com um olhar sobre a ação e a integração da polícia e dos manifestantes, alguns aspectos devem ser considerados. Primeiramente, lembra Kahn, vale ressaltar que, antes de ocorrer manifestações, faz-se necessário que a liderança se reúna com as autoridades e comunique, antecipadamente, a ocorrência prevista e, ainda, o trajeto a ser percorrido. No entanto, essa comunicação aos policiais não foi identificada. Outro ponto desrespeitado pelos manifestantes trata-se da garantia do direito de todo cidadão de ir e vir. Logo, as paralisações totais de trânsito, por longas horas, impedindo as pessoas de circular livremente, desconsiderando esse direito que, inclusive, está implícito na Constituição Federal, foi um ato ilegal¹¹⁸.

De fato, houve, sim, um afrouxamento por parte dos policiais. Contudo, esse afrouxamento, defende tal autor, foi causado pela polêmica gerada pela população presente no dia 13 de junho de 2013 nas manifestações, quando a intolerância, por parte da polícia, apenas acirrou ainda mais as mobilizações e colocou a população contra as autoridades¹¹⁹.

¹¹⁵ KAHN, 2014, p. 130.

¹¹⁶ KAHN, 2014, p. 128.

¹¹⁷ KAHN, 2014, p. 126.

¹¹⁸ KAHN, 2014, p. 126.

¹¹⁹ KAHN, 2014, p. 126.

Estrategicamente, os comandos da polícia de diversos estados identificaram, ao menos na percepção deles, a liderança dos movimentos e, assim, procuraram obter um diálogo constante, com o intuito de negociar trajetórias, controlar tumultos e minimizar provocações. Além desse diálogo, foram identificados comandantes no meio das pessoas, na linha de frente, colocando em risco sua integridade física e até mesmo a própria vida. Assim, enquanto o comando tentava manter a ordem, controlando ações, mantendo um diálogo direto e colocando comandantes no meio dos manifestantes, alguns grupos de policiais agiam com repressão, colocando em risco a vida desses comandantes¹²⁰.

Confusões foram registradas. Os motivos de cada manifestação também. E os manifestantes conseguiram vitórias significativas diante das reivindicações: diminuição do preço das passagens, corte de custos, derrubada da PEC 37 e definição da punição para corruptos. Todavia, não se podem apontar medidas que atendessem às necessidades policiais como, por exemplo, novas estratégias para diminuir a criminalidade, investimentos em tecnologias e conhecimentos capazes de prever novas manifestações, considerando sempre o interesse por parte dos governantes e atenção aos movimentos sociais¹²¹.

Aqui vale considerar que todo e qualquer movimento social atrela-se, para ter êxito, a um fator chave: a comunicação. Ela vai ter uma forma aberta de crítica reflexiva, capaz de mostrar à sociedade o que deveria estar acontecendo, mas não está gerando uma mobilização¹²². Conforme apontado, essa comunicação se estabelece por meio das redes sociais virtuais, mais usadas para envio de mensagens, como facebook, youtube, twitter e outros¹²³.
Conforme Castells:

Ao mesmo tempo, porém, é essencial enfatizar o papel da comunicação na formação e prática dos movimentos sociais, agora e ao longo da história. Porque as pessoas só podem desfiar a dominação conectando-se entre si, compartilhando sua indignação, sentindo o companheirismo e construindo projetos alternativos para si próprias e para a sociedade como um todo. Sua conectividade depende das redes de comunicação interativas. Em nossa sociedade,

¹²⁰ KAHN, 2014, p. 126.

¹²¹ FIGUEIREDO, 2014, p. 130.

¹²² CAMPILONGO, 2013, p. 13.

¹²³ RICCI; ARLEY, 2014, p. 81.

a forma fundamental de comunicação horizontal em grande escala baseia-se na internet e nas redes sem fio. Além disso, é por meio dessas redes de comunicação digital que os movimentos vivem e atuam, certamente interagindo com a comunicação digital é um componente indispensável para prática e na organização desses movimentos tal como existem¹²⁴.

Atualmente, os movimentos sociais se utilizam da internet para se estabelecer como organização. O seu papel vai além do seu aparato tecnológico. A internet é a verdadeira líder dessas manifestações porque sensibiliza, convoca e promove todo diálogo necessário para sobrevivência e manutenção do movimento. Ela tem função de proteger o grupo e manter a comunicação, sem necessidade de estar contida em um espaço físico determinado, defende Castells¹²⁵.

Ainda segundo Castells, as redes e os movimentos sociais possuem algo em comum: primam pela autonomia, sendo essa uma característica da sociedade contemporânea. Essa condição de autonomia traz um princípio de subjetividade, no qual cada indivíduo na sociedade é capaz de lutar pelos seus direitos. A comunicação autônoma promove um movimento sem liderança. Assim, o que torna esses movimentos organismos vivos são as assembleias e o próprio acesso à informação promovido pela internet. As redes estabelecem lideranças que, por sua vez, primam por autonomia¹²⁶.

Autonomia refere-se à capacidade de um ator social tornar-se sujeito ao definir sua ação em torno de projetos elaborados, independentemente das instituições da sociedade, segundo seus próprios valores e interesses. A transição da individualização para a autonomia opera-se por meio da constituição de redes que permitem aos atores individuais construir uma autonomia das pessoas de posição semelhante nas redes de sua escolha. Eu afirmo que a internet fornece a plataforma de comunicação organizacional para traduzir a cultura da liberdade na prática da autonomia. Isso porque a tecnologia da internet incorpora a cultura da liberdade, como forma de registro histórico de seu desenvolvimento¹²⁷.

A comunicação que se estabelece, tanto pelas redes sociais quanto pelas multidões de manifestantes, resulta em um companheirismo. Esse, por sua vez, passa a ser um componente potencial para que as pessoas percebam

¹²⁴ CASTELLS, 2013, p. 166-167.

¹²⁵ CASTELLS, 2013, p. 167.

¹²⁶ CASTELLS, 2013, p. 167.

¹²⁷ CASTELLS, 2013, p. 168.

valores alcançados. Conclui-se, assim, que esses movimentos operam na chamada horizontalidade das redes que, segundo Castells, “favorece a cooperação e a solidariedade, ao mesmo tempo em que reduz a necessidade de liderança formal”. Esses movimentos não protestam contra liderança, mas contra o sistema existente¹²⁸.

Os movimentos sociais não são contra a democracia representativa, mas sim contra os ideais que ela acredita em termos teóricos, mas que na prática não são vivenciados. Dessa forma, há poucas possibilidades de negociação entre os políticos e os movimentos, visando uma melhor participação do povo nos processos democráticos da política¹²⁹.

Não existe algo específico que os movimentos sociais, por meio das manifestações populares, defendem. O que é notado por todos, independente de ser no Brasil ou em qualquer outro lugar no mundo, é o sentimento de que algo errado está acontecendo e que é necessário refletir, discutir e promover mudanças¹³⁰.

O que se pode notar é que esses movimentos lutam contra questões econômicas e, também, político-ideológicas, desejando que a democracia seja exercida de forma mais eficiente. Também eles não possuem influência direta nas decisões de lei, alguns pretendem desenvolver nos cidadãos uma consciência crítica, que seja capaz de refletir as situações atuais, tendo uma participação de forma deliberativa nas decisões a serem tomadas em torno de si, sobre o país do qual são cidadãos¹³¹.

A comunicação tem um lugar especial no processo porque compartilha, elabora, reflete e sugere um novo caminho a ser trilhado, o que torna diferente os movimentos sociais em rede. Para Castells, a rede em si não cria mobilização, mas promove como ambiente do compartilhar, fato esse que produz um ambiente virtual que alimenta o contexto de revolta e indignação¹³².

Um grande paradigma para as lideranças do governo é a sua incapacidade de argumentar os questionamentos feitos pelos jovens que, sem

¹²⁸ CASTELLS, 2013, p. 163.

¹²⁹ CASTELLS, 2013, p. 172.

¹³⁰ SCHWARZ, 2013, p. 114.

¹³¹ CASTELLS, 2013, p. 172.

¹³² CASTELLS, 2013, p. 201.

muitas condições para oferecer mudanças, apenas propõe algumas melhorias¹³³.

Dentre as contribuições que os movimentos sociais oferecem, vale destacar duas características inerentes a todos: eles têm algo muito eficiente e próspero que é a facilidade de compartilhar informações dos protestos com devidas atualizações em tempo real e a crença em mudanças rápidas. Contudo, a situação nem sempre é tão simples e os problemas não se resolvem instantaneamente. Mesmo porque existe um sistema implantado há vários anos na história que segue seu percurso. Assim, a proposta do movimento social é que haja uma mudança cultural a partir da intervenção¹³⁴.

Só haverá um despertar do povo para tantas incoerências no governo quando todos perceberem que são explorados radicalmente. Muitos jovens estão inconformados e revoltados com o sistema, mas não sabem o que querem. Muitos estão agindo sem pensar no que realmente almejam. A percepção identificável nos jovens é a existência de um vazio¹³⁵.

Finalizando este capítulo, pode-se perceber que foram abordados vários aspectos que moveram e nortearam as manifestações que, por sua vez, partem de movimentos em redes, por diversos motivos, mas que possuem uma característica peculiar, comparando-se a outros protestos já ocorridos no Brasil: são apartidários.

É possível perceber que são muitos os fatores que levaram a população a escolher as ruas como lugar de reivindicações de seus direitos. O objetivo era se fazer ouvir pelos órgãos do governo e fazer parte das mídias de massas que são formadoras de opiniões dentro da sociedade. A rua foi escolhida como meio de expressar indignações pelo descontentamento com diversas situações do país. A escolha do espaço físico foi só mais uma tática. Ao escolher os prédios públicos, os lugares de destaque para expor seus dilemas, os manifestantes roubaram a cena e passaram a ser atores principais e, por isso, foram mais notados.

Com a reunião de um grande número de manifestantes, surge a questão da oportunidade que alguns esperavam para cometer atos de vandalismo,

¹³³ SCHWARZ, 2013, p. 114.

¹³⁴ CASTELLS, 2013, p. 172.

¹³⁵ SCHWARZ, 2013, p. 172.

como forma de expressar suas revoltas diante dos dominadores. E é nesse momento que surge a necessidade de intervenção do Estado que, em certas situações, tem que agir de forma rígida. Vale ressaltar que, constitucionalmente, é legal a livre expressão de pensamento, mas isso não atribui ao cidadão o direito de destruir aquilo que é um bem comum a todos e está ali para servir à população.



2 QUEM SÃO OS EVANGÉLICOS NO BRASIL

No primeiro capítulo, buscou-se uma abordagem acerca das manifestações ocorridas no Brasil, nos últimos anos, enfatizando as de 2013. Já no segundo capítulo, objetiva-se entender quem são os evangélicos do Brasil. A princípio, parecem até desconexos os assuntos tratados, contudo, vale lembrar que a proposta desta pesquisa é entender qual é o verdadeiro papel da Igreja Evangélica diante dos problemas sociais, qual é o seu posicionamento como instituição frente às manifestações. É aí que esses dois capítulos se entrelaçam: foi preciso abordar a forma e os motivos das manifestações e, em seguida, fazer um reconhecimento de quem são os evangélicos do Brasil, quais são suas crenças e opiniões e, por fim, levantar e questionar o papel da igreja no atual contexto social.

Assim, neste capítulo, tem-se como proposta inicial apresentar, por meio de bases históricas, a origem dos evangélicos no Brasil. Para esta primeira parte será usado como referencial teórico a obra *Celeste Porvir: a inserção do Protestantismo no Brasil*, de Antônio Mendonça de Gouvêa, considerada por muitos pesquisadores como uma obra clássica. Também será usado *Introdução ao Protestantismo no Brasil*, de Antônio Mendonça Gouvêa e Prócoro Velásques Filho e, ainda, *Matriz Religiosa Brasileira*, de José Bittencourt Filho. Conforme mencionado, pretende-se, aqui, buscar um melhor conhecimento sobre esses evangélicos, também chamados protestantes ou crentes, a fim de entender e de questionar a postura da instituição que os representa.

Desenvolver-se-á, num primeiro momento, um breve percurso histórico sobre a origem dos evangélicos no Brasil. Conforme se pode observar no decorrer deste capítulo, segundo registros abordados, a tradição evangélica não se definiu em um momento unilateral. Percebe-se que por aqui passaram e deixaram suas convicções, em momentos distintos, grupos com ideais e crenças que se diferenciavam em importantes aspectos. Assim sendo, cada período deixou sua contribuição para o desenvolvimento dos evangélicos e de suas crenças nos dias atuais, pois, cada momento de inserção foi realizado por grupos de protestantes possuidores de uma raiz teológica distinta. A reflexão

aqui se volta para entender qual seria a contribuição deixada por esses evangélicos e se a mesma colabora para um possível entendimento do que é ser protestante nos dias atuais.

No segundo tópico serão abordadas as nomenclaturas e seus significados, uma vez que se costuma defini-los como protestantes, crentes ou evangélicos. Em outra parte deste capítulo será apresentada, dentro de uma perspectiva mais acadêmica, uma definição mais concreta do que é ser evangélico e o que significa *ethos protestante*. Pelo fato de ser algo que para ser entendido é necessário um conhecimento, de fato, do assunto, o capítulo também apresenta um tópico que tem como proposta buscar um real entendimento acerca de cada parte do processo da conversão e da importância do culto para formação dos evangélicos.

Como parte do referencial teórico será abordado o livro *Protestantismo e Repressão*, de Rubem Alves, lançado na década de 70, sendo sua segunda edição lançada quase 30 anos depois, com o nome *Religião e Repressão*. Essa obra, segundo o pesquisador Leonildo Silveira Campos doutor em Ciências da Religião, é de grande importância para o estudo do protestantismo brasileiro. Vale ressaltar que se trata de um texto provocativo e de grande relevância não só para a presente pesquisa, mas também para a história do protestantismo no Brasil¹³⁶. Articulando com esse, ainda será usado o livro *Dogmatismo e tolerância*, também de Rubem Alves.

Rubem Alves, um estudioso que pesquisou sobre os diversos tipos de evangélicos no Brasil, falou sobre suas abordagens enquanto desenvolvia um estudo para definir o que pode ser entendido como protestante no Brasil. Segundo ele, a fim de se ter uma definição mais precisa, foram necessárias várias reflexões, através das quais concluiu que o Protestantismo de Reta Doutrina (PRD) seria uma denominação bastante adequada para o objeto de estudo, sendo esse assim definido¹³⁷:

O Protestantismo de Reta Doutrina é aquele que cuida com zelo especial das palavras certas. Da palavra certa depende a salvação da

¹³⁶ CAMPOS, Leonildo Silveira. *O discurso acadêmico de Rubem Alves sobre o "o protestantismo e repressão"*: algumas observações 30 anos depois. Periódico: *Religião e sociedade*. Rio de Janeiro. 28/ de fev. /2008, p. 102-137.

¹³⁷ ALVES, Rubem. *Protestantismo e repressão*. São Paulo: Editora Ática S.A, 1979, p. 33-34.

alma. Quem fala as palavras erradas está condenado ao inferno eterno. A obsessão com a verdade é que o caracteriza assim.¹³⁸

A fim de se entender um pouco mais sobre os evangélicos, alguns passos foram considerados, por Rubem Alves, de fundamental importância. Certos pontos foram abordados e, mais que isso, foram analisados: a conversão que acontece numa experiência emocional, a cosmovisão do PRD para entender o mundo, o mundo como é estruturado, a ética que deve ser seguida para a nova vida. Após uma abordagem desses aspectos, buscou-se conhecer quem teria o comportamento contrário ao que ele denominou como PRD.

De posse dessas informações, procurou-se entender a forma como ocorre o culto evangélico e sua liturgia, um elemento relevante para o conhecimento da base teológica. O que se pretende aqui é, especialmente, proporcionar um entendimento de como os evangélicos vivem sua fé em torno da igreja e como é sua participação na vida em sociedade. Para isso recorreu-se, mais uma vez, ao estudo de Antônio Gouvêa Mendonça, tão bem abordado no livro *Celeste Porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*¹³⁹.

2.1 A origem

A partir do século XVI, valores impostos pela igreja católica, até então aceitos como verdade absoluta, passaram a ser questionados dentro da própria igreja. Assim, o catolicismo começou a entrar em decadência dando origem ao protestantismo, que aconteceu com a Reforma Protestante, resultando na separação entre católicos e protestantes, devido ao fato de um grupo de cristãos protestar contra determinadas práticas da igreja católica¹⁴⁰.

Isso ocorreu num período histórico de grandes transformações, marcando o fim da Idade Média (séc. V ao XV) e a ascensão do Capitalismo (séc. XVI). Foram mudanças político-sociais que desencadearam questionamentos e insatisfações frente à religião, uma vez que se fazia

¹³⁸ ALVES, Rubem. *Religião e repressão*. São Paulo: Edições Loyola, 2005. p. 10.

¹³⁹ MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *O Celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1984, p. 13.

¹⁴⁰ MENDONÇA, 1984, p. 14.

necessário, na concepção de alguns, repensar o papel da Igreja Romana, que deveria ser remodelado aos moldes do novo contexto.

Contudo, como toda mudança implica conflitos, muitos resistiram e defenderam o dogmatismo católico. Outros partiram em busca do que acreditavam, diferentemente do imposto pela Santa Sé. Dentre os que contestaram e marcaram essa luta contra a ordem vigente da igreja, destacaram-se Martinho Lutero e João Calvino. Esses contribuíram, embora com ideias diferentes, para a Reforma Protestante¹⁴¹.

Ao lado do catolicismo, é o protestantismo um dos grandes ramos do cristianismo e, segundo Mendonça, a tradição evangélica possui características muito significativas:

Apesar de comportar em si mesma uma grande diversidade, a tradição cristã católica sempre foi capaz de conciliar e envolver essa diversidade com a vigorosa unidade que se manifesta. [...] ao contrário da tradição católica, o protestantismo, que surgiu da Reforma do século XVI, foi muito mais longe na variedade de tendências e instituições que gerou e, desde cedo, se revelou incapaz de conservar¹⁴².

No Brasil, a presença dos primeiros protestantes aconteceu em 1555, com a chegada da caravana comandada por Villegaignon¹⁴³, formada por cem pessoas, em três navios. Eles eram calvinistas franceses (huguenotes) e vieram com o objetivo de pregar a palavra e viver um cristianismo bem original, mantendo os requisitos já defendidos pela Reforma Protestante. Fixaram-se na Baía de Guanabara, na Ilha de Sergipe, atual Villegaignon, e estabeleceram boas relações com os índios tamoios, dos quais se tornaram aliados.

O primeiro culto realizado por eles foi em 1557, na Baía da Guanabara, ano em que mais três navios chegaram ao Rio de Janeiro como reforço pedido por Villegaignon. Essa caravana era composta de trezentas pessoas – colonos, soldados e alguns emissários protestantes enviados por Calvino – tendo como comandante Bois-Le-Comte, sobrinho de Villegaignon. Era o crescimento da colônia calvinista. Os católicos se manifestaram, houve divergências entre eles

¹⁴¹ MENDONÇA, 1984, p. 15.

¹⁴² MENDONÇA, Antônio Gouvêa; VELÁSQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1990, p. 11.

¹⁴³ Nicolau Durand de Villegaignon: oficial de marinha e colonizador francês (Provins, 1510 - Beauvais, 1575). Fundou, no Rio de Janeiro, a França Antártica, uma colônia destinada a explorar riquezas brasileiras e a abrigar protestantes.

e os calvinistas. Contra Villegaignon surgiram várias reclamações, o que o levou a ir para França, deixando o comando entregue ao sobrinho¹⁴⁴. Em 1559, o então governador português Mem de Sá ordenou o ataque aos franceses que, juntamente com seus aliados tamoios, abandonaram a fortaleza e foram se abrigar nas aldeias tamoios¹⁴⁵.

Já entre os anos de 1624 e 1625, houve uma segunda tentativa de trazer o protestantismo para o Brasil, dessa vez pelos holandeses. Eles chegaram a invadir Salvador, mas foram expulsos no ano seguinte. Contudo, em 1628, voltaram a invadir o Brasil, indo para Pernambuco¹⁴⁶.

O objetivo, num primeiro momento, não era expandir a religião protestante. Havia aqui uma grande extração de pau-brasil, que era exportado para a Europa e, além disso, o país também se apresentava muito promissor em relação à agricultura, destacando-se a cana-de-açúcar. Esse fato chamou a atenção dos holandeses, que visualizaram uma indústria açucareira. Assim, em 1628, eles invadiram Pernambuco, por ser a capital mais desenvolvida da cana-de-açúcar¹⁴⁷.

Calvinistas fervorosos, esses holandeses conquistaram relativo sucesso no país. Eles pregavam fielmente a palavra de Deus, o que resultou em muitas conversões, marcando, assim, a segunda fase de inserção do protestantismo no Brasil pelos holandeses. Contudo, segundo José Bittencourt Filho, não há muitos registros porque¹⁴⁸:

[...] os documentos foram destruídos pelos próprios holandeses, temendo os atos de inquisição que certamente adviriam com a restauração portuguesa, contra os poucos brasileiros convertidos. Evidentemente, as conversões nesse quadro eram por demais reduzidas, pois, por mais gentis que fossem, seria difícil para os nativos, escravos e moradores estrangeiros aceitarem uma nova proposta religiosa trazida pela mão de invasores¹⁴⁹.

As pregações continuaram, conversões eram feitas, a nova religião ia se propagando. O período de 1630 a 1635, no Nordeste, foi marcado por

¹⁴⁴ MENDONÇA, 1984, p. 18.

¹⁴⁵ ARAÚJO, José de Sousa A. Pizarro e. *memórias históricas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945, p. 28.

¹⁴⁶ MENDONÇA, PRÔCORO FILHO, 1990, p. 11.

¹⁴⁷ BITTENCOURT FILHO, José. *Matriz religiosa brasileira*. Petrópolis: Editora Vozes, 2003, p. 97.

¹⁴⁸ BITTENCOURT FILHO, 2003, p. 97.

¹⁴⁹ BITTENCOURT FILHO, 2003, p. 99.

apresentar um número muito relevante de protestantes que pregavam a palavra na língua do povo, até mesmo dos indígenas, resultando em muitas conversões ao protestantismo. Eles eram bem disciplinados e rígidos, bem puritanos. Era mais uma tentativa de trazer para o Brasil essa tradição evangélica. E, ao que parece, o resultado foi bastante satisfatório, completamente diferente da investida dos franceses. O fim dessa segunda fase culminou na restauração da coroa portuguesa e na vinda da Família Real para o Brasil¹⁵⁰.

No século XVII, houve uma nova tentativa de os franceses ocuparem o Brasil. Eles desejavam fundar uma nova França no Maranhão, contudo, não tiveram o êxito aspirado porque, segundo Mendonça, “com a presença numérica significativa de católicos e a com a liderança religiosa dos frades cappuccinos, é possível que os protestantes tenham se limitado às devoções particulares domésticas”¹⁵¹.

Mas ocorreu um fato considerável para a propagação dessa tradição: a vinda da Família Real para o Brasil. Junto com ela, vários imigrantes protestantes vieram e começaram a propagar o protestantismo anglicano. Em 1910, o tratado de Aliança e Amizade e de Comércio e Navegação, assinado entre Portugal e Inglaterra, já concedia aos estrangeiros residentes no Brasil – ou aos que viriam a residir – liberdade de consciência para praticarem sua fé. Assim dizia o Art. XII do tratado, segundo Reily e Velásques¹⁵²:

Sua Alteza Real o Príncipe Regente de Portugal declara e se obriga no seu próprio nome, e no de Seus herdeiros e sucessores, a que os vassallos de Sua Majestade Britânica residentes nos Seus territórios e domínios não serão perturbados, inquietados, perseguidos ou molestados por causa da Sua religião, mas antes terão perfeita liberdade de consciência, e licença para assistirem e celebrarem o serviço divino em honra do Todo-Poderoso Deus, quer seja dentro de suas casas particulares, quer nas suas particulares igrejas e capelas, que Sua Alteza Real agora, e para sempre, graciosamente lhes concede a permissão de edificarem e manterem dentro dos Seus domínios. Contudo, porém que as sobreditas igrejas e capelas serão construídas de tal modo que externamente se assemelhem a casas de habitação; e também que o uso dos sinos lhes não seja permitido para o fim de anunciarem publicamente as horas do serviço divino. Demais se estipulou que nem os vassallos da Grande Bretanha, nem outros quaisquer estrangeiros de comunhão diferente da religião

¹⁵⁰ MENDONÇA, 1984, p. 19.

¹⁵¹ MENDONÇA, 1984, p. 20.

¹⁵² REILY, A.G; VELÁSQUES P. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1990, p. 47.

dominante nos domínios de Portugal serão perseguidos, ou inquietados por matérias de consciência tanto nas suas pessoas como nas suas propriedades, enquanto eles se conduzirem com ordem, decência e moralidade, e de uma maneira conforme aos usos do País, e ao seu estabelecimento religioso e político¹⁵³.

A partir de então, foi inserido no Brasil, pelos ingleses, o culto anglicano. Entre os anos de 1820 a 1930, o país recebeu, aproximadamente, cinco milhões de imigrantes europeus e norte-americanos. Esses imigrantes fundaram aqui igrejas protestantes que, a princípio, eram ligadas a igrejas de seus respectivos países. Surgiram, assim, as primeiras capelas anglicanas, embora os cultos, celebrados em inglês, ainda fossem voltados para os estrangeiros¹⁵⁴.

Pode-se dizer que até a vinda da família real não houve protestantes no Brasil. Com a profunda modificação ocorrida com a presença de D. João VI, principalmente por causa da dependência da coroa portuguesa com relação à Inglaterra e expressa no ato de abertura de portos “às nações amigas”, é que protestantes anglo-saxões começam a chegar e se estabelecer no Brasil com relativa liberdade para as práticas religiosas¹⁵⁵.

Diante disso, surge um novo contexto, o que exigiu certas mudanças. No Brasil Império, os parlamentares tiveram a necessidade de discutir a liberdade religiosa na Constituição de 1823, em decorrência dos acordos de negócios com estrangeiros de tradição protestante. Somente com a Constituição de 1924, a liberdade religiosa foi aqui instituída: a Constituição reconheceu o Brasil como nação cristã, com suas diferentes manifestações. A religião católica foi mantida como a oficial do Estado, mensurada como melhor e superior, mas não podendo haver qualquer tipo de perseguição ou oposição por motivo religioso, tendo, a partir dessa data, a liberdade religiosa de outras igrejas cristãs¹⁵⁶. Segundo Mendonça:

[...] embora continuasse reconhecendo a religião católica como a religião do estado por excelência, e a única a ser mantida por ele, reconhecia a Constituição o Brasil como nação Cristã em todas as comunhões e estendia os direitos políticos a todas as profissões cristãs[...]. Continuava, no entanto, as restrições a lugares de culto, à construção de templo e ao proselitismo¹⁵⁷.

¹⁵³ REILY; VELÁSQUES, 1990, p. 34.

¹⁵⁴ REILY; VELÁSQUES, 1990, p. 34.

¹⁵⁵ MENDONÇA, 1984, p. 20.

¹⁵⁶ MENDONÇA; PRÔCORO FILHO, 1990, p. 20.

¹⁵⁷ MENDONÇA; PRÔCORO FILHO, 1990, p. 20.

O século XIX foi marcado pelo desenvolvimento e, atrelado a isso, o protestantismo passa a ser símbolo de prosperidade, uma vez que naquele momento do capitalismo os países europeus que aderiram à Reforma possuíam consideráveis avanços econômicos. Nessa nova etapa do Brasil, marcada pela liberdade religiosa, emerge o liberalismo radical, a maçonaria e o protestantismo. Havia uma parte da sociedade que lutava por mudanças sociais e percebia no protestantismo um alto potencial de desestruturar o catolicismo, já que seus seguidores eram considerados os mais poderosos daquele período¹⁵⁸.

Os protestantes, de um modo geral, aproveitaram o período de atitude respeitosa em relação à nova tradição no país e, com as portas abertas, quase todas as denominações tradicionais se estabeleceram em diversas partes da nação. Os norte-americanos sentiram o momento propício para o avanço e começaram a trabalhar com distribuição de bíblias em grandes centros urbanos, seguindo para as áreas rurais¹⁵⁹.

No âmbito social, esse protestantismo de imigração possuía ideais para geração de uma nova sociedade brasileira. Seu objetivo se voltava para o compromisso com a modernização. Vale ressaltar que na área da educação também houve avanço, conforme Bitencourt:

Os seguimentos sociais interessados em mudanças sociais substantivas viam na implantação do Protestantismo a oportunidade de sacudir o jugo do poderio religioso católico, no qual as classes dominantes e dirigentes estribavam-se à época. Por outro lado, o empenho modernizador estava integrado ao ideário das missões denominacionais. Essas, quando para cá vieram, não investiram apenas na consolidação de paróquias e organizações religiosas, mas também na formação de elites por intermédio da educação formal. Daí a fundação de instituições educacionais, que se tornariam pioneiras no tocante às inovações pedagógicas, fugindo do modelo católico estabelecido e dominante, introduziram o ensino das ciências, de contabilidade, da educação física¹⁶⁰.

O que se pode perceber é que esse momento foi marcado não apenas por mudanças religiosas, mas também por mudanças sociais, políticas e educacionais. No início do século XX, na igreja evangélica, ocorreu um

¹⁵⁸ BITTENCOURT FILHO, 2003, p. 130.

¹⁵⁹ MENDONÇA, 1984, p. 22.

¹⁶⁰ BITTENCOURT FILHO, 2003, p.103.

movimento caracterizado pelos evangélicos como “avivamento da fé”, que era marcado pelo Batismo com o Espírito Santo, através do qual se evidenciava o professar em línguas estranhas, as curas e as profecias e a interpretação de línguas. Esse movimento, conhecido como pentecostalismo, chegou ao Brasil nos anos de 1910 e 1911, com a vinda de Louis Francescon. Ele dedicou seu trabalho às colônias italianas, no Sul e no Sudeste do Brasil, resultando no nascimento da Congregação Cristã no Brasil, a primeira igreja pentecostal instalada aqui. Também vieram, em 1910, Daniel Berg e Gunnar Vingren, fundadores da Assembleia de Deus no Brasil. Num terceiro momento, a partir da década de 70, surgiram os neopentecostais, com a fundação da principal Igreja Universal do Reino de Deus¹⁶¹.

Vale ressaltar que essa terceira vertente, a Neopentecostal, de acordo com a concepção de Ricardo Mariano, originou-se em igrejas fundadas por brasileiros influenciados por movimentos norte-americanos. Contudo, suas características diferiam das vertentes anteriores: utilizavam-se muito da mídia eletrônica para propagar seu movimento, funcionavam como empresas e pregavam a Teologia da Prosperidade. Dentre as principais igrejas neopentecostais, destacam-se: Universal do Reino de Deus, Internacional da Graça de Deus, Comunidade Sara Nossa Terra e Renascer em Cristo¹⁶².

Os pentecostais foram os protestantes que mais se adaptaram no país, talvez pelo fato de não terem trazido ideias do protestantismo tradicional, o que os levou a dialogar, de forma mais aberta, com a cultura brasileira¹⁶³. Segundo Bittencourt:

Diante da tradição do protestantismo de Missão, marcada pelas forças impostas por instituições estrangeiras, destacou-se o Pentecostalismo desde logo pela força de sua espontaneidade, de suas estruturas flexíveis, de sua capacidade de adaptação à cultura popular, de seu fervor religioso, de seu agudo senso missionário, e de seu messianismo enfático. Nos primórdios, os arautos pentecostais foram bem recebidos nas igrejas evangélicas já implantadas (batistas, presbiterianas e outras), no entanto, as divisões que sucederam em consequência da nova pregação acabaram por levar os líderes denominacionais a uma postura hostil. Considerado como um dos mais importantes fenômenos religiosos do século XX, o pentecostalismo desperta uma força de imobilismo entre aqueles que o toma por uma ameaça a todas as formas institucionalizadas do

¹⁶¹ CÉSAR, Elben M. Lens. *História da evangelização do Brasil*. Viçosa, MG: Ultimato, 2000, p. 23.

¹⁶² MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais*. São Paulo: Edições Loyola, 1999, p. 76.

¹⁶³ BITTENCOURT FILHO, 2003, p. 103.

cristianismo, aqueles que se deslumbram perante as inegáveis qualidades do movimento pentecostal, buscando reproduzir pragmaticamente suas fórmulas homiléticas, doutrinárias e litúrgicas mais exitosas¹⁶⁴.

Como se pode perceber, o protestantismo brasileiro possui várias características teológicas, sendo essas bem claras em cada fase de seu estabelecimento na nação. Em cada uma é possível perceber contribuições positivas e negativas, conforme Bitencourt conclui:

[...] a origem histórica dos agrupamentos eclesiásticos evangélicos, no Brasil, que levam em conta as convergências existentes em seus respectivos sistemas teológicos e doutrinários, resulta, sobretudo, da mescla entre pietismo e o fundamentalismo. No tocante à prática religiosa, as denominações estão mais próximas do que admitem¹⁶⁵.

2.2 Afinal... Protestantes, Crentes ou Evangélicos?

Consoante Paulo Dalgalarondo, o termo protestante surgiu no cristianismo, a partir de reivindicações que tiveram como seus principais reformadores religiosos Lutero e Calvino, protestava contra o que era considerado um abuso da igreja católica: o poder papal autoritário e autocrático, a venda de indulgências, a captação abusiva de impostos e a tomada de territórios, entre outras extravagâncias¹⁶⁶. Ou seja, essa revolução teológica implicava não apenas na tradução da Bíblia, embora defendesse que a verdadeira fé cristã tinha que ser

[...] o contato direto com o texto sagrado, sem intermediários, sem ícones, padres ou santos; *sola gratia, sola fide, sola scriptura*. Será apenas e somente na graça de Deus, na fé fervorosa em Cristo e na leitura pessoal que o fiel realiza, através da Bíblia, o que a fé cristã poderá se realizar plenamente¹⁶⁷.

Segundo Mendonça e Velásques Filho¹⁶⁸, diante dos protestos, esses cristãos foram denominados de “protestantes”, o que foi pouco estimado por eles, que consideraram apresentar uma conotação pejorativa ou acusativa pela maioria dos católicos que os considerava “protestantes contra o Deus aceito

¹⁶⁴ BITTENCOURT FILHO, 2003, p. 115.

¹⁶⁵ BITTENCOURT FILHO, 2003, p. 121.

¹⁶⁶ DALGALARRONDO, Paulo. *Religião, psicopatologia & saúde mental*. Porto Alegre: Artmed, 2008, p. 113.

¹⁶⁷ DALGALARRONDO, 2008, p. 114.

¹⁶⁸ MENDONÇA; VELÁSQUES FILHO, 1990, p. 71.

pelo povo”. Contudo, apontam os referidos autores, embora esse vocábulo continuasse sendo o preferido por teólogos e historiadores, surgiu o termo “crente”, introduzido por missionários a partir de 1850¹⁶⁹. Segundo Mendonça e Filho:

O crente era aquele que, abandonando suas antigas crenças e práticas religiosas, passava a crer em nosso Senhor Jesus Cristo, não simplesmente como convicção, mas como mudança de valores. [...] significava honra, privilégio e até respeito, mas era também um estigma¹⁷⁰.

Entender este vocábulo é importante para lembrar que, na formação da identidade dos protestantes do Brasil, torna-se algo relevante a maneira como conduziam a sua fé e se auto-identificavam. Para os missionários, precisavam adotar um nome que pudesse ser um marco nessa nova experiência religiosa no país e também ficasse claro que não era um ramo diferente de catolicismo. Por isso usavam sempre a expressão “crente em nosso Senhor Jesus Cristo” e, depois de forma mais sucinta, usavam apenas “crente”. O vocábulo escolhido demonstrava que tinham passado ou estavam no processo de conversão, vivido através da pregação da mensagem protestante que tinha como tônica a necessidade de reconhecer a incredulidade e desobediência em que viviam para uma nova vida de crença e obediência a palavra de Deus¹⁷¹.

Esses crentes perceberam, com o passar do tempo, que o vocábulo crente seria prejudicial por possuir uma conotação pejorativa, e decidiram, assim, ser identificados como evangélicos: aqueles que reformaram seus princípios doutrinários, enfatizando a fé em Cristo e sempre centrados no texto bíblico¹⁷². Os missionários americanos, que tiveram grande influência no Brasil e no mundo, auto-identificavam-se como evangélicos, pensando que desta forma estavam deixando claro sua fidelidade ao Evangelho e não à Ciência ou à razão humana. Eles também fomentaram um movimento ao redor do mundo denominado Alianças Evangélicas. Todos viam de uma base teológica pietista, avivalista, com um objetivo de unir todos os protestantes no mundo e formar uma frente de combate única contra o Catolicismo. Muitas igrejas no Brasil, a

¹⁶⁹ BITTENCOURT FILHO, 2003, p. 14.

¹⁷⁰ MENDONÇA, 1984, p. 20.

¹⁷¹ CUNHA, Magali do Nascimento. *Explosão gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico do Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad editora, 2007, p.13.

¹⁷² MENDONÇA, 1984, p. 16.

partir do século XX, acrescentaram nos nomes a expressão evangélica para nomear seus participantes e esses não serem confundidos como católicos¹⁷³.

2.3 Ethos protestante

Rubem Alves, em seu livro *Dogmatismo e Tolerância*, cita uma fala de Ludwig Winttegenstein que abrange uma grande reflexão acerca do ser humano no mundo no qual está inserido: “Os limites da linguagem denotam os limites do meu mundo”¹⁷⁴.

O ser humano é dotado de intelecto, o que o difere dos demais seres vivos e das coisas que compõem o universo habitável por ele. Possui necessidade de aprender a se comunicar, a fim de se estabelecer dentro do local no qual está inserido, que é chamado de mundo. Esse processo só é permitido através da linguagem que, por sua vez, é passada por meio da comunicação, elemento primordial para sociedade¹⁷⁵. Refletindo sobre essas considerações, pode-se dizer que há alguma relação da capacidade de linguagem com a religião.

Quando se faz referência ao mundo em que o ser humano vive, esse é entendido de forma individual, considerando que cada pessoa nasce dentro de um lar e nesse conviverá com a família, com a qual criará valores formadores de uma cultura específica. Tal cultura possui características iguais ou diferentes de outras, resultando em maneiras específicas de entender cada coisa denominada no universo, o que vai fazer com que o mundo desse indivíduo seja individual, mesmo que viva em meio a tantos outros em sua volta¹⁷⁶.

Contudo, o homem tem a possibilidade de mudar esse mundo com características tão específicas, pois, sendo um ser racional, ele é diferente dos outros seres vivos existentes que não têm a possibilidade de mudança. Ele pode, a qualquer momento, migrar de uma linguagem para outra, de um país para outro, de uma religião para outra. E isso lhe proporciona vivenciar distintas

¹⁷³ CUNHA, 2007, p. 13-14.

¹⁷⁴ WINTTEGENSTEIN, Ludwig, 1968 *apud* ALVES, Rubem. *Dogmatismo e tolerância*. São Paulo: Edições Paulinas, 1982, p. 21.

¹⁷⁵ ALVES, 1982, p. 22.

¹⁷⁶ ALVES, 1982, p. 22.

experiências daquelas aprendidas quando era criança, tendo liberdade para viver suas escolhas¹⁷⁷.

É indiscutível o fato de que todo ser humano, ao nascer, recebe a linguagem pronta, não sendo necessário o estudo da língua para apreendê-la ou saber o seu significado. No entanto, não comporta essa linguagem em si todo o conceito existente, uma vez que ela é o resultado de uma interpretação que foi elaborada para cada palavra. Assim, o significado traz consigo todas as coisas existentes, junto com os sentimentos vivenciados a cada momento. Presume-se, então, que o conceito difere para cada indivíduo que se apropria de um discurso, uma vez que se deve considerar o ambiente no qual esteja inserido, bem como seus conhecimentos prévios¹⁷⁸.

Analisando mais claramente, cada momento usado para expressar algo leva consigo todas as formas de entendimento daquilo que se considera como mundo. Assim sendo, torna-se necessária a capacidade de sustentar o que acredita, sendo esse um processo comum dentro da ciência, desenvolvido para realizar as necessidades humanas. A cada momento a relação homem-mundo produz significados que não têm razão de ser questionados¹⁷⁹. Desse modo, defende Rubem Alves,

Se a minha interpretação do mundo, interpretação que unifica a minha personalidade e o meu mundo num todo significativo, mostra-se adequada para organizar meu comportamento e para prever o comportamento futuro do mundo, nada há que me force a duvidar. A personalidade se sente segura porque nessa situação se confirma a sua habilidade para prever e predizer acontecimentos no ambiente, para compreender o mundo em que vive e assim para antecipar eventos e evitar a necessidade de ajustamentos bruscos¹⁸⁰.

Conclui-se, assim, que a linguagem é um meio de comunicação usado pelos humanos para mediação entre o interior do homem e a sua relação com o seu mundo exterior. Ela não permanece em seu sentido original, mas traz uma compreensão que já foi elaborada e carrega consigo sentimentos e emoções. E, mesmo que em cada expressão tente estar do lado de fora, a

¹⁷⁷ ALVES, 1982, p. 23.

¹⁷⁸ ALVES, 2005, p. 68.

¹⁷⁹ ALVES, 2005, p. 70.

¹⁸⁰ ALVES, 2005, p. 29.

própria condição do discurso traz em si a presença de um sujeito, que carrega consigo características peculiares do seu mundo cultural, social e político.

Pensando nessa característica inerente ao ser humano, como se pode relacionar sua capacidade de linguagem ao protestantismo? Em que momento pode-se pensar na importância da linguagem para a religião?

O protestantismo possui em sua ideologia fundamentos de sua crença e, nesse preceito, estabelece seus dogmas, seus costumes e sua forma de construir e elaborar sua realidade cotidiana. Para que haja sentido, existem palavras chaves que vão constituir esse universo. O descobrimento dessas expressões é observado através dos discursos proferidos, tanto por acadêmicos quanto por pessoas leigas que pertencem a essas comunidades¹⁸¹:

Que palavras os protestantes usam? Deus, céu, inferno, salvação, santificação, tentação, o crente, o mundo, pecado, confissão, oração - aqui estão algumas delas. E quando são usadas, um universo se constitui. É esse universo, assim constituído, que forma o mundo protestante. Ele é sagrado. Os neófitos passam pela preparação que os habilita ao jogo linguístico... os já iniciados cuidam para não cometer crimes¹⁸².

A fim de se viver essa experiência, faz-se necessário que aconteça o processo de conversão, que vai depender de dois elementos, concomitantemente: vontade e emoção. Também será esse processo melhor compreendido através da linguagem. A linguagem protestante se estabelece dentro de um processo gradual, de acordo com os ensinamentos recebidos na comunidade acolhedora¹⁸³. Para Rubem Alves:

Uma linguagem religiosa só é assumida na medida em que ela responde a uma necessidade emocional, ou seja, na medida em que ela é funcional em face de certas exigências da personalidade. Vista sob esse ângulo, a linguagem não é um todo homogêneo, contínuo, com trânsito livre em todas as direções. Ela possui zonas extremamente quentes, diretamente ligadas a um polo existencial que se articulam com zonas mornas e, finalmente, zonas frias e indiferentes campos de forças em torno daquilo que Erich Fromm denominou de "matriz emocional"[...] ¹⁸⁴

¹⁸¹ ALVES, 1982, p. 28.

¹⁸² ALVES, 1982, p. 29.

¹⁸³ ALVES, 2005, p. 67.

¹⁸⁴ FROM, Erich 1964 *apud* ALVES, 2005, p. 67.

O processo de conversão ocorre pelo abandono de valores adquiridos anteriormente, objetivando adquirir um novo entendimento. Para que isso aconteça, é preciso que ocorra uma transformação, primando na consciência um novo mecanismo de entendimento, sem abandonar os saberes anteriores, embora ocorra uma nova interpretação de mundo. Essa interpretação tem a capacidade de produzir uma reorganização e aquilo que está gerando algum desconforto na alma passa a gerar tranquilidade¹⁸⁵.

A conversão é marcada por um novo discurso religioso, no qual há nova maneira de organizar o que é considerado como moral e ética. Reconhecem-se, ainda, novas maneiras de agir consoante instruções a marcar aquilo que é considerado bom ou ruim, com evidente limite permitido para uma vida. Há uma sistematização detalhada de cada momento que será vivido pelo convertido. Conforme Rubem Alves,

A linguagem religiosa dá nome às coisas, organiza experiência, mapeia os caminhos, indica as zonas obrigatórias, as permitidas, as proibidas, diz o que deve ser feito e o que não deve ser feito. Cada religião é uma organização arquitetônica do real, a morte do corpo natural do homem e sua ressurreição sob uma nova forma. E será este novo corpo linguístico que dirá ao crente o que deve sentir, em que deverá encontrar prazer, o que deverá fazer¹⁸⁶.

Faculdade Unida de Vitória

Através da linguagem, o indivíduo expressa suas formas de interpretação de tudo que sente, que acredita e forma seu juízo de valor. À medida que essa linguagem tem conexão com aquilo em que acredita, ela não é questionada. Contudo, quando ela não produz mais sentido, inicia-se a procura de um novo caminho que se possa buscar¹⁸⁷. Para Rubem Alves a conversão se define como:

Processo de reestruturação ou reconstrução de esquemas interpretativos e de valor que se pode seguir a crise. Dizemos pode se seguir, mas nada garante que isso se dê[...] Por que razão a desestruturação dos esquemas interpretativos produz uma crise emocional? Parece que isso tem a ver com uma profunda necessidade de unidade que caracteriza a personalidade¹⁸⁸.

As causas da desestruturação dos esquemas interpretativos podem ocorrer por diversos motivos: uma crise existencial do indivíduo; processos de

¹⁸⁵ ALVES, 2005, p. 74.

¹⁸⁶ ALVES, 2005, p. 25.

¹⁸⁷ ALVES, 2005, p. 69.

¹⁸⁸ ALVES, 2005, p. 72.

grande perda que gerem um luto muito intenso; entristecimento por questões diversas como divórcio, mortes de entes queridos e outras separações; problemas profissionais e financeiros; problemas ligados à nação, como as guerras. São situações não vivenciadas antes e por isso não foram previstas, muito menos trabalhadas na personalidade do indivíduo, o que pode gerar um colapso nos esquemas interpretativos¹⁸⁹.

A falta de sentido gera um problema cognitivo através do qual se percebe uma total impotência mediante o problema constatado. É como se tudo ficasse desorganizado, o indivíduo se sente incapaz de organizar o caos em que se transformou sua existência. Essa desorganização lhe provoca um sentimento de total incapacidade, não conseguindo encontrar sentido para viver com a estrutura emocional adquirida até esse período da vida. Essa desestruturação deixa o homem fora de seu mundo. O que antes produzia harmonia no seu interior fica sem propósito e, ao não se sentir mais potente, ele se tornará incapaz de se projetar no futuro e de reconhecer a finalidade da fonte de prazer¹⁹⁰.

É nesse momento, diante da crise instaurada, que ocorre o processo de conversão. Essa conversão vai parecer, num primeiro momento, a causadora de um caos no qual se perde o significado das questões que antes faziam sentido para vida. Além disso, passa a produzir um elemento que não se caracteriza como doença, mas que promove um incômodo denominado ansiedade. Ela atua em um mundo sem razão, sem motivos reais para viver. Existe outro incômodo para o qual não existe denominação específica, sabendo-se, apenas, que provoca uma desordem emocional¹⁹¹. Em outras palavras, é um momento complexo, conflituoso, difícil de compreender. Então,

Estamos diante da primeira tarefa necessária à conversão: dar nome à ansiedade, colocar a subjetividade ante um objeto. Ao se dar um nome à emoção, ela se torna compreensível e manipulável, exorcizável. Que significam as emoções do homem em crise? Que querem elas dizer? São evidências de quê? Trata-se do primeiro passo no sentido de se construir uma racionalidade em torno do irracional. A conversão se inicia quando o homem, prisioneiro de suas emoções, aceita os nomes que lhes são dados pela comunidade religiosa que lhe dirige a palavra¹⁹².

¹⁸⁹ ALVES, 2005, p. 71.

¹⁹⁰ ALVES, 2005, p. 71.

¹⁹¹ ALVES, 2005, p. 76.

¹⁹² ALVES, 2005, p. 77.

Um dos conflitos recorrentes é que as pessoas que ainda não passaram pela conversão não entendem que as emoções estão ligadas ao futuro, por isso tentam entender seus conflitos através de conhecimentos adquiridos com o cotidiano e com o auxílio dos saberes científicos, sendo isso um paliativo para amenizar um problema que possui dimensão maior, que é transcendente. Quem busca a conversão acredita que essa é a solução para um vazio no intelecto com total incapacidade de ser compreendido, sendo necessária a organização do pensamento através de um discurso para traduzir aquilo que é incompreensível, girando em torno daquilo que traz sentido para vida¹⁹³. Rubem Alves considera que a explicação religiosa vai muito além da científica:

Segundo o protestantismo, uma resposta científica ao problema não pode ir além de uma descrição fenomenológica da ansiedade. Capta e descreve a sua superfície. A explicação religiosa diz por que é assim, aponta para as causas, sua função é mais que descritiva. Faz o diagnóstico. E o diagnóstico se constrói sobre a polaridade alma-eternidade, alma-Deus. Esse é o fundamento da antropologia protestante. O homem não é simplesmente um ser-no-mundo. Ele é um ser perante a eternidade e a ansiedade deve ser interpretada como uma ruptura dessa relação fundamental¹⁹⁴.

A maneira pela qual o indivíduo se converte se dá pela nova linguagem e por meio da palavra que produz significado para as coisas. A palavra anunciada domina, tanto para coisas boas quanto para coisas ruins¹⁹⁵. A conversão é marcada pelo abandono daquilo que fazia parte dos sistemas cognitivo e estrutural. Passa-se a ter uma nova concepção ou forma de compreensão da vida, trazendo um novo sentido para ela¹⁹⁶.

A partir daí o componente da linguagem produz sentido na vida e sua duração terá o período que permanecer na pessoa, estando esse ligado à sua função. No que se refere à validade, essa só permanece enquanto não se instala um novo problema, não podendo esse ser solucionado com a linguagem existente. É um novo dilema que se torna um pressuposto para um novo mundo e que, conforme Rubem Alves, revela-se através das emoções:

¹⁹³ ALVES, 2005, p. 77.

¹⁹⁴ ALVES, 2005, p. 78.

¹⁹⁵ ALVES, 1982, p. 25.

¹⁹⁶ ALVES, 1982, p. 26.

O protestantismo revela as emoções como revelações do ser, na sua dimensão de profundidade e eternidade. O homem habita o tempo e o espaço, é membro de uma sociedade e é parte da história. Mas essas são relações acidentais e transitórias, relações que não revelam, mas que mascaram. As emoções não são meros epifenômenos, ao nível da consciência, de fenômenos histórico-sociais fundadores. Se assim fosse, o enigma das emoções se elucidaria com a indicação de suas causas sociais e históricas. Poderiam ser curadas por meio de técnicas psicanalíticas ou por meio de transformação radical e revolucionária das condições sociais que as produzem¹⁹⁷.

Ainda na concepção de Rubem Alves, a conversão é o mecanismo através do qual o homem trabalha as suas necessidades emocionais, com o novo discurso que lhe é apresentado. Ele decide se converter porque essa nova maneira de entender o mundo responde, de alguma forma, à falta de sentido. O protestantismo, a princípio, trabalha com os mesmos questionamentos dos católicos, porém com respostas diferentes. De acordo com o referido autor, antes de qualquer coisa, o protestantismo foi uma modificação do catolicismo, ficando mantida a formulação dos problemas, buscando-se, somente, uma resposta diferente da até então oferecida.

O mecanismo em que a cosmovisão protestante trabalha se dá pela ideia do transcendente, cuja defesa volta-se para o fato de que o homem está apenas de passagem dentro de sua realidade vivida, o seu alvo principal é estar para sempre com Deus. Enquanto está de passagem na terra, é-lhe apresentada a condição da existência de céu/inferno em que, ao morrer, passará por um juízo para definir o lugar que irá ficar¹⁹⁸.

Ao trabalhar com esses conceitos dicotômicos, gera-se no indivíduo uma consciência de culpa, uma preocupação de como será seu julgamento, para saber em qual lugar irá permanecer após a morte. Diante disso, ele se propõe uma nova forma de elaborar a vida, estruturando-a através de uma nova direção para o futuro, buscando, principalmente, a salvação. Assim, só há um jeito de resolver essa questão: entregar a Cristo de forma completa e ter, então, tranquilidade para o novo tempo iniciado¹⁹⁹. É assim que surge a ideia de conversão.

¹⁹⁷ ALVES, 2005, p. 77.

¹⁹⁸ ALVES, 1982, p. 34.

¹⁹⁹ ALVES, 2005, p. 84.

Essa nova etapa acontece em duas linguagens: a do convertido e a da comunidade da qual ele passa a fazer parte, sendo que essa passa a ter um valor institucional. As instituições guardam maneiras pedagógicas, transformando em hábitos automáticos para evitar que passe por um processo completo de sofrimento para obtenção do aprendizado. Elas mantêm uma memória social da sociedade, sendo usada de forma prática²⁰⁰. Conforme Rubem Alves:

A instituição é o mecanismo social que programa o comportamento humano de forma especializada, de sorte que ele produz os objetos predeterminados por ela. É fundamentalmente prática [...]. Nas instituições, a memória das soluções passadas é preservada. É possível dizer que as instituições são memórias da verdade²⁰¹.

O aumento de credibilidade das instituições se dá pela capacidade que as mesmas possuem em resolver cada questionamento abordado. Conseqüentemente, à medida que elas conseguem atingir as expectativas, não são questionadas. Sua função é entendida como verdade. Sua ideologia fica muito clara em sua maneira de agir e de fazer com que cada pessoa se ajuste a ela, o que garantirá sua preservação²⁰².

Diante do que foi exposto, o convertido entende a conversão como uma solução para o problema existencial dos homens, sendo sua função manter o equilíbrio interior, produzir paz e tranquilidade, preencher o vazio espiritual. Sua eficácia está atrelada à organização interna do indivíduo. Qualquer mecanismo que faça instalar a dúvida pode reverter o quadro e trazer, novamente, à condição inicial do problema, tendo um valor definitivo ou transitório.

De maneira geral, na concepção evangélica, a conversão resolve a crise existencialista que o ser humano passa, produzindo um conforto emocional. Esse talvez seja um entendimento do crescimento, tão rápido, dentro de uma comunidade em que os processos sociais provocam adoecimento, uma vez que desestruturam a saúde psíquica das pessoas. O ato de se converter tem como objetivo uma reinterpretação do sofrimento, resultando em uma nova maneira de encontrar sentido para viver. Esse é o verdadeiro sentido da

²⁰⁰ ALVES, 1982, p. 41.

²⁰¹ ALVES, 1982, p. 41.

²⁰² ALVES, 1982, p. 44.

conversão para aqueles que se encontram perdidos, doentes da alma, sem um rumo certo. A conversão se apresenta a eles como uma solução imediata para seus conflitos. Acreditar em tudo que prega o protestantismo torna-se uma luz no fim do túnel, uma espécie de tábua de salvação.

2.4 O que define a conversão

Para que a pessoa seja considerada convertida, faz-se necessário que ela aceite Cristo como único e suficiente salvador. O convertido que acabou de chegar à comunidade cristã terá uma linguagem bem emotiva. Por sua vez, a comunidade que o recebeu já possui um conceito formado a respeito disso e, para o novo cristão, terá uma fala muito ligada ao emocional, uma vez que ele ainda não possui conceitos formados²⁰³.

O discurso do novo convertido está mais ligado às questões externas, pois ele ainda não tem um conceito dogmático formado sobre o protestantismo.

O novo convertido:

[...] Não enuncia pensamento. Ele canta sentimentos. O símbolo Cristo no momento da conversão significa os sentimentos experimentados pela alma. Para o converso, conhecer a Cristo é conhecer seus benefícios. Cristo é símbolo para o misterioso poder que provocou a miraculosa mudança subjetiva. E como falar desse misterioso poder? Confessando a metamorfose da alma. Antes de Cristo: ansiedade, angústia, culpa, falta de sentido na vida. Depois de Cristo: paz, alegria, certeza²⁰⁴.

Num primeiro momento, explica Rubem Alves²⁰⁵, o converso não tem clareza do que seria, literalmente, seguir Cristo, submetendo-se aos seus ensinamentos, pelo fato de estar impulsionado pelas emoções. Sua fala relata uma experiência de encontro pessoal com Jesus, deixando evidente tão somente o sentimento de posse de algo muito valioso. Não remete aos conceitos e ensinamentos de Cristo. A experiência mística, nesse momento, possui maior valor. Ele acredita em algo que é maior e que irá resolver os problemas do corpo e da alma.

²⁰³ ALVES, 1979, p. 68.

²⁰⁴ ALVES, 1979, p. 68.

²⁰⁵ ALVES, 1979, p. 69.

A conversão verdadeiramente acontece quando, no indivíduo, há um sentimento de total impotência diante da vida. Ele, ao ouvir a pregação, sente nessa uma função terapêutica porque faz uma espécie de anamnese, não com poder de cura imediata, mas com a sensação de ter encontrado algo capaz de resolver os problemas e solucioná-los de forma completa. Isso acontece devido à forma que a palavra anunciada é apresentada

A comunidade cristã, que já possui conceitos definidos, começa a trabalhar com o converso, pontuando seus sentimentos, uma vez que, no início, quase não há, por parte dele, entendimento das premissas que fazem parte de sua nova caminhada. Ao trabalhar sua condição de pecador, deixa bem claro que Deus é sempre superior, responsável e dono de todas as coisas. A pregação será de fundamental importância no processo de entendimento²⁰⁶.

Ao aceitar Cristo, o novo converso está assumindo valores ocultos dos quais ainda não possui total consciência. Apenas com o passar do tempo seu aprendizado e sua compreensão sobre Cristo ficarão mais acentuados. Ele entenderá, ainda, que os problemas dos humanos se resumem em questões éticas e sociais, gerando sentimentos que, se não controlados adequadamente, levam a uma quebra de valores, levando ao pecado. O descumprimento de valores implica em punição e Cristo veio substituir a humanidade nesse processo²⁰⁷.

Assim sendo, ele entende que a conversão é mais que o ensino da história de Jesus, pois é consequência de um processo místico vivido por Ele. Assim,

[...] não basta dizer quem é Jesus Cristo e o que ele fez. A questão da apropriação se impõe. Por que mecanismo os benefícios de sua obra, levada a cabo, se torna propriedade minha, aqui e agora? O drama cósmico já se realizou. A questão é saber como o homem, até agora imerso na culpa, passa a participar misticamente de uma outra realidade²⁰⁸.

O protestantismo explica que todo esse processo acontece através da fé, elemento fundamental para se compreender esse ato emocional de aceitar Cristo. Está além do pensar e do agir, é uma total subjetividade frente ao símbolo de Jesus Cristo. E o que define esse sentimento é uma entrega

²⁰⁶ ALVES, 1979, p. 72.

²⁰⁷ ALVES, 1979, p. 72.

²⁰⁸ ALVES, 1979, p. 74.

completa, em que há o abandono do destino seguido antes, assumindo uma nova vida que se concretiza em uma total dependência de Jesus Cristo²⁰⁹.

Aceitar Cristo implica uma transformação não no sentido de possuir um novo mundo, mas de reinterpretá-lo. A conversão marca esse novo processo que é algo mitológico, conforme os conceitos da antropologia. A ciência tem uma proposta empirista para entender a realidade, deixando bem claro a exclusão das emoções em todo o processo e objeto do conhecimento. É possível perceber aí um grande problema porque não é possível entender a lógica da realidade e, com os mesmos instrumentos ou fórmulas, entender os processos psíquicos. Surge então a necessidade da compreensão mística que privilegia o elemento emocional para um melhor entendimento²¹⁰. A conversão, explica Rubem Alves, acontece por meio da pregação.

A pregação que produz a conversão tem por objetivo dar nomes ou definir as emoções de ansiedade concretamente experimentadas. E esse processo se caracteriza pelo seguinte: ele bloqueia as explicações psicológicas e sociológicas da ansiedade, atribuindo-lhes a condição de sintonia ontológica. Assim, a ansiedade não pode ser explicada por meio de categorias como neurose, desajustamento, anomalia, choque cultural, etc. O uso de tais categorias roubaria da ansiedade a sua dimensão ontológica²¹¹.

Uma característica da pregação protestante consiste em deixar bem claro que todos os homens possuem o mesmo valor diante de Deus. Isso sempre foi ensinado dessa forma, desde o protestantismo de missões. Aqueles protestantes, naquele momento, provavelmente não pensavam em trabalhar a realidade social da época, mas sim dentro de um pensamento futuro. Eles se voltaram para o juízo final, independente de qualquer situação do indivíduo, seja social, econômica, cultural ou política. Eles pregavam que, de qualquer forma, todos seriam considerados iguais diante de Deus²¹².

A mensagem da pregação se apoiava nos princípios da Reforma Protestante: somente pela fé e pela graça, destituindo qualquer tipo de interferência como mediadora. Assim, para que o indivíduo pudesse conseguir a salvação, partia-se de uma decisão unicamente dele, do seu encontro íntimo

²⁰⁹ ALVES, 1979, p. 74.

²¹⁰ ALVES, 1979, p. 76.

²¹¹ ALVES, 1979, p. 76.

²¹² MENDONÇA, 1984, p.143.

com Deus, considerando que a salvação é gratuita, adquirida através do sacrifício de Jesus na cruz por toda humanidade²¹³.

O mundo dentro da visão protestante é apresentado como algo ruim e os homens, ao viver, passam por momentos desagradáveis até adquirir o céu (salvação da alma). Contudo, essa conquista vai depender das escolhas feitas por cada pessoa, evidenciando que a situação atual do mundo se torna irrelevante mediante a vida futura e a possibilidade de obter uma eternidade feliz com Deus. Vale ressaltar, também, que o mundo, da forma como é visto pelos protestantes, constitui uma dualidade entre o sagrado e profano. Assim sendo, sua forma de viver baseia-se nesses dois pilares, que irão determinar sua vida futura, de alegria ou de tristeza eterna, tudo consoante suas escolhas. Em outras palavras, a negação aos prazeres do tempo presente faz com se tenha recompensa de um futuro de felicidade²¹⁴. Conforme explica Mendonça é possível entender que

A mensagem do protestante proporciona ao fiel, como consequência dessa estruturação da realidade, norma de vida que o orienta de modo seguro. É espiritual, é transcendente e pragmática ao mesmo tempo. Se o crente está neste mundo e aqui tem de viver enquanto aguarda a irrupção de outro melhor, deve fazê-lo de acordo com certas regras que tendem a caracterizá-lo como um inconformado com o atual arranjo das coisas, de modo que suas ações são inconformistas. Esse é um dos estranhos paradoxos do protestantismo: sua maneira de viver é inconformista diante da sociedade mais ampla, mas nada faz para mudá-la como um todo. Antes, despreza-a e dela procura afastar-se. Nisso se resume todo o seu inconformismo. Há um amplo conformismo e inconformismo particular interno. Se o crente está na luta ao lado de Deus, tem de agir seguindo os seus mandamentos: guardar o domingo, não matar, não roubar, não mentir, não beber, fugir dos prazeres, não ser ocioso. Enquanto ele se esforça para viver em conformidade com essas regras que colidem, na prática, com a sociedade abrangente, ele é inconformista; mas como está interessado num mundo que ainda está por vir, desinteressa-se pelo presente e nada intenta para modificá-lo e, nesse sentido, é conformista. Assim é inconformista e conformista ao mesmo tempo²¹⁵.

2.5 O culto

A forma do culto protestante se estabelece por meio do discurso, de forma racional, apresentando uma semelhança com a sala de aula, sem

²¹³ MENDONÇA, 1984, p. 144.

²¹⁴ MENDONÇA, 1984, p. 145.

²¹⁵ MENDONÇA, 1984, p. 145-146.

remeter muito ao encontro com o sagrado. Não existem gestos, nem imagens. A emoção é experimentada através de músicas, embora seja também fruto de um discurso. Sendo necessário um domínio da linguagem, a conversão também é marcada pelo entendimento bíblico, por meio da leitura e do culto através dos sermões²¹⁶.

As questões trabalhadas nos sermões protestantes se voltam para a ética, que coloca o homem numa condição de abandono a tudo que pertence ao tempo presente, considerado como algo efêmero e passageiro. A mensagem do protestante possui característica do pietismo moraviano, que traz como ensino uma maneira de viver diferente: é a experiência individual em que cada pessoa deve ter seu relacionamento com Deus. Além disso, valoriza-se o estudo da Bíblia, com interpretação literal ou espiritualizada. Também a centralidade está na cruz de Cristo, que significa seu sofrimento. O entendimento desse ato de Jesus remete ao amor e ao perdão, porque a culpa gerada pela condição do pecado só é eliminada por meio desse reconhecimento. Essas diretrizes foram uma grande influência para o protestantismo de missões²¹⁷.

A conversão gerada dentro das premissas do pietismo volta-se para um trabalhar interior do homem, considerando sua experiência pessoal com Jesus, adquirida através do arrependimento que deve ser acompanhado de muita oração, jejum e estudo da Bíblia. Como a conversão é marcada pela emoção, essa conduz o indivíduo a uma sensação de alívio e de paz interior, sentimentos esses que ocorrem no ato de um encontro com Deus e de sua visão de mundo, que se estabelece através da reconciliação²¹⁸.

O crente, ao viver sua fé nesse sistema do pietismo, fecha-se para o mundo e se volta para uma experiência interior com Jesus, anulando os prazeres mundanos. Essa nova forma de pensar é reconhecida como algo positivo para o progresso de sua devoção a Deus. Torna possível perceber que os prazeres terrenos não são compreensíveis ao lado dos prazeres e gozos espirituais²¹⁹. Conforme Mendonça,

²¹⁶ MENDONÇA, 1984, p. 145-146.

²¹⁷ MENDONÇA, 1984, p. 239.

²¹⁸ MENDONÇA, 1984, p. 239.

²¹⁹ MENDONÇA, 1984, p. 240.

O pietismo é muito propício para o desenvolvimento do sistema individual de crenças. O sistema assim gerado pode ser compartilhado por pequenos grupos e, regra geral, está presente na instituição religiosa oficial contra a qual ele não se opõe. O pietismo tende a selecionar entre os ensinamentos e as práticas institucionais aquilo que lhe interessa e que vem ao encontro de sua devoção individual. A sua ojeriza ao pensamento sistemático pode surgir defensivamente quando o seu sistema próprio de crenças é ameaçado. O que predomina, em última instância, é o sentimento e a experiência que afirma ter. O seu último reduto em questões de fé e moral é a Bíblia, interpretada individualmente pelo método literal e espiritual. A questão que se poderia levantar sobre a convivência entre o pietismo e a instituição, como sendo praticamente impossível, poder-se-ia responder: realmente o sistema institucional de crenças da instituição representado pelos símbolos de fé está muito distante da crença explícita do protestante comum. Mas ocorre que essa crença explícita e seus mecanismos de alimentação constituem o “espírito” do protestantismo, “espírito” no qual se nutrem a mente e sentimentos coletivos. Daí, dificilmente virem atritos entre o pietismo e a instituição. Há um silencioso acordo de convivência²²⁰.

A maneira pietista de pensar, vivida nas igrejas, produz uma tensão nas escolas teológicas, cujo ato de refletir pode ameaçar os ensinamentos e as práticas do pietismo. Percebe-se que são duas maneiras distintas de pensar: por um lado, há uma normatização da fé em torno do individualismo e, por outro, há uma tendência no diálogo dessas ideias, que abrem caminhos para mudanças. Os dilemas gerados pelos dois sistemas são resolvidos de maneira institucional e permanecem de forma inofensiva aos estudos do pensamento religioso²²¹.

O pensamento pietista trabalha em contramão com a teologia, já que não é favorável a um caminho de reflexão, não proporcionando a comunicação com os estudos sociais. A forma de acreditar no futuro leva os crentes a não pensar na realidade em que vivem enquanto cidadãos terrenos, se distanciando dos problemas vividos no dia a dia. É possível verificar, através de Mendonça, que o sistema pietista provoca uma não preocupação com as questões sociais vividas. Eis o que se pretende entender com esta pesquisa²²².

O que se pôde perceber, no decorrer deste capítulo, é que mediante cada tentativa de inserção do protestantismo, ocorreu a presença de diferentes grupos, vindo de vários países, cada qual trabalhando dentro das possibilidades que lhes foram permitidas no momento em que chegaram. O principal entrave foi consequência de já existir uma religião considerada oficial

²²⁰ MENDONÇA, 1984, p. 241.

²²¹ MENDONÇA, 1984, p. 241.

²²² MENDONÇA, 1984, p. 241.

e, por isso, todos eram impedidos de desenvolver um trabalho de forma mais livre. Assim, os que chegaram continuavam vivendo a mesma linha de trabalho que o país de origem estava desenvolvendo.

No momento em que houve possibilidade de um trabalho diferente, com a vinda do protestantismo de missão e, mais tarde, com os pentecostais, nota-se que começou a se desenvolver um trabalho dentro da proposta dos países de origem. As pregações estavam voltadas para um trabalho de promover uma mudança interior, por acreditarem que estava próxima a volta de Jesus.

A proposta de compreender a conversão, dentro do universo acadêmico, traz observações de forma mais racional. Isso deixa mais claro que é algo de possível observação científica, mas que possui uma grande contribuição emocional com muito peso no resultado do entendimento. A princípio, o que o novo convertido sente está mais voltado às suas emoções, e não propriamente a um entendimento doutrinário daquilo que ele diz pertencer ou seguir. Após um tempo de mudança é que ele vai, realmente, entender o que está acontecendo.

O trabalho atribuído ao novo convertido desenvolve uma mudança interior, promovendo um sentimento de não pertencer ao mundo no qual ele vivia antes. O sentimento de abandono de tudo deixa uma dificuldade no dia a dia, o que se faz necessário para se conseguir ter um diálogo com as questões cotidianas da sociedade, levando-o a pensar que está aqui temporariamente, não podendo dedicar seu tempo para realizar um trabalho ou, ainda, para refletir e se posicionar politicamente como cidadão da sociedade em que vive.

Contudo, há uma lacuna a ser preenchida. Conforme o estudo que se seguiu do presente capítulo, evidenciou-se que, no Brasil, os evangélicos buscam questões que remetem a uma preocupação mais eterna do que terrena, deixando nítida a pouca preocupação com questões sociais e políticas da sociedade.

Diante disso, no próximo capítulo, a proposta de estudo volta-se para os evangélicos e sua participação na política do Brasil, atentando-se para um ponto específico, que é o foco desta pesquisa: sua possível atuação nas manifestações populares que ocorreram em junho de 2013. Para isso, será abordada uma reflexão acerca da posição dos líderes evangélicos diante do

fenômeno das manifestações e sobre as atitudes que a igreja tomou como posicionamento dentro da sociedade na qual está inserida.



3 A REALIDADE DA PARTICIPAÇÃO DA IGREJA EVANGÉLICA BRASILEIRA FRENTE ÀS MANIFESTAÇÕES POPULARES EM 2013

Nos capítulos anteriores, buscou-se, num primeiro momento, abordar as manifestações populares no Brasil, enfatizando as de junho de 2013, e suas causas e consequências. Em seguida, foi feito um estudo mais detalhado sobre o que se entende como evangélico no Brasil, procurando entender desde a sua origem até o seu comportamento, as suas crenças nos dias atuais.

Neste capítulo, a fim de se entender se há ou não, de fato, participação dos evangélicos frente às manifestações populares brasileiras, abordar-se-á a visão de grupos tradicionais carismáticos e pentecostais, e também a visão dos protestantes que buscam, na história, entender a visão religiosa diante de tais manifestações.

Após abordar e entender o olhar dos evangélicos diante da situação atual do país, em que a sociedade está sempre lutando por direitos adquiridos e nem sempre cumpridos, será feita uma abordagem acerca das prioridades do trabalho da igreja evangélica no Brasil. Outras questões serão abordadas, tais como: A condição do evangélico, se não enfrenta os anseios sociais diante dos problemas, depara-se com alguma consequência? É possível perceber claramente se a igreja é omissa diante de questões políticas e sociais? Após essas reflexões, serão apontados possíveis motivos da ausência da Igreja evangélica nas decisões das demandas sociais.

3.1 A visão dos tradicionais renovados e pentecostais

Conforme já mencionado no capítulo anterior, na conversão há uma transformação interior do evangélico, cuja experiência se volta para Jesus. Os prazeres mundanos são anulados. Há arrependimento acompanhado de muita oração, jejum e estudos bíblicos. Embora na Bíblia não se identifiquem grupos que iam às ruas se manifestar, havia profetas que faziam suas reivindicações

pela má forma de governo²²³. Conforme Sânnie Rocha, da Revista Comunhão, pode-se notar que:

O clamor do povo de Deus por dias melhores em momentos como este, de embate político, sempre existiu. É possível destacar personagens bíblicas, como Jeremias, que denunciava reis, sacerdotes, ministros e falsos profetas por conta da inovação de Israel pelo rei Nabucodonosor de Babilônia (Jr 21); Neemias, que trabalhou pela construção dos muros em Jerusalém (Nm3 e 4); Amós, que por conta da injustiça social dos reis Usias, de Judá, e Jerobão, de Israel, brigou publicamente e foi acusado de conspirador (Am. 6 e 7)²²⁴.

Esses profetas sempre demonstravam, em momentos de grandes turbulências, suas indignações frente à forma de governo que liderava a nação de Israel, fazendo isso como cidadãos e, ao mesmo tempo, como representantes de Deus, com um senso de justiça muito apurado. Junto a esse processo tinha um chamado à oração por tais dificuldades²²⁵.

Percebe-se que as manifestações públicas não têm um comparativo direto com a Bíblia, mas a situação é algo público, está dentro da lei que rege o país e é perfeitamente notável nas escrituras. O pastor da Igreja Batista da Mata da Praia, Marcelo Aguiar, também formado em sociologia, defende a ideia de que um dos ensinamentos de Jesus é que seu povo tenha sede de justiça. Ele deseja que seus seguidores tenham uma conduta correta e busquem a promoção de governos honestos e transparentes²²⁶.

O ministro da Presbiteriana Independente do Brasil, do Bairro Planalto, em Belo Horizonte, criador da *fanpage* “Campanha de oração pelo Brasil”, defende a ideia de que “é preciso engajar as pessoas na arena política, não se posicionando, contudo, a favor de algum partido ou de político”²²⁷.

A secretária executiva Elisa Moreira, membro da Igreja Batista Praia do Canto, participou dos eventos das manifestações com a família e os amigos. Ela defende a ideia de que seja essa a única forma de o povo demonstrar que os líderes do país não estão agindo corretamente, é uma maneira de expressar indignação, descontentamento. É importante considerar que a população vive

²²³ ROCHA, Sânnie. *Clamor de Uma Nação*. Revista Comunhão. Espírito Santo: Next Editorial, N° 212. Abril, 2015. p.22.

²²⁴ ROCHA, 2015, p. 22.

²²⁵ ROCHA, 2015, p. 23.

²²⁶ ROCHA, 2015, p. 23.

²²⁷ ROCHA, 2015, p. 23.

um sentimento de defraudação e que, esses mesmos cidadãos que clamam por justiça, são os que trabalham e pagam impostos. Não devem esquecer, posiciona-se ela, que não é apenas protestar, mas também orar a Deus por um clamor à nação²²⁸.

A mídia evangélica pentecostal teve sua participação. Em agosto de 2013, no Jornal Petencostal Mensageiro da Paz, distribuído nacionalmente, foi publicada uma reportagem sobre o processo das manifestações, apresentando o ponto de vista da Igreja Assembleia de Deus sobre esse momento delicado vivido pela nação brasileira. Conforme constava no jornal, na opinião dos representantes da igreja, a fim de se refletir sobre o assunto, a primeira medida a ser tomada deveria ser uma orientação pela Bíblia, por acreditarem que seja a única regra de fé e prática a ser seguida pelos homens. Assim, tornar-se-ia mais fácil descobrir qual o adequado posicionamento dos evangélicos diante dos protestos. A eles não é vedado o direito de participar das reivindicações que buscam melhorias na nação ou na cidade em que vivem, mas deve ser sempre de forma pacífica e com ordem²²⁹.

Baseando-se nos ensinamentos bíblicos, segundo publicação no Jornal Mensageiro da Paz o cristão deve sempre ter uma opinião formada sobre os assuntos a serem discutidos e não ficar reproduzindo conversas alheias. A Bíblia ensina, no capítulo 23 do livro de Êxodo, que não se deve seguir a multidão para o mal e nem se apropriar da fala da multidão para modificar aquilo que é considerado correto²³⁰.

É válido lembrar, reforça o autor, que a multidão que aplaudiu e ovacionou Jesus, naquele momento, era composta por seus fiéis seguidores. Contudo, uma semana depois, segundo o Livro de Mateus (capítulos 21 e 27), essa mesma multidão decidiu que Jesus deveria ser crucificado e pediu veemente para que fosse solto Barrabás, um dos maiores criminosos da época. Antes de qualquer decisão, o cristão deve se inteirar do assunto para discernir se procedem ou não as informações abordadas, lembrando-se sempre do alerta bíblico contido em Êxodo (capítulo 23), sobre os falsos boatos²³¹.

²²⁸ ROCHA, 2015, p. 23-24.

²²⁹ JORNAL MENSAGEIRO DA PAZ, CPA. *Manifestações no país: para onde estamos indo?* Ano 83. Número 1539. Agosto/2013, p. 5.

²³⁰ JORNAL MENSAGEIRO DA PAZ, 2013, p. 5.

²³¹ JORNAL MENSAGEIRO DA PAZ, 2013, p. 5.

Ao analisar os fatos que levaram às manifestações, mas sempre de acordo com a ética cristã, sendo esses considerados pertinentes, o evangélico deve apoiar. Em contrapartida, caso julgue não verdadeiros e justos os motivos, a atitude deverá ser de rejeição. Todavia, mesmo sendo considerado algo verdadeiro para uma defesa justa, se a multidão estiver com atitudes que promovam atos de vandalismo e desonestidade, o cristão evangélico deverá, conforme consta no livro Provérbio, capítulo 10, abandonar a luta²³².

Na visão pentecostal não existe nenhum apoio bíblico para as violências geradas no processo. Na bíblia contam a história de Simeão e Levi, que foram punidos por Deus pela forma como agiram diante da injustiça cometida à sua irmã. Eles simplesmente decidiram fazer justiça com as próprias mãos, vingando-se daquele que estuprou sua irmã. Inocentes pagaram pelo erro de um, houve muita violência, mortes, saqueamento de cidade, de acordo com os capítulos 34 e 49, do livro de Gênesis. A violência não faz parte dos justos, mas sim dos ímpios, canta o salmo 37. Diante das situações, é preciso cautela antes de agir, faz-se necessário tomar decisões pensando em Deus. É possível, assim, agir pacificamente. Como exemplo de protestos pacíficos dos evangélicos, tem-se um grande registro mais recente do pastor Martin Luther King Jr, que lutou pelos direitos dos negros nos Estados Unidos, sem fazer qualquer tipo de violência²³³.

E para finalizar a visão dos pentecostais diante das manifestações terminam a reportagem dizendo que:

Mesmo defendendo populares sadios, o cristão nunca deve cair no engano de depositar suas esperanças nas massas, mas em Deus, que governa a história (Sl 46.1-11; 121.1,2). Nós, como cristãos, sabemos que uma sociedade só pode ser transformada, mesmo radical e positivamente, pelo poder e influência do evangelho e não pelo mero mover dos homens. Porém, claro que como cristão, além de pregar o Evangelho, devemos apoiar o que é correto e reprová-lo o que é errado na sociedade usando como parâmetros de nosso posicionamento os princípios do Evangelho. Então, sempre saudaremos como algo bons protestos que defendam causas corretas e reprovaremos protestos violentos que defendam causas equivocadas²³⁴.

²³² JORNAL MENSAGEIRO DA PAZ, 2013, p. 5.

²³³ JORNAL MENSAGEIRO DA PAZ, 2013, p. 5.

²³⁴ JORNAL MENSAGEIRO DA PAZ, 2013, p. 5.

No dia 30 de junho de 2013, no Jornal Atos Hoje, da Igreja Batista da Lagoinha (IBL) em Belo Horizonte/MG, foram publicadas matérias dedicadas às manifestações populares, tendo como título principal da matéria: Cheiro de Avivamento. O pastor Atilano Muradas, editor do jornal, afirma que diante de tanta balbúrdia, olhando na perspectiva dos evangélicos, o motivo é de alegria, pois, na sua visão, esse acontecimento é resposta de Deus aos trabalhos anteriormente realizados pela igreja. Isso porque acredita que não existe possibilidade de um avivamento sem que aconteçam mudanças radicais na sociedade e no governo. Para que não haja dúvida, faz-se necessário pesquisar o contexto das histórias de avivamento e constatar tal fato. Sua reportagem ressalta que²³⁵:

Não existe avivamento se o povo não consegue enxergar que precisa melhorar. Até mesmo os crentes estão percebendo que precisam orar e jejuar mais, buscar a Deus mais do que a seu bem-estar. Avivamento varre tudo. Não escapa nada. Ímpios e cristãos passam pela peneira de Deus. Avivamento surge do fundo do poço em direção à luz que vem de cima e dá esperança a quem estava ilhado. Manifestações trazem algumas melhorias, enquanto avivamento traz à Terra a solução definitiva: o Reino de Deus. Manifestações destroem coisas materiais, enquanto avivamento vem destruir os principados da corrupção e da pobreza. Respeitosamente, parafraseio João 10.10: Algumas atitudes das manifestações vêm para roubar, matar e destruir, enquanto Jesus vem para dar vida e vida em abundância. Sinto cheiro de avivamento. Vamos segurar este vento?²³⁶

Muradas ainda relatou sobre suas lembranças das manifestações pacíficas chamadas Marcha para Jesus, de congressos, de pregações e de vigílias, sempre com o foco no trabalho de cura da nação, e ressalta a necessidade de uma mudança radical na nação brasileira. Os textos bíblicos de referência são dos livros de 2 Crônicas (7.14) e João (3.16)²³⁷.

No mesmo jornal, a pastora Ana Paula Valadão Bessa escreveu a matéria principal intitulado-a “Convocação Nacional Ore pelo Brasil – 21 dias de jejum e clamor - 25 de junho a 15 de julho”. Para ela também, esse momento de turbulência vivido pela nação é a resposta ao clamor em favor da nação, algo que já vinha acontecendo há muito tempo na igreja. Considera que

²³⁵ MURADAS, Atilano. *O Início da transformação*. Jornal Atos Hoje. Belo Horizonte, 30 de junho de 2013. p. 3.

²³⁶ MURADAS, 2013, p. 3.

²³⁷ MURADAS, 2013, p. 3.

a igreja evangélica brasileira é responsável por essa mudança. Tal momento é um sinal de Deus para um novo tempo. E vai além ao afirmar que, todo ano, na IBL, acontece um congresso de louvor e adoração, no período da Páscoa. E no decorrer desse período, no ano de 2013, a igreja recebeu uma profetisa, Cindy Jacobs, que desenvolve um trabalho de oração em clamor pelas nações a nível mundial. Ela disse²³⁸:

Assim diz o Senhor: Estou dando ao Brasil uma segunda chance. Estou dando a vocês uma janela, diz o Senhor, por onde vocês vão começar a orar e assim, diz o Senhor, se vocês não se apropriarem desta janela eu vou começar a abalar a economia. O Senhor diz: eu vou transformar o Brasil, mas vocês devem transformá-lo a partir dos seus joelhos primeiro. Comecem a clamar dia e noite. Eu edificarei a Casa de Oração para todas as nações a partir do Brasil. Eu vou começar nos campos universitários, nas escolas, nos prédios do governo. Assim diz o Senhor: É o meu desejo derrubar o principado da corrupção e o principado da pobreza, porque virei e abalarei tudo o que pode ser abalado. Estou preparando uma geração pioneira. Que se levantem os 'Joãos Batistas!' Levantem-se os 'Joãos Batistas!' Levantem-se os abridores do caminho que prepararam o caminho do Senhor para transformação do Brasil²³⁹.

Conforme Ana Paula Valadão, no mês de junho, alguns meses após esse evento na IBL, deu-se início às manifestações em massa pelo Brasil afora. Isso fez com que a liderança da igreja relembresse da profecia de Cindy Jacobs, sendo que teve grande repercussão nas redes sociais o seu cumprimento²⁴⁰. A pastora conta que recebeu uma ligação da profetiza que havia recebido uma visão de Deus a respeito desse acontecimento no Brasil, dizendo-lhe que o Senhor havia dito que a igreja evangélica brasileira precisava orar para que fosse repreendido o espírito de anarquia que veio para ferir o Brasil. Os evangélicos foram orientados a fazer 21 dias de jejum e oração. O término da oração iria culminar com o culto no dia 14 de julho, celebrado no país pelos evangélicos e denominado O Dia Nacional da Oração²⁴¹.

Compartilhando dessa visão com a apóstola Valnice Milhomens, pelo fato de ser ela, por mais de 20 anos, referência nesse trabalho de jejum e oração a favor do país, a pastora Ana Paula recebeu a seguinte palavra: “Essa

²³⁸ BESSA, Ana Paula Valadão. Convocação nacional ore pelo Brasil. IN: MURADAS, Atilano. O *Início da transformação*. Jornal Atos Hoje. Belo Horizonte, 30 de junho de 2013 p. 10.

²³⁹ BESSA, 2013, p. 10.

²⁴⁰ BESSA, 2013, p. 11.

²⁴¹ BESSA, 2013, p. 11.

é a agenda do Espírito”. Chegaram, assim, à conclusão de que esse projeto veio direto do plano de Deus²⁴². A pastora Ana Paula Valadão termina dizendo que:

As confirmações foram impressionantes. Em uma convenção deste ano o Senhor disse a Valnice que a Igreja deveria ir às ruas e às praças. Disse que o avivamento vem das ruas, vem de fora para dentro. Essa palavra foi entregue por um profeta antes mesmo das recentes manifestações populares. Já estava sendo organizada uma mobilização para que a Igreja orasse nas ruas, no sábado, dia 13 de julho. Além disso, eles se encontrariam em Brasília para orar. Ficamos impressionadas, pois a contagem dos 21 dias de jejum acabava exatamente no dia 15 de julho, dia desse ajuntamento de pastores, profetas e apóstolos do país. Portanto, compartilho, agora, a estratégia para a Igreja neste momento crucial na história do Brasil²⁴³.

O Pastor Márcio Valadão, presidente da IBL, na quarta-feira, dia 26 de junho de 2013, convocou os obreiros para um clamor pela nação. Nesse mesmo dia aconteceram as passeatas por todo Brasil e a IBL recebeu ameaças dos vândalos. Esse trabalho teve a participação de vários pastores, dentre eles um que levou o grupo a orar pelas forças anarquistas que estavam atuando, levando pessoas a destruírem patrimônios públicos e empresas. Foi lembrada a todos os presentes também a história bíblica da destruição de Sodoma. Destruição permitida por Deus pelo fato de não encontrar nem dez justos, reforçando, assim, a necessidade de oração pela cidade de Belo Horizonte²⁴⁴.

No período da tarde, o pastor Márcio Valadão ficou no alpendre, localizado no terceiro andar da igreja, com um obreiro que segurava a bandeira do Brasil desfraldada, enquanto o pastor, com os dois braços estendidos, orava em direção à passeata que passava na Avenida Antônio Carlos²⁴⁵.

Além dos evangélicos que participaram dos protestos em todo país, saindo às ruas, teve um grupo de evangélicos que trabalhou pela internet, com orações, clamando a Deus que promovesse um quebrantamento dos líderes do Brasil. Esse meio foi usado pelo evangelista Marcos Almeida, da Assembleia de Deus de Santa Tereza, no Rio de Janeiro. O site Ore pelo Brasil em 2013,

²⁴² BESSA, 2013, p. 11.

²⁴³ BESSA, 2013, p. 11.

²⁴⁴ MURADAS, 2013, p. 18.

²⁴⁵ MURADAS, 2013, p. 18.

foi construído a partir dos noticiários de indignação sobre as injustiças e desigualdades sociais e outros problemas como miséria, corrupção e escândalos²⁴⁶.

No Espírito Santo aconteceu uma vigília na Missão Praia da Costa, com a participação de 1,5 mil pessoas. O trabalho foi realizado com quinze horas de oração, jejum, louvor e estudo bíblico durante o primeiro protesto, em 15 de março, com a proposta de uma intervenção de Deus por um país melhor e mais justo²⁴⁷. O pastor Simontom Araújo deixou bem claro que:

O objetivo não é reivindicar o impeachment da presidente Dilma Rousseff, nem pedir um governo Cristão, mas sim que venha alguém que resolva o problema da nação. O objetivo era o mesmo das manifestações, mas realizado de forma diferente. Desejamos alguém que saiba administrar e que tenha vocação política, que não seja meramente cargo político. A essência do cristianismo é a salvação eterna, mas enquanto isso, aqui buscamos a Deus por uma vida melhor, conclui²⁴⁸.

Por sua vez, o bispo Robison Rodovalho, líder principal da igreja Sara Nossa Terra, considera muito importante a atitude dos jovens brasileiros nas manifestações, mas traz uma observação: “É a partir da democracia que tudo se constrói. Todos temos descontentamentos, mas ‘ferver’ nas ruas, sem abrir o diálogo, tende a ser pior do que melhor”. Para que se tenha obtenção de resultados é preciso ter um alvo. Não se pode sair simplesmente para compor a multidão. Manifestar é uma maneira de exercer a democracia²⁴⁹.

Já a igreja Adventista do Sétimo Dia, segundo seus representantes, considera que as manifestações revelam o quanto a nação está fragilizada por tantas incoerências, reflexos de uma má administração pública. Foi recordado, ainda, que o país já viveu algo semelhante em outras épocas, com resultados pacíficos, em alguns casos, e violentos, em outros. Para um parâmetro maior dos fiéis, foi citado num texto da escritora Ellen White, considerada muito idônea, no qual ela descreve que nos tempos de Jesus acontecia algo semelhante aos dias atuais. No entanto, Jesus não teve atitude de sair em luta

²⁴⁶ ROCHA, 2015, p. 23.

²⁴⁷ ROCHA, 2015, p. 23.

²⁴⁸ ROCHA, 2015, p. 25.

²⁴⁹ LOPES, Leiliane Roberta. *É importante ter um propósito claro*, diz Rodovalho sobre as manifestações. 26 jun./2013. Disponível em <<http://www.noticias.gospelprime.com.br/>>. Acesso em: 25 mai. 2016.

a favor de algo terreno porque sabia que, para haver mudanças de forma definitiva, precisava-se atingir o coração do homem²⁵⁰.

Enquanto instituição, a Igreja Adventista do Sétimo Dia apoia, segundo os organizadores²⁵¹ as manifestações, tanto que seus membros têm saído às ruas para realização de projetos e para divulgação de ideais que julgam importante para a nação brasileira. Como exemplos apresentados citam a campanha para doação de sangue, divulgada no site www.vidaporvida.com.br, e o projeto Missão Calebe, que tem como objetivo a evangelização. Outros projetos sociais desenvolvidos foram: o plantio de árvores e jardins, a restauração de lugares históricos, a limpeza de calçadas, disposição de coletores de lixo na rua (nesses contendo o nome da igreja adventista). Ressaltaram que todos os participantes possuem um jaleco dizendo que são jovens adventistas a serviço da comunidade. Agindo assim, acreditam influenciar e sensibilizar a sociedade naquilo que precisa ser feito sempre, cumprindo, assim, seu papel social.

O Pastor Nadson Barbosa, Presidente do Conselho de Ministros Evangélicos de Artur Nogueira (COMEAN), defende as manifestações desde que sejam pacíficas. Para ele, as manifestações não devem ocorrer apenas nas ruas. Elas devem acontecer, também, em casa, lugar no qual se busca uma família melhor; na escola, buscando-se a promoção de um ambiente de respeito ao cidadão; na natureza e em outros lugares. Ele ressalta que a igreja deve buscar por justiça, lembrando que Jesus trouxe salvação de almas, mas também foi sensível às questões dos necessitados. Lembrou que, no dia 5 de junho de 2013 ocorreu, em Brasília, uma manifestação com os evangélicos, com 70.000 participantes, sem nenhum registro de violência²⁵².

O pastor Silas Malafaia, presidente da Igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo, muito reconhecido por todos os evangélicos no Brasil, considera as manifestações pertinentes, desde que não sejam com violência. Para ele, a igreja deve orar e vigiar por ser um momento muito apreensivo, pelo

²⁵⁰REVISTA ESPERANÇA VIVA 2013. *As manifestações e o Evangelho*. 11 mar.de 2015. Disponível em: <<http://www.adventistas.org.com/>>. Acesso em: 25 mai. 2016, p. 3.

²⁵¹REVISTA ESPERANÇA VIVA, 2013. Mar./2015, p. 5.

²⁵²BARBOSA, Nadson. *Opinião: A Igreja e as manifestações populares*. 07 mar./2013. Disponível em <<http://www.nogueirense.com.br/>>. Acesso em: 26 mai. 2016.

fato de muitos saírem com o propósito de somente fazer vandalismo. Conclui ele²⁵³.

Termino como comecei. Manifestação pacífica por um tempo determinado, sim! Baderna e vandalismo, mil vezes não! Como povo de Deus, cabe-nos orar e ficarmos alertas. Somos cidadãos e já demos exemplos de fazermos manifestação pacífica, com mais de 70 mil pessoas, sem nenhum tipo de baderna ou vandalismo. Deus abençoe você, Deus abençoe sua família e Deus abençoe o Brasil²⁵⁴.

No site Púlpito Cristão há um texto sobre as manifestações, cujo início levanta a seguinte questão: O cristão deve participar das manifestações contra as autoridades? Conforme o texto, muitos cristãos se apoiam no texto bíblico de Romanos 13.1, que ensina que os cidadãos devem ser sujeitos às autoridades, ficando apenas orando sem ter atitudes que promovam mudanças dentro da sociedade. A opinião deles é que o cristão deve, sim, participar desses eventos que lutam por uma sociedade melhor. Outra questão importante que foi ressaltada é que nem todos são chamados para fazer esse trabalho de reivindicar os direitos na sociedade, mas aqueles que forem chamados não devem recuar, devem manter um firme propósito até alcançar o alvo²⁵⁵.

Enfim, o que se apresentou neste primeiro tópico do terceiro capítulo foram as opiniões de grupos e líderes da igreja evangélica brasileira.

3.2 A visão dos protestantes históricos

Aqui será abordada a visão de importantes historiadores evangélicos acerca das manifestações, baseados em opiniões de líderes e grupos.

Sobre as manifestações de junho de 2013, Magali Cunha, jornalista e pesquisadora da Universidade Metodista de São Paulo, produziu uma notícia e fez a seguinte observação: *Os acontecimentos ainda estão sendo avaliados e têm deixado lideranças políticas, estudiosos da sociedade e religiosos*

²⁵³ INFORGOSPEL. *Pastor Silas Malafaia comenta as manifestações pelo Brasil e pede para vigiar e orar*. 21 jun./2013, p. 2. Disponível em: <<http://www.inforgospel.com.br/>>. Acesso em: 28 jun. 2016.

²⁵⁴ INFORGOSPEL, 2013, p. 2.

²⁵⁵ CHAGAS, Tiago. *Pode um cristão participar das manifestações contra as autoridades?* 21 jun./2013. Disponível em: <<http://www.pulpitocristao.com.br/>>. Acesso em: 27 mai. 2016.

perplexos e com poucas palavras explicativas para esse momento (CUNHA, 2013).

Posteriormente, vários estudos foram feitos a fim de se entender e explicar a visão dos evangélicos diante da situação do país. Jorge Pinheiro, pós-doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista, escreveu o livro “Política e protestantismo ocupam as ruas”, partindo de reflexões sobre as manifestações populares de junho de 2013. Outro estudo identificado é “Jornadas de junho”, no qual foram levantados os posicionamentos de grupos e de líderes cristãos, por Kevin Furtado e Maria Julieta, mestrandos em Ciências Sociais Aplicadas, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, no Paraná (UEPG). Também merece destaque, em relação a esses movimentos, o autor Antônio Carlos Costa, com o seu livro “Convulsão Protestante: quando teologia foge do templo e abraça a rua”.

Ao eleger esses teóricos, nesse tópico se propõe um possível entendimento de como deveria ter sido a participação dos evangélicos do Brasil, frente às manifestações de junho de 2013, na visão desses estudiosos, a partir de relatos da liderança dessa igreja, abordados por eles.

A proposta trabalhada por Kevin Furtado e Maria Julieta²⁵⁶ propõe um entendimento através de recortes de falas de diversos líderes evangélicos, considerados grandes pensadores e fornecedores de opiniões no meio evangélico. Opiniões essas extraídas de jornais, blogs, revistas de circulação evangélicas, objetivando entender como eles interpretam um momento de grande importância para a política e para a história brasileira.

A obra do Pastor Antônio Costa²⁵⁷ tem como proposta inicial falar sobre a importância da ação da igreja evangélica fora do templo, mostrando que a atuação da Igreja deve ser ativa, se envolvendo em questões de problemas sociais, para promover uma melhoria na sociedade. Dedicou, nessa proposta, uma parte para falar qual deveria ser a posição da comunidade evangélica diante das manifestações de junho de 2013. O pastor também explica o motivo pelo qual decidiu se lançar em favor da massa empobrecida deste país. Para

²⁵⁶ FURTADO, Kevin Wilian Kossar; CORDOVA, Maria Julieta Weber. *Jornadas de Junho*: posicionamento de grupos e líderes cristãos. In: *Protestantismo em Revista*, vol 34. RS: ISSN Impresses, 2014. p.13.

²⁵⁷ COSTA, Antônio Carlos. *Convulsão protestante: quando a teologia foge do Templo e abraça a rua*. Rio de Janeiro: Editora Mundo Cristão, 2015. p. 69.

tornar bem plausível sua fala, conta suas experiências nas diversas manifestações que já vem fazendo, mesmo antes desse evento das jornadas de junho.

Jorge Pinheiro, a princípio, vai fazer uma reflexão sobre o pensamento da Igreja Batista em 1964 e no momento atual, mostrando como é a visão Batista diante das manifestações populares, fazendo um comparativo ao evento da Ditadura Militar. Apesar de não ter a proposta de trabalhar a posição de todos os evangélicos do Brasil, traz um posicionamento de forma significativa de uma das maiores denominações do país. O autor inicia seu artigo falando sobre um momento histórico que marcou Brasil: a Ditadura Militar de 1964. Os pastores batistas apoiaram a ação política naquela época. E quase 50 anos depois, ele observou que três pastores, com grande conhecimento político, foram novamente às ruas para fazer parte da multidão, manifestando-se e ajudando na organização do protesto. O que primeiro se pôde concluir foi que religião e política andam juntas²⁵⁸. Um dos entrevistados por Santos, Fábio Bentes, pastor da Igreja Batista de Sumarezinho, em São Paulo, e também professor da Faculdade Teológica Batista de São Paulo, disse o seguinte:

Eu participo das manifestações que estão hoje nas ruas para dar continuidade ao ministério de Jesus, de denúncia do mal: "O mundo (me) odeia porque dou testemunho de que o que ele faz é mau". (João 7.7). A participação deve ser com opinião, com mobilização e com oração. A opinião porque não podemos ficar alheios a tudo o que está acontecendo. Devemos discutir este assunto com a igreja²⁵⁹.

Também Leandro Seawright Alonso foi outro pastor que concedeu entrevista para Santos. Alonso é doutorando em História Social, na Faculdade de Filosofia, Letras, e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Ele desenvolve uma pesquisa sobre um grupo de trabalho que busca entender o papel da igreja durante a ditadura civil militar brasileira. A respeito das jornadas de junho, ele considera:

Participar de uma manifestação é manifestar-se de forma existencialmente ativa de uma externalismo mental. É compreender como fonte epistêmica não apenas aquelas ideias residentes no internalismo que impossibilitam alteridade como viés de

²⁵⁸ SANTOS, Jorge Pinheiro. *Política e protestantismo ocupam as ruas: reflexões sobre as mobilizações de junho de 2013*. Estudos de Religião, v. 27, n. 1. RS: ISSN Impressos, 2013, p. 219.

²⁵⁹ SANTOS, 2013, p. 119.

transformação social. Nos meandros da manifestação, o meu lugar singular, portanto, torna-se lugar comungado na partilha de ideias, de ideais, de teologias disseminadas que vão passando por mim em movimento para fora²⁶⁰.

Por último, o Pastor Luciano Batista, da Igreja Batista de Souza, no alto do Paraíba, que é também educador e mestre em educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal da Paraíba, defende que os partidos políticos, conforme sua visão, calaram e ficaram apenas observando de fora o evento. Assim²⁶¹:

A inércia dos partidos políticos diante da força dos movimentos talvez esteja relacionada diretamente ao fato de perceberem a ausência de bandeiras de partidos no meio da massa. Assistiram de camarote, não deram credibilidade, não acreditaram na força, na capacidade, no poder de mobilização dos jovens que assumiram ou chamaram para si a responsabilidade de comandar os gritos na rua²⁶².

Esses pastores entrevistados vieram para mostrar algo inovador, cinquenta anos depois da Ditadura Militar. Na Ditadura, a liderança da Igreja se posicionou de forma aliada ao governo, pelo fato de ser composta por pessoas de destaque, que sempre aspiraram ao crescimento, tanto econômico quanto social. E o golpe militar proporcionou certa ascensão social²⁶³.

Pinheiro se fundamentou em Paul Tillich²⁶⁴, segundo o qual o que gera no povo a necessidade de protestar surge quando se percebe a possibilidade de um novo ser. E isso é algo puramente defendido no protestantismo. Mas esse fenômeno não precisa ser considerado assim por acontecer apenas no meio dos católicos e protestantes, pois é um ato vivenciado mais fora do que dentro da igreja. O sentimento de protesto não está ligado a algo que pertença a uma denominação humana. Isso é que é, essencialmente, viver o protestantismo²⁶⁵.

A opinião do Pastor Bentes é que essa não é uma questão que pode ser interpretada pelos evangélicos apenas com um olhar religioso, porque não são

²⁶⁰ SANTOS, 2013, p. 220.

²⁶¹ SANTOS, 2013, p. 220.

²⁶² SANTOS, 2013, p. 220.

²⁶³ SANTOS, 2013, p. 220.

²⁶⁴ Paul Tillich – 1886-1965. Um teólogo alemão-estadunidense e filósofo da religião, um influente protestante do Sec. XX.

²⁶⁵ SANTOS, 2013, p. 223.

assuntos de cunho religioso. É um momento de a igreja ser sensível àquilo que traz prejuízos, que oprime e que despreza o direito dos mais necessitados e que, por isso, torna-se conivente com a injustiça²⁶⁶.

Uma grande preocupação de Bentes é que as manifestações não tiveram apoio dos homens mais maduros, sendo lideradas por jovens. É bem válido observar que, pelo fato de terem esses homens maduros a necessidade de sustentar suas famílias, não poderiam se ausentar do serviço. Os jovens, por sua vez, que eram estudantes, até poderiam faltar de aula. Todavia, o pastor acredita que, se esses movimentos tivessem a presença também dos mais velhos, teriam mais eficácia²⁶⁷.

O pastor Seawright entende que as jornadas de junho foi uma forma diferente de expressão de amor pela humanidade, de reivindicar algo. Quanto à motivação, essa deve ser a manifestação do Reino de Deus refletido no outro como um símbolo do sagrado na terra, como a forma de ouvir um povo que anteriormente não tinha direito de falar e de ser ouvido. Para esse pastor, as manifestações refletem uma postura particular de cada estado brasileiro. Ao participar das manifestações de São Paulo, ele percebeu reivindicações similares aos golpistas que atuaram no período inicial da Ditadura Civil Militar Brasileira. Tal percepção gerou nele um incômodo, levando-o a se ausentar²⁶⁸. Outra observação feita por ele voltou-se para a necessidade de se trabalhar o tema “Formação Política”, com jovens da sua igreja. Sua reflexão o levou a pensar:

O “Anonymous” mascarado representava nas manifestações uma forma ilegítima de manifestação, pois a nossa Constituição Federal prevê a livre manifestação do pensamento sendo vedado o anonimato. Além disso, em alguns momentos, os manifestantes começaram a gritar pelo impeachment de Dilma e de Alckmin. Basicamente, portanto, precisamos trabalhar com formação política apartidária e não antipartidária nas igrejas e entre a juventude como um todo²⁶⁹.

Ao pensar dentro de uma mudança no Brasil, nota-se que se vive num momento pós-moderno, que promove uma autonomia, mas que ainda se percebe pessoas inseguras diante desse fato. A política trabalha com o discurso de tornar o povo verdadeiramente livre, mas sempre debaixo de

²⁶⁶ SANTOS, 2013, p. 224.

²⁶⁷ SANTOS, 2013, p. 225.

²⁶⁸ SANTOS, 2013, p. 225.

²⁶⁹ SANTOS, 2013, p. 226.

interpretação de velhas leituras de vida, com relação aos conceitos de hierarquia e tradição, fortalecendo a burocratização²⁷⁰.

O ato de manifestar traz consigo o sentimento de liberdade, sendo isso algo vivido por todos que participam de manifestações, independente do credo e da cor. Há um conceito trabalhado por Tillich, destacado por Pinheiro, que é o de situação-limite, para se pensar sobre aquilo que ameaça o sentido da vida: ao ter consciência desse fato, o protestantismo deve se posicionar no sentido de defender a vida, o que é vivido desde a Reforma Protestante, refletindo o conceito de justificação pela fé. Esse conceito trabalha a liberdade de viver e traduz o reconhecimento incondicional da justiça²⁷¹.

O que se percebe é que, no momento em que os evangélicos decidem trabalhar em favor daquilo que põe em risco a situação da vida, externaliza de forma materializada a espiritualidade. O protestantismo passa a ter a eternidade presente, no sentido que em todo o tempo ele luta contra ações que privam a liberdade dos homens. Tais ações, às vezes, se tornam audaciosas e podem apresentar perigo, passando a ser identificadas como algo que transcende a justiça. Seu discurso promove mudanças, tanto para um indivíduo de forma particular ou também na coletividade, dentro da sociedade²⁷².

A marca do protestantismo é ser promotor de transformação pessoal ou coletiva dentro da sociedade. A ética da vida praticada no protestantismo sempre é contra a exclusão social e outras questões que gerem vulnerabilidade humana. Assim, a vida sempre deve defender o bem maior em função de protegê-la, sendo um fundamento de qualquer organização social. Independente de qual ética é seguida nas organizações sociais, o protestantismo pode sugerir fundamentos em prol de defesa da vida, no tempo presente e no futuro²⁷³.

As pessoas que se portam de acordo com os princípios protestantes podem agir de forma despreocupada e positiva em favor de mudanças numa sociedade prejudicada. A atitude, que deve ser de forma radical defendida pelo protestantismo, não é apenas para alguns viver, mas para todos. Atitude essa que não deve ser apenas daqueles que trabalham em fábricas ou em

²⁷⁰ SANTOS, 2013, p. 226.

²⁷¹ SANTOS, 2013, p. 227.

²⁷² SANTOS, 2013, p. 227.

²⁷³ SANTOS, 2013, p. 229.

organizações, mas de todos que primam por uma sociedade essencialmente justa²⁷⁴.

Ainda de acordo com o pastor Bentes, a forma de agir da igreja não coloca uma condição de partidarismo, seja ela do governo ou do povo. Deve-se agir ao lado da justiça proposta em sua ética. No momento das manifestações, segundo seu entendimento, o povo está com a razão, está reivindicando contra as coisas que estão erradas na política, está com desejos de mudanças²⁷⁵.

As atitudes da igreja frente às manifestações devem ser de acordo com os ensinamentos de Cristo, que têm como ideal as lutas sociais como forma de expressar o amor, na busca de liberdade por uma vida mais digna.

Para a Igreja Evangélica de Confissão Luterana (IECL), as manifestações são algo de importância para a nação. Contudo, é preciso ter cuidado para não mudar o foco da proposta de reivindicar, porque a mídia estava sempre repetindo notícias de vandalismos e violências. A igreja aposta na oportunidade da valorização do diálogo em vários níveis, principalmente em casa, concluindo da seguinte forma²⁷⁶:

Dialoguemos mais com nossos representantes políticos em espaços de decisão. Fiquemos atentos ao que fazem depois de eleitos. Cobremos das autoridades, em todos os níveis, mais diálogo com a população! Vamos apoiá-las nos seus acertos, mas não deixemos que façam de conta que nos ouviram²⁷⁷.

Para a Aliança Batista do Brasil (ABB), o objetivo é desenvolver o ecumenismo, tendo como compromisso principal trabalhar contra qualquer situação que gere o empobrecimento. A ABB apoiou as manifestações e fez questão de lembrar que uma das áreas contempladas pelo governo foi a construção e a reforma dos estádios para a Copa do Mundo de futebol, não priorizando as necessidades básicas da nação, como educação, saúde e

²⁷⁴ SANTOS, 2013, p. 230.

²⁷⁵ SANTOS, 2013, p. 229.

²⁷⁶ FRIEDRICH, Nestor Paulo. Protestos nas ruas do Brasil. São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/protestos-nas-ruas-do-brasil-1/>>. Acesso em: 15 dez. 2015.

²⁷⁷ FRIEDRICH, 2013.

transportes, algo de que a população brasileira tanto necessita. Ao finalizar, deixa o seguinte recado²⁷⁸:

Que o gigante chamado Brasil possa acordar do sono alienante que acaba por beneficiar alguns poucos. Ficar deitado em berço esplêndido nunca é o caminho para construirmos uma nação verdadeiramente democrática, livre, justa, pacífica e fraterna. Sair às ruas é um direito legítimo, desde que as pautas reivindicadas, sejam pautas coletivas e que visem o bem-estar de toda uma nação²⁷⁹.

As manifestações geram desconforto na nação porque quebram a estabilidade proveniente do princípio burguês. Os evangélicos defendem que isso faz parte do trabalho em prol do futuro, da mesma forma que as profecias bíblicas não deixaram de clamar, apesar das decepções que experimentou a Nação de Israel. Segundo eles, o Antigo Testamento não predizia eventos imediatos, mas sim algo em direção ao futuro e a igreja, tendo conhecimento desses fatos, prega que sua prática dever ser desenvolvida em direção ao novo momento, dentro daquilo que foi prometido.

3.3 Prioridades do trabalho da igreja evangélica frente aos anseios sociais

Conforme se pôde perceber no início deste capítulo, os representantes da Igreja Evangélica defendem que tiveram participação nas manifestações, sim, embora assumam que a luta deles tenha sido mais espiritual. Consideraram a importância da oração num momento tão crucial para a sociedade brasileira. E, ainda segundo eles, eram a favor dos protestos, desde que fossem pacíficos e que as ações estivessem sempre embasadas nos ensinamentos bíblicos. Diante das opiniões abordadas e da real participação dessa instituição nas manifestações, torna-se ainda mais claro que esse é um assunto polêmico, que deve ser cuidadosamente analisado.

Antes de partir para qualquer reflexão, é importante entender que a igreja é uma instituição cuja utilidade é pública. Logo, suas ações também serão públicas e sua maneira de interpretar os fatos deve ser um fator preocupante, considerando sua posição dentro da sociedade. Em outras palavras, a ação pública da igreja, nos dias atuais, dentro de uma visão de

²⁷⁸ FURTADO; CORDOVA, 2014, p. 224.

²⁷⁹ FURTADO; CORDOVA, 2014, p. 225.

acontecimentos globais, é um assunto relevante para o cristianismo do século XXI²⁸⁰.

Viver a fé é muito mais que um compromisso meramente social. É algo que implica o ato de aceitar Cristo, a forma de apresentar a mensagem, os cuidados com o próximo, o senso de justiça com o compromisso de prover a paz, é algo que vai além da igreja como reunião dos santos. A proposta do evangelho é que seja uma presença profética e de trabalho, atuando dentro dos preceitos de cidadãos, sendo promotores de uma vida digna para todos, fazendo uma denúncia de qualquer forma de injustiça e opressão de uma sociedade²⁸¹.

Dentro da concepção evangélica, faz-se necessário pensar a cidadania não apenas segundo o conceito literal da Bíblia ou da história da igreja. Os ensinamentos são importantes quando observados de forma integral com a situação na qual o ser humano está integrado²⁸². A bíblia possui conceitos que podem nortear as ações humanas, contudo, não podem defini-la sem se considerar outros aspectos. Isso porque situações mudam o tempo todo, a condição de vida, nos dias atuais, está sempre passando por transformações globais, trazendo uma necessidade de adaptações. O capitalismo sempre norteou as ações dentro da sociedade. O Estado também se perde com essas necessidades emergentes e procura se readaptar. Assim como no passado, a igreja precisa rever seus conceitos. E, se por acaso, houver resistências às mudanças, pois há muitas igrejas que não conseguem dialogar neste processo e se isolam vivendo suas doutrinas e dogmas, sem trazer um significado para o momento, elas tendem a se isolar da vida social para viver dentro da perspectiva apresentada na igreja²⁸³.

A resposta aos anseios da sociedade não é fácil e nem está clara ou definida. É preciso todo um trabalho de reflexão e readaptação frente a tantas mudanças. As pessoas mudam, os anseios mudam, os problemas também passam a ser outros. A sociedade requer outras posturas das instituições em geral. A igreja, como uma instituição comprometida, precisa repensar seus

²⁸⁰ JOSGRIBERG, Rui. Prefácio. IN: CASTRO, Clodovis Pinto de (org.). *Presença pública da igreja em áreas urbanas*. São Bernardo do Campo – SP: Universidade Metodista de São Paulo, 2006, p. 11.

²⁸¹ JOSGRIBERG, 2006, p. 12.

²⁸² JOSGRIBERG, 2006, p. 14.

²⁸³ JOSGRIBERG, 2006, p. 15.

conceitos e suas ações, mesmo não estando diante dos ideais vividos por ela, caso contrário irá reagir de forma passiva e adaptativa. No caso de problemas que precisam ser solucionados, sem tomar atitudes condizentes com a situação, ela se torna conformista com o mal do século, sem pensar nas transformações à luz da mensagem evangélica²⁸⁴.

A questão é que toda mudança implica resistência. E grandes transformações não podem ser feitas de uma hora para outra, sem planejamentos, sem questionamentos. A sociedade aponta para a igreja evangélica e cobra uma postura diante das lutas que, espera-se, sejam de todos. Para muitos há um questionamento se os evangélicos não deveriam participar mais das manifestações de rua, reagindo como cidadãos em busca de seus direitos, seja de forma individual ou coletiva. A igreja evangélica, assim como outras, pode ser um agente promotor para formação de uma cultura cidadã e participativa, mas para que isso aconteça de fato, faz-se necessário que ela reveja seus conceitos, sua forma de participar²⁸⁵.

É notável que há um declínio da presença pública da igreja evangélica dentro da urbanização. O fato de ter alcançado benefícios ao longo dos anos, que facilitaram sua atuação de forma política e social, deixa-a numa condição de comodidade. A perda de capacidade em ter uma presença pública leva-a a viver de forma paradoxal²⁸⁶. Assim:

Elas transformam o mundo como lugar de conversão de pessoas, a qual dirige a espiritualidade para as expressões interiorizadas delas ou limitadas ao círculo da igreja local e da família. Ação inversa é paradoxal em relação a essa presença pública que empurra as igrejas para um estranho processo de privatização do público e detona o público privado²⁸⁷.

Para um melhor entendimento desse paradoxo, vale refletir sobre duas situações aparentemente comuns: A primeira delas, e talvez da que mais se ouve questionamentos, trata-se do fato de ser possível experimentar solidão em meio a tantas pessoas. Como é possível estar entre milhões de pessoas e

²⁸⁴ JOSGRIBERG, 2006, p. 15.

²⁸⁵ SOUZA JR, Daniel de Almeida. SANTOS, Lyndon de Araújo. Cartilha cidadã: os evangélicos e a transformação social. 2014, p. 5. Disponível em: <<http://www.aliancaevangelica.org.br/>>. Acesso em: 12 mai. 2016.

²⁸⁶ JOSGRIBERG, 2006, p. 16-18.

²⁸⁷ JOSGRIBERG, 2006, p. 18.

se sentir sozinho, não reconhecendo ninguém? Há, ainda, aquele discurso de se perceber no outro a imagem e semelhança de Deus, como em si próprio, mas sem conseguir exercitar nesse outro a tolerância e a solidariedade, sempre colocando entre ambos um muro de separação. Esses paradoxos conduzem a igreja evangélica ao desejo privado da fé, fazendo com que ela se proteja atrás de um discurso já emoldurado, sem uma efetiva inserção social, agindo tal qual um indivíduo frente à máquina, em que a ação é condicionada. Pode-se dizer, ainda, que paradoxos produzem a privatização da religião, gerando uma espécie de processo de subjetivação e individualização, o que contribui para vivenciar mais o discurso religioso do que o social²⁸⁸.

A igreja evangélica possui um número considerável, e cada vez maior, de seguidores. Para Robson Cavalcanti, cientista político da Religião, o número de evangélicos no país já ultrapassou alguns milhões, estando eles inseridos em todos os lugares da nação. Também, como se pôde ver na forma como se propagou o evangélico aqui no Brasil, é um grupo misto, composto de diferentes etnias, classes sociais e níveis de instrução. Isso, ainda segundo Cavalcanti, só vem a confirmar o cumprimento da proposta do evangelho que é “ser acessível a todos os povos e a todas as raças”²⁸⁹.

Contudo, mesmo possuindo grande representatividade, essa igreja não atinge de igual tamanho um impacto positivo na vida das pessoas. Pois, ao que tudo indica, tem optado por desenvolver um trabalho egocêntrico. E, se no passado passou por períodos de grande isolamento, na atualidade prefere se anular da participação pública na sociedade, influenciando muitos de seus fiéis com suas ideias²⁹⁰.

Ziel Machado acredita que as pessoas, ao se converterem, participam mais das atividades na igreja e conclui que “dizer sim a Deus implica necessariamente dizer sim à Vida”, em outras palavras, não significa deixar a vida social, seus problemas e conflitos de lado. Ele também ressalta sobre o crescimento evangélico, mas, diferentemente de Cavalcanti, defende que a partir da década de 80, no que se refere à participação social, os evangélicos

²⁸⁸ JOSGRIBERG, 2006, p. 18.

²⁸⁹ CAVALCANTI, Robson. *Cristianismo e política: teoria bíblica e prática histórica*. 3 ed. São Paulo: Temática Publicações, 1994, p. 17.

²⁹⁰ CAVALCANTI, 1994, p. 17.

vêm assumindo uma postura mais ativa, e que a postura de não envolvimento social e apoliticismo vem sendo gradativamente abandonada²⁹¹.

As razões históricas que levaram os evangélicos a essa postura de não envolvimento são várias. No período imperial, houve limitações constitucionais e havia um preconceito de classe (eram considerados de segunda classe, não tinham muito direito à voz). Na Primeira República, algumas autoridades e os representantes do clero romano promoviam grande discriminação. Quanto aos missionários pioneiros, optaram por não se misturar na política da nação. Também a própria condição dos indivíduos de pouco esclarecimento, mas de muita necessidade de recursos melhores para viver, alimentou o sentimento de impotência e frustração diante dos desafios. Outro fator que levou a não se envolver na vida social, foi a falta de conhecimento dos evangélicos de outras nações em relação à política²⁹².

Alguns evangélicos ainda trazem consigo a ideia de que não devem misturar em questões sociais, acreditando que seja algo mundano e, por isso, não podem participar. Para esses, a missão da igreja é um trabalho espiritual, tendo apenas que anunciar a palavra e aguardar a volta de Jesus²⁹³. Percebe-se, assim, que a maneira como é representada a teologia sistemática exclui a teologia pública, sem valorizar suas dimensões éticas, fazendo leitura dos feitos bíblicos sempre espiritualizando, não buscando o sentido real do texto²⁹⁴.

Até a escolha da profissão, por um considerável número de evangélicos, está ligada ao seu desejo de não envolvimento. Segundo estudos, existe, no imaginário brasileiro, uma teologia popular não formulada em termos teóricos, que influencia em discernir, dentro de uma perspectiva dualista, apontando o que é certo e o que é errado, o que é bom e o que é mau, considerando que certas áreas de participação humana sejam de grande perigo como: artes, esportes, meios de comunicação, política, sendo essas consideradas de grande importância para a sociedade. Dentro desse raciocínio, o tipo de área de atuação profissional, escolhida pelos evangélicos, volta-se para áreas técnicas, executivas e liberais, que não contribuem de forma direta para uma

²⁹¹ MACHADO, Ziel. *Sim a Deus, sim à Vida: Evangélicos redescobrem sua cidadania*. Rio de Janeiro: Novo Diálogo, 2011, p. 14.

²⁹² CAVALCANTI, 1994, p. 18.

²⁹³ CAVALCANTI, 1994, p. 18.

²⁹⁴ CAVALCANTI, 1994, p. 18.

inteligência nacional. Evidencia-se que aqueles mais preocupados em seguir os dogmas religiosos não possuem coragem de escolher o que querem e, mesmo sabendo de uma pouca aceitação, escolhem antropologia, filosofia, literatura, expressões artísticas e sociologia²⁹⁵.

Para Machado, o ingresso de evangélicos pentecostais na política, a partir de 1986, mostra um novo caminho para essa participação, antes circunscrita ao âmbito da igreja. Ele defende que a transformação política da comunidade evangélica, saindo da margem em direção ao compromisso social e político, é algo muito positivo na politização dos pentecostais²⁹⁶.

Mas nem todos comungam da idéia de Machado. Nos últimos anos, nota-se um grupo de evangélicos que participam da política de forma representativa, contudo apresentam um despreparo acadêmico, tendo uma ética comprometida. Eles trabalham dentro de uma forma individualista, não se comprometendo com a comunidade de fato. Por não terem um pensamento crítico em relação aos acontecimentos globais, desenvolvem trabalhos que são de cunho assistencialista e conforme as demandas dos clientes²⁹⁷.

Essa despreparação dos emergentes políticos evangélicos, Machado explica apontando os três fatores que, segundo Padilla, influenciaram a igreja evangélica a ser apolítica:

- A influência dos missionários com seu ensino, desconsiderando a dimensão da responsabilidade social da fé cristã;
- O complexo de minoria religiosa (muitas vezes forjado debaixo de perseguição aberta);
- A ênfase numa escatologia futurista, onde o interesse do cristão está voltado exclusivamente para a salvação das almas²⁹⁸.

Magali do Nascimento Cunha, propõe uma reflexão a fim de se pensar nas cidades brasileiras e no papel das igrejas evangélicas no país, expresso em sua atitude pastoral. Ela inicia a discussão apresentando a questão histórica, ressaltando que a consolidação do protestantismo no Brasil aconteceu de forma significativa, a partir da segunda metade do século XIX,

²⁹⁵ CAVALCANTI, 1994, p. 18.

²⁹⁶ MACHADO, 2011, p. 23.

²⁹⁷ CAVALCANTI, 1994, p. 18.

²⁹⁸ PADILLA, 1992 *apud* MACHADO, 2011, p. 24.

como resultado de uma ação missionária internacional ocorrida de forma intensa em todo aquele período até a segunda Guerra Mundial²⁹⁹.

E Cunha segue sua reflexão afirmando que a teologia e a prática que os evangélicos desenvolveram eram com base no fundamentalismo bíblico (ênfase na inerrância bíblica) e tinham uma crença na volta de Jesus antes ou depois do terceiro milênio (teologia milenarista). Havia, ainda, uma prática bem puritana objetivando a santificação em todos os sentidos, com foco individualista, pois a salvação é individual. Também tinha uma premissa de os Estados Unidos Da América ser o escolhido por Deus para conduzir a salvação a todos (destino manifesto)³⁰⁰.

Quanto à chegada dos evangélicos no Brasil, afirma Cunha, a princípio tiveram dificuldades em se instalar. As igrejas tinham como propósito inicial se estabelecer nos centros urbanos, construindo escolas e templos. Tiveram muita adesão em suas escolas, por causa do modernismo, mas sem proselitismo, principalmente pela ação da igreja católica dominadora, só conseguindo maior sucesso no início do século XX. Pelo fato de não terem sucesso nos grandes centros urbanos, decidiram seguir a trilha do café indo para as zonas rurais, onde havia pessoas livres e carentes, em busca de uma vida melhor. Encontraram também resistência por parte da igreja católica, mas conseguiram se estabilizar e se estabelecer de forma mais tranquila, tendo assim marcas profundas do viver rural nesse protestantismo³⁰¹.

O não sucesso das missões, que tinham como ideal atingir as classes dominantes, mudou o seu projeto, resultando em um protestantismo de origem rural, com sentimento anticatólico e com características de fanatismo. Essas pessoas do campo tinham uma orientação ética e moral muito rígida, que revelava um pensamento bem pietista, pregado pelos missionários. E não havia distinção: tanto as pessoas de maior condição financeira quanto as menos privilegiadas possuíam o mesmo comportamento fanático. E, quanto

²⁹⁹CUNHA, Magali do Nascimento. *Um olhar sobre a perspectiva pública das igrejas evangélicas do Brasil: Análise crítica e possibilidades futuras*. In: CASTRO, Clovis Pinto, CUNHA, Magali do Nascimento PASTORAL URBANA, 2011, p. 100.

³⁰⁰ CUNHA, 2011, p. 100.

³⁰¹ CUNHA, 2011, p. 101.

menos contato com o desenvolvimento, mais forte essas pessoas viviam a fé³⁰².

A base trabalhada pelos missionários de fundamentalismo bíblico, puritanismo e individualista produzira uma igreja que negava a sociedade (mundo) e firmava, de forma enfática, a necessidade de se proteger e de se preparar para a volta de Jesus³⁰³. Assim:

A ética puritana de restrição dos costumes ganhou, no protestantismo brasileiro, nova significação: era uma forma de comunicar a negação do catolicismo e marcar a identidade do protestante. O vestuário formal, a Bíblia em punho na caminhada em direção ao culto ou a outras atividades da igreja, e o exercício da moralidade protestante – como a guarda do domingo exclusivamente para o serviço da igreja, a abstinência de bebida alcoólica, do fumo, da participação em festas dançantes e populares (em especial o carnaval) e dos divertimentos populares como o teatro, o cinema, a música popular – revelam que os “crentes” estavam “mostrando ao mundo” que tinham Jesus como único Senhor de suas vidas³⁰⁴.

As pessoas, ao se converter, precisavam assumir um compromisso público, que mudaria todos os aspectos da vida diária, para serem notadas como diferentes. Isso implicava o cumprimento de regras e, na condição de quebrá-las, receberiam punição. Essa mudança seria social, cultural e familiar. Para um reforço nesse sentido, foi recebido, no Brasil, como adorno nas congregações e nas casas dos membros, um quadro intitulado “Os dois caminhos” ou “Caminho largo, caminho estreito”³⁰⁵.

Dentro dessa visão, os protestantes ficavam cada dia mais distantes do convívio com a sociedade. Surgiu, então, a elaboração de regras éticas, que norteariam a igreja enquanto aguardavam a volta de Jesus. Essa característica gerava, a cada dia, um grupo fechado e pequeno, sem diálogos com a questão social. E assim foram seguindo os protestantes, vivendo de acordo com as regras, até que, entre os anos de 1930 a 1950, o Brasil passou por um grande desenvolvimento industrial. Como consequência, houve esvaziamento das áreas rurais e formaram grandes centros urbanos. Formavam-se, assim, novas congregações, mas mantendo as características da igreja rural (muitos cultos

³⁰² CUNHA, 2011, p. 102.

³⁰³ CUNHA, 2011, p. 103.

³⁰⁴ CUNHA, 2011, p. 103.

³⁰⁵ CUNHA, 2011, p. 103.

durante a semana e preservação de todos os costumes), o que não favoreceu muito na conquista de novos fiéis. Dessa forma, as igrejas evangélicas permaneciam com as seguintes características³⁰⁶:

- 1- A perspectiva que ainda permeia a teologia protestante no Brasil.
- 2- O moralismo puritano, que se mantém como elemento determinante do jeito de ser das igrejas clássicas (as histórias da reforma e pentecostais).
- 3- A indiferença em relação às demandas sociais e às culturais urbanas³⁰⁷.

O que se pode perceber, de forma geral, é que as igrejas evangélicas ainda são norteadas por esse pensamento das missões protestantes, apresentando uma visão dualista onde impera o sagrado e o profano, produzindo grupos fechados, não dialogando com a sociedade, nas suas diversas necessidades. Não há uma participação frente às demandas, seja em projetos sociais, com ou sem parcerias com o governo, seja nas lutas em prol de um bem comum³⁰⁸.

Quando se pensa no espaço físico utilizado pelos evangélicos para seus encontros, torna-se mais clara a não atuação desses na vida social. Os templos são usados, unicamente, para reuniões nos dias de culto. Outro aspecto relevante é que muitos dos seus membros, inclusive seus líderes, não residem próximo ao templo, o que impossibilita a criação de vínculos com a comunidade cristã, tornando-se mais difícil perceber as necessidades locais³⁰⁹.

Conforme percebido em abordagens anteriores, muitos líderes e grupos evangélicos se manifestaram defendendo sua posição ativa frente às demandas da sociedade. Contudo, ainda se pode perceber certos costumes e valores muito arraigados, impossibilitando a real participação da igreja evangélica. Talvez se possa dizer que, de forma lenta, isolada e timidamente, algumas mudanças vão ocorrendo: é um representante evangélico assumindo seu papel na política, é um pequeno grupo que se junta aos manifestantes, nas ruas das grandes cidades, é a voz da igreja que, através de seus jornais, apoia as manifestações. Enfim, são fatos importantes, sim, mas que ainda não se

³⁰⁶ CUNHA, 2011, p. 105.

³⁰⁷ CUNHA, 2011, p. 105.

³⁰⁸ CUNHA, 2011, p. 107.

³⁰⁹ CUNHA, 2011, p. 108.

configuram numa participação efetiva da igreja evangélica diante dos problemas sociais.

3.4. Análise sobre a participação dos evangélicos frente as manifestações de 2013

Embora já se tenha mencionado alguns prováveis aspectos responsáveis pela ausência da igreja evangélica nas demandas sociais, vale estudar esse item de forma mais abrangente.

A formação da sociedade acontece pelas estruturas que a compõem. Isso significa que há uma condição da esfera pública e individual, e discutir essas relações para transformação é algo muito relevante. A busca por uma vida mais digna é primordial, o ser humano não sobrevive fora dessas estruturas sociais e as estruturas não existem sem o ser humano. É aí que reside a necessidade de se tornar um cidadão ativo, participante da vida em sociedade³¹⁰.

Os evangélicos, nos dias atuais, possuem um novo jeito de ser na contemporaneidade. O momento iniciou-se no século XX e foi marcado pela influência no campo sócio político-econômico, cultural-religioso, fenômenos que estão diretamente ligados ao desenvolvimento do capitalismo, de forma global, junto ao desenvolvimento da mídia e da urbanização³¹¹.

A causa de modificação da forma de ser evangélico está ligada, segundo Cunha, ao fenômeno do hibridismo cultural, por ter um encontro entre a maneira desenvolvida pelos missionários, desde o período de implantação do protestantismo, com a nova forma de viver dentro dos fenômenos da modernidade e dos fenômenos urbanos, com o posicionamento do mercado de consumo e com o trabalho das mídias³¹².

Todos os segmentos do meio evangélico passaram por modificações: os estilos musicais, a forma de consumir e o modo de se divertir. São diversos programas de TVs, vídeoclips, revistas cristãs que, ao analisar todas essas coisas, reproduzem bem o sistema capitalista no sentido de promoção de

³¹⁰ MACHADO, 2011, p.31.

³¹¹ CUNHA, 2007, p. 9.

³¹² CUNHA, 2007, p. 10.

shows, produção de cds ao vivo, páginas de internet, literaturas, formando assim um poder de grande expansão, pelo fato de serem uma grande parte da população³¹³.

Essa nova influência para os evangélicos não veio acrescentar algo novo, capaz de transformar, despertar um novo comportamento para os desafios propostos na sociedade atual. Ela veio, sim, como uma forma de manter o que já havia sido ensinado desde o início dos evangélicos na nação brasileira: a ideologia de um modo de ser bem puritano³¹⁴.

Um desafio grande, que os missionários tiveram no Brasil no início, e que influenciou o jeito de ser evangélico, foi que a religião até então presente (católica) e a cultura pagã os levariam para o inferno. Esse sentimento anticatólico se torna tema central para os estudos que ministravam, além da forma de pensar puritana/pietista dos europeus e do destino manifesto com a crença no messianismo³¹⁵.

Essa característica anticatólico e anticultural acompanhou os adeptos por toda a trajetória, desenvolvendo uma postura de completa rejeição a todos os acontecimentos que ocorriam na sociedade brasileira. Esse relacionamento crítico entre igreja e sociedade provocou um distanciamento na presença dos evangélicos nas questões sociais, sendo pouco notável seu envolvimento na vida política e comunitária e também na cultura do País³¹⁶.

Conforme já foi escrito no início deste capítulo, os evangélicos, sejam eles pertencentes das igrejas tradicionais históricas, renovadas ou pentecostais, expressaram através de boletins, jornais, revistas, artigos e livros, suas diversas formas de interpretar o fenômeno das manifestações populares ocorridas no Brasil em 2013.

Os tradicionais renovados e pentecostais reconheceram as manifestações de 2013 como algo muito importante na política brasileira. Segundo eles, isso se tornava um sinal de Deus para terem práticas mais intensas de jejum e oração pela nação, como foi orientado na igreja Batista da Lagoinha e na igreja Batista da Mata da Praia, configurando, assim,

³¹³ CUNHA, 2007, p. 11.

³¹⁴ CUNHA, 2007, p. 11.

³¹⁵ CUNHA, 2007, p. 39.

³¹⁶ CUNHA, 2007, p. 44.

ensinamentos que os primeiros missionários do Brasil acreditavam ser um modo de viver bem puritano, de não envolvimento ativo nas questões sociais.

Os tradicionais históricos tiveram um diálogo mais comprometedor, no sentido social, com o momento vivido. O pastor presbiteriano Antônio Costa acredita ter sido modelo de inspiração para as manifestações, devido aos protestos que ele já havia feito através da ONG Rio de Paz. Na maioria dos discursos, esses evangélicos tiveram uma leitura política de maior consciência, enquanto cidadãos, orientando seus membros a terem cuidado para não serem manipulados pela mídia e perderem o foco do protesto. E como líderes religiosos, orientaram a todos acerca da necessidade de oração para que pudesse ter uma intervenção divina para se obter melhores decisões, continuando, assim, a mesma maneira que foi construído o jeito de ser evangélico no Brasil.

Este jeito de ser evangélico, conforme o presente estudo, desde sua origem até os dias atuais, possui grande dificuldade em trabalhar com aquilo que está fora do templo. Em conformidade, Magali Cunha assim explica:

Os(as) evangélicos(as), brasileiros(as), primordialmente os das correntes históricas, tanto do Protestantismo de Missão quanto do Pentecostalismo, negociam, portanto, a introdução da cultura urbana, a cultura de mercado, da cultura das mídias, relativizando pouco a pouco a dimensão da racionalidade e da restrição aos costumes e preservando traços marcantes de identidade protestante no Brasil: os dualismos igreja/mundo, sagrado/profano; o sectarismo, o antiecumenismo, o clericalismo e o antiintelectualismo. Estes valores não são negados à guisa de se construir um discurso novo; em realidade não está sendo produzido discurso novo: o novo é involucro, a externalidade³¹⁷.

A igreja precisa atuar além das caridades, devendo ter comprometimento comunitário e não visibilidade social. A igreja, assim como os outros organismos que compõem a sociedade, é responsável pela promoção de justiça, de tranquilidade e pela manutenção dessa realidade. Assim, sua forma de atuação deve ser em todos os setores, necessitando desenvolver uma espiritualidade que se opõe a qualquer ação que leve a desumanização. Ela precisa internalizar que a sociedade faz parte da proposta de Deus na terra. Precisa ser notada pela sua ação. Sua atuação deve ser para o

³¹⁷ CUNHA, 2007, p. 195.

desenvolvimento de uma posição crítica, com a postura de transformação social, mediante um sistema capitalista que exclui o ser humano se ele não for dotado de bens materiais³¹⁸.

Em outras palavras, faz-se necessário que a igreja assuma seu papel como a instituição que é, capaz de ir á luta, de ser convincente, de assumir seu papel ativo diante de uma sociedade que vive em constantes lutas por dias melhores. E conforme mencionado, a igreja evangélica representa a voz de milhões de brasileiros.



³¹⁸ FRESTON, 1994, p. 122.

CONCLUSÃO

Propôs-se, na presente pesquisa, abordar as principais manifestações brasileiras dos últimos anos, focando nas ocorridas em junho de 2013 e, ainda, conhecer um pouco mais sobre os evangélicos do Brasil, a fim de entender as principais demandas sociais e qual é a real participação deles nas lutas frente aos problemas do país. Pelo fato de ser um trabalho de cunho acadêmico, fez-se necessário, após o estudo do tema, sugerir, pronunciar, argumentar e expor os dados sobre a atuação da igreja evangélica brasileira nas demandas em questão, tendo, portanto, consciência de que as conclusões estarão abertas a comentários, ampliação do assunto, afirmações e negações. É possível que, através desta pesquisa, não se tenha obtido todas as respostas almejadas, mas isso não a torna menos relevante para a comunidade científica.

No decorrer dos estudos, ficaram perceptíveis quais foram os aspectos gerais que moveram as manifestações. Além disso, o fato de serem apartidárias foi capaz de diferenciá-las dos demais protestos. Pôde-se perceber, também, que a escolha das ruas como palco tão propício para expressar o descontentamento e a indignação, não foi em vão. O que ocorre é que todos os meios de comunicação estão concentrados nas mãos de um pequeno número de pessoas, que usa disso para manipular opiniões. Assim, ao escolher lugares de destaque para expor seus dilemas, os manifestantes roubaram a cena e foram, naqueles momentos, os atores principais da história brasileira.

Pretendeu-se, ainda, mostrar em que momento a presença dos evangélicos no país tornou-se efetiva, quando eles aqui se estabeleceram de forma significativa. Pôde-se perceber que mediante cada tentativa de inserção do protestantismo, teve-se a presença de diferentes grupos, vindos de vários países, e que eles trabalharam dentro das possibilidades que lhes foram permitidas quando chegaram, pelo fato de já existir uma religião considerada oficial. No momento em que houve possibilidade de um trabalho diferente, com a vinda do protestantismo de missão e, mais tarde, os pentecostais, nota-se

que continuaram desenvolvendo um trabalho dentro da proposta que estavam vivenciando em seus países de origem.

Entende-se que compreender a conversão dentro do universo acadêmico traz observações de forma mais racional, ficando claro que é algo de possível observação científica, contudo, possui uma grande contribuição das emoções, cujas influências no entendimento do resultado são inegáveis. É preciso considerar que, a princípio, o que o novo convertido sente está mais voltado às suas emoções, e não propriamente a um entendimento doutrinário daquilo que ele diz estar pretendendo ou seguindo. Após um tempo de mudança é que se tem um real entendimento do ocorrido.

Por fim, propôs-se refletir sobre a posição dos líderes evangélicos diante das manifestações e apontar quais seriam as devidas atitudes da igreja diante das demandas sociais. Para isso, colheu-se, por meio de artigos científicos, boletins, jornais, sites e livros evangélicos a visão que possuíam sobre os protestos ocorridos. Fez-se, também, um levantamento sobre as prioridades do trabalho da igreja evangélica frente aos anseios sociais e, diante das opiniões de vários líderes evangélicos e das observações acerca das atitudes das igrejas, evidenciou-se uma maior preocupação com o mundo espiritual.

O que também se evidenciou, diante dos estudos, foi a presença de diversos fatores que levaram as igrejas evangélicas a ter uma atitude ora positiva, ora negativa e até omissiva diante dos fatos ocorridos. Alguns apresentaram essa ou aquela atitude por motivos históricos, outros, por terem como referência uma base teológica como verdade única.

Ao se pensar nos motivos da ausência da igreja nas demandas sociais, pôde-se perceber que a maioria das decisões dessas traduz a forma alienadora que algumas linhas teológicas impõem em suas práticas – como fundamentalismo, pré-milenarista, milenarista, messianismo e triunfalismo. Por outro lado, há os que entendem a religião evangélica como um nicho de mercado, em que o trabalho é norteado pelas demandas de seus clientes, omitindo-se de assumir um posicionamento ético, que poderia contribuir para uma possível transformação na sociedade.

Outro ponto que deve ser considerado, e que foi defendido pelos líderes evangélicos, é que muitos deles atuaram de forma expressiva, dando suas opiniões e se posicionando de forma positiva diante das manifestações

populares de 2013. Contudo, se comparado aos milhões de evangélicos do Brasil, o número de participantes ainda foi pouco.

Diante dos resultados, o que se propõe aqui é um desafio aos líderes das igrejas evangélicas do país, a fim de que busquem formar, nas suas igrejas, cidadãos mais comprometidos, com ações mais intensas, seja nos bairros, nas cidades, nas vilas ou em quaisquer lugares onde estejam essas igrejas inseridas, influenciando, assim, de forma positiva, nas demandas sociais existentes no local. Com outro olhar e com outras atitudes, que os evangélicos, usando a força da instituição igreja, possam repudiar atitudes que tragam empobrecimento, atos de injustiça e desumanidade na sociedade. É preciso que, antes de tudo, a igreja se assuma como portadora da verdade de Deus na terra, entendendo que a sociedade é alvo da ação de Deus. Ela não é serva do Estado, mas é, sim, influenciadora de suas próprias ações para a promoção de uma vida melhor.

No decorrer da construção desta análise, observou-se que o ideal desejado às igrejas brasileiras seria que essas conseguissem se envolver socialmente e estivessem preparadas e cômicas do seu papel e da sua importância na construção do país, ao invés de continuarem inertes, limitando-se ao seu papel espiritual e se excluindo do tão importante papel social.

É possível, ainda, que a Igreja como instituição não tenha, em nenhum outro momento da sua história, vivido num contexto em que as demandas sociais tenham necessitado de sua efetiva participação para a proposição de novos rumos, o que poderia justificar, em parte, tamanha ausência.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. *Dogmatismo e Tolerância*. São Paulo: Edições Paulinas, 1982.
- ALVES, Rubem. *Protestantismo e repressão*. São Paulo: Editora Ática S.A, 1979.
- ALVES, Rubem. *Religião e repressão*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- ALZAMORRA, Geane; ARCE, Tacyana; UTSCH, Raquel. *Acontecimentos agenciados em rede: Os eventos do Facebook no dispositivo protesto*. In SILVA, Regina Helena Alves da. *Ruas e redes: dinâmicas dos protestos BR*. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2015.
- ARAÚJO, José de Sousa A. Pizarro e. *memórias históricas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945.
- BARBOSA, Nadson. *Opinião: A Igreja e as manifestações populares*. 07 mar./2013. Disponível em <<http://www.nogueirense.com.br/>> Acesso em: 26 mai. 2016.
- BESSA, Ana Paula Valadão. Convocação nacional ore pelo Brasil. IN: MURADAS, Atilano. *O Início da transformação*. Jornal Atos Hoje. Belo Horizonte, 30 de junho de 2013.
- BITTENCOURT FILHO, José. *Matriz religiosa brasileira*. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.
- CAMPILONGO, Celso Fernandes. *Interpretação do direito e os movimentos sociais*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. *O discurso acadêmico de Rubem Alves sobre o “o protestantismo e repressão”*: algumas observações 30 anos depois. Periódico: Religião e sociedade. Rio de Janeiro. 28/ de fev. /2008.
- CARLOS, Natividade Eliane. *A mídia e as manifestações de junho de 2013: uma análise de produtos midiáticos*. São Paulo, 2015, p. 44. Disponível em: <<http://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2015/04/ELIANA-NATIVIDADE-CARLOS./>>. Acesso em: 10 de jul. 2016.
- CASTELLS, Manuel. *Redes de Indignação e Esperança: Movimentos Sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2013.
- CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2013.
- CAVALCANTI, Robson. *Cristianismo e política: teoria bíblica e prática histórica*. 3 ed. São Paulo: Temática Publicações, 1994.
- CÉSAR, Elben M. Lens. *História da evangelização do Brasil*. Viçosa, MG: Ultimato, 2000.

CHAGAS, Tiago. Pode um cristão participar das manifestações contra as autoridades? 21 jun./2013. Disponível em: <<http://www.pulpitocritao.com.br./>>. Acesso em: 27 mai. 2016.

CHAUÍ, Marilena. *Pela responsabilidade intelectual e política*. 31 ag./2013, p. 5. Revista Cult. Disponível em: <<http://www.revistacult.uol.com.br./>>. Acesso em: 23 nov. 2015.

COSTA, Antônio Carlos. *Convulsão protestante: quando a teologia foge do Templo e abraça a rua*. Rio de Janeiro: Editora Mundo Cristão, 2015.

CUNHA, Magali do Nascimento. *Explosão gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico do Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad editora, 2007.

CUNHA, Magali do Nascimento. *Um olhar sobre a perspectiva pública das igrejas evangélicas do Brasil: Análise crítica e possibilidades futuras*. In: CASTRO, Clovis Pinto, CUNHA, Magali do Nascimento PASTORAL URBANA, 2011.

D'ANDRÉA, Carlos; ZILLER, Joana. *Imagens violentas nas manifestações de 2013*. In: SILVA, Regina Helena Alves da. Ruas e redes: dinâmicas dos protestos BR. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2015.

DALGALARRONDO, Paulo. *Religião, psicopatologia & saúde mental*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FIGUEIREDO, Rubens (Org.). *Junho de 2013: a sociedade enfrenta o Estado*. São Paulo: Summus, 2014.

FRIEDRICH, Nestor Paulo. *Protestos nas ruas do Brasil*. São Paulo, 2013. Texto: Disponível em: <www.luteranos.com.br/conteudo/protestos-nas-ruas-do-brasil-1>. Acesso em: 15 dez. 2015

FURTADO, Kevin William Kossar; CORDOVA, Maria Julieta Weber. *Jornadas de Junho: posicionamento de grupos e líderes cristãos*. In: Protestantismo em Revista, vol. 34. RS: ISSN Impressos, 2014.

GOHN, Maria da Glória. *Manifestações de junho de 2013 no Brasil e praças dos indignados no mundo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

INFORGOSPEL. *Pastor Silas Malafaia comenta as manifestações pelo Brasil e pede para vigiar e orar*. 21 jun./2013. Disponível em: <<http://www.inforgospel.com.br./>>. Acessado em 28 jun.de2016.

JORNAL MENSAGEIRO DA PAZ, CPA. *Manifestações no país: para onde estamos indo?* Ano 83. Número 1539. Agosto/2013.

JOSGRIBERG, Rui. Prefacio. IN: CASTRO, Clodovis Pinto de (org.). *Presença pública da igreja em áreas urbanas*. São Bernardo do Campo – SP: Universidade Metodista de São Paulo, 2006.

KAHN, Túlio. *A segurança pública e as manifestações de junho de 2013*. In FIGUEIREDO, Rubens. *Junho de 2013: a sociedade enfrenta o Estado*. São Paulo: Summus editora, 2014.

KOTSCHO, Ricardo. *Explode um novo Brasil – diário da campanha das diretas*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

LOPES, Leiliane Roberta. *É importante ter um propósito claro*, diz Rodovalho sobre as manifestações. 26 jun./2013. Disponível em: <<http://www.noticias.gospelprime.com.br/>>. Acessado em 25 maio/2016.

MACHADO, Ziel. *Sim a Deus, sim à Vida*: Evangélicos redescobrem sua cidadania. Rio de Janeiro: Novo Diálogo, 2011.

MACIEL, Camila. *Protesto contra a PEC 37 na capital paulista*. 22 jun./2013. Disponível em <<http://www.ebc.com.br/>>. Acessado em 22 dez/2015.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *O Celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1984.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa; VELÁSQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

MURADAS, Atilano. *O Início da transformação*. Jornal Atos Hoje. Belo Horizonte, 30 de junho de 2013.

NASCIMENTO, Alexandre do. *Ações afirmativas e jornadas de junho: Tudo a ver!* In: CAVA, Bruno. *amanhã vai ser maior: o levante da multidão no ano que não terminou*. São Paulo: Annablume, 2014.

NOBRE, Marcos. *Choque de democracia: razões da revolta*. São Paulo: Editora Schwartz S.A. Ensaio, 2013.

PRATES, Marco. *As 300 cidades mais populosas do Brasil em 2013*. 09 set./2013. Disponível em: <<http://www.revistaexameabril.com.br/>>. Acesso em: 20 dez. 2015.

PRATES, Marco. *As 300 cidades mais populosas do Brasil em 2013*. 09 set./2013. Disponível em: <<http://www.revistaexameabril.com.br/>>. Acesso em: 20 dez. 2015.

REILY, A.G; VELÁSQUES P. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

REVISTA ESPERANÇA VIVA 2013. *As manifestações e o Evangelho*. 11 mar. /2015. Disponível em: <[http://www.adventistas.org./>](http://www.adventistas.org/). Acesso em: 25 mai.de 2016.

RICCI, Rudá; ARLEY, Patrick. *Nas ruas: a outra política que emergiu em junho de 2013*. Belo Horizonte: Editora Letramento, 2014.

ROCHA, Sânnie. *Clamor de Uma Nação*. Revista Comunhão. Espírito Santo: Next Editorial, N° 212. Abril, 2015.

SALLUM JR, Brasília. *O Impeachment de Fernando Collor: sociologia de uma crise*. São Paulo: Editora 34, 2015.

SANTOS, Jorge Pinheiro. *Política e protestantismo ocupam as ruas: reflexões sobre as mobilizações de junho de 2013*. Estudos de Religião, v.27, n.1. RS: ISSN Impressos, 2013.

SANTOS, Mariana Corrêa dos. *Corpos em movimento: Black Bloc carioca e representações de resistência*. In: CAVA, Bruno e COCCO, Giuseppe (org.). *Amanhã vai ser maior: o levante da multidão no ao que não terminou*. São Paulo: Annablume, 2014.

SOUZA JR, Daniel de Almeida. SANTOS, Lyndon de Araújo. *Cartilha cidadã: os evangélicos e a transformação social*. 2014, p. 5. Disponível em: <[http://www.aliancaevangelica.org.br/>](http://www.aliancaevangelica.org.br/). Acesso em: 12 mai. 2016.

SCHWARZ, Roberto. *Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brás*. São Paulo: Editora Boitempo - Carta Maior, 2013.

SILVA, Regina Helena Alves (Org.). *Ruas e redes: dinâmicas dos protestos*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

VOZES SILENCIADAS – *mídia e protestos: a cobertura das manifestações de junho de 2013 nos jornais O Estado de São Paulo, Folha de São Paulo e O Globo*. São Paulo: Intervozes – Coletivo Brasil de Comunicação Social, 2014. Disponível em: <[http://www.youblisher.com/p/1075769-Vozes-Silenciadas-Midia-e-Protestos/>](http://www.youblisher.com/p/1075769-Vozes-Silenciadas-Midia-e-Protestos/). Acesso em: 20 de dez. 2015.

WEBER, Max. *Sociologia das religiões*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2006.

WINTTEGENSTEIN, Ludwig, 1968 *apud* ALVES, Rubem. *Dogmatismo e tolerância*. São Paulo: Edições Paulinas, 1982.